



*Que o mundo todo é gaiola / E a vida é Guriatã.*

In: *Guriatã – um cordel para menino*, de Marcus Accioly, poeta pernambucano. Prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores (Rio).

## SEÇÕES

Editorial  
Artigos e Ensaios  
Poesia  
Ficção  
Outros Textos  
Discursos  
Registro  
Diversos



Guriatã



# Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Julho de 2020 – Nº 3 – ISSN 2446-5615

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA – Nº 3 – 2020



**PATRONO DA ACADEMIA  
DE LETRAS DE ITABUNA**

**ADONIAS FILHO**

**DIRETORIA DA ACADEMIA  
DE LETRAS DE ITABUNA**

Presidente  
Silmara Santos Oliveira

Vice-Presidente  
Lurdes Bertol Rocha

1ª Secretária  
Sônia Carvalho de Almeida Maron

2ª secretária  
Sione Porto

1º Tesoureiro  
João Otávio Oliveira Macedo

2º Tesoureiro  
Janete Ruiz Macedo

Editor da Revista  
Cyro de Mattos

Diretor da Biblioteca  
Ruy do Carmo Póvoas

Diretora de Arquivo  
Raimunda Alves Moreira de Assis

Diretora de Informática  
Raquel Silva Rocha

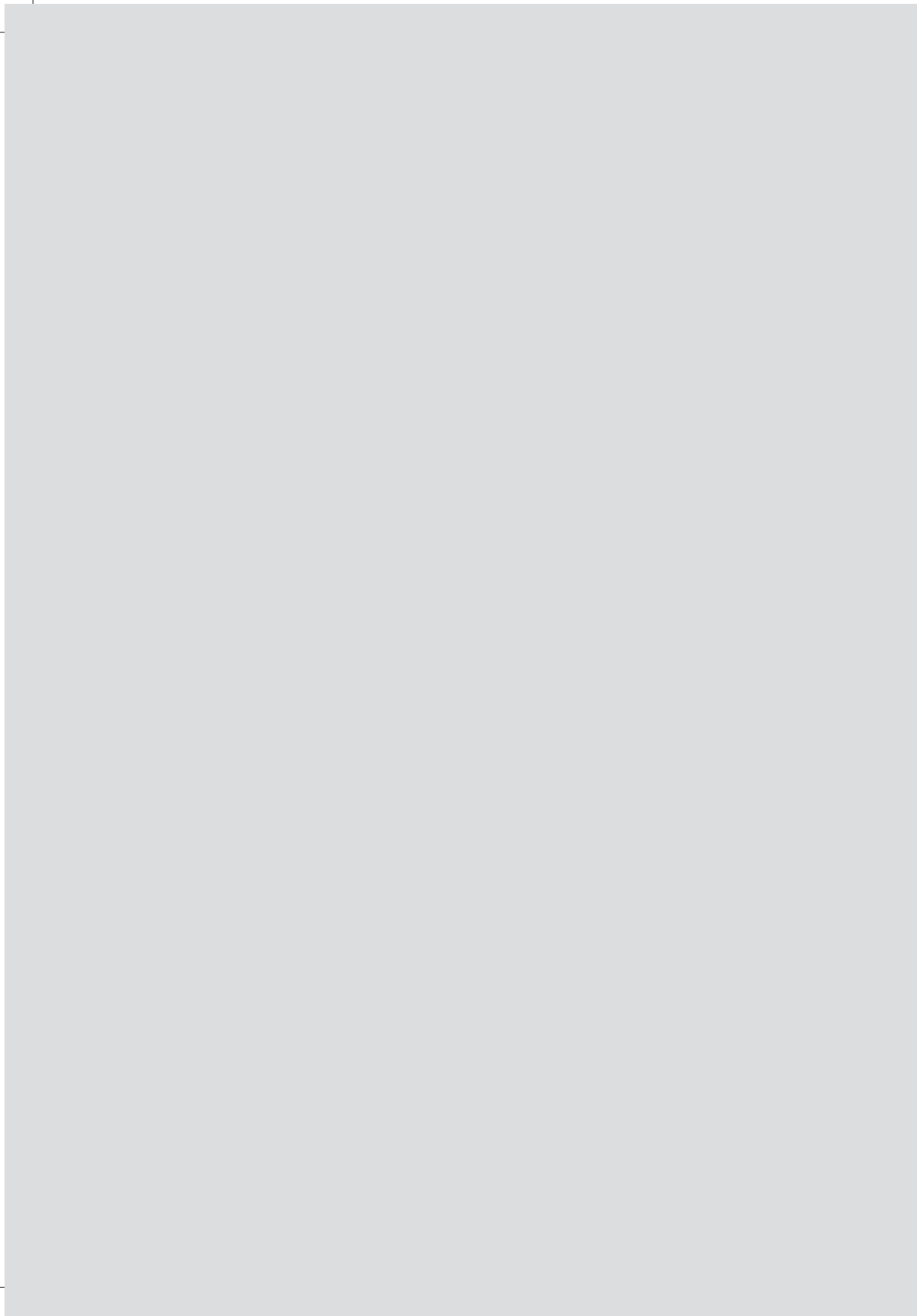
Diretora de Comunicação  
Celina Silva dos Santos

Diretor de Pesquisa, Projetos e  
Ações Culturais  
Marcos Antonio Santos Bandeira



# Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA





# Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Julho de 2020 — Nº 3 — ISSN 2446-5615

Bahia, Itabuna  
2020

Copyright © 2020 by Academia de Letras de Itabuna (ALITA)

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito dos autores.

**Presidente da Academia de Letras de Itabuna**

Silmara Santos Oliveira

**Editor da Revista**

Cyro de Mattos

**Conselho Editorial**

Lurdes Bertol

Maria de Lourdes Netto Simões

Sônia Carvalho de Almeida Maron

**Revisão**

Cyro de Mattos

**Diagramação**

samuel.tabosa@gmail.com

**Impressão e Acabamento**



Rua Mello Moraes Filho, nº 189, Fazenda Grande do Retiro  
Salvador/Ba - CEP: 40.350-900 - Tels.: 71 3116-2837/2838  
encomendas@egba.ba.gov.br - www.egba.ba.gov.br

A ideia do nome Guriatã para a revista e a da capa e contracapa com o pássaro é do acadêmico Cyro de Mattos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Guriatã — Revista da Academia de Letras de Itabuna. n. 3, (2020).

Publicação da Academia de Letras de Itabuna (ALITA). Itabuna-Bahia: Libri Editorial, julho de 2020.

164 p.: il. ; 22 cm.

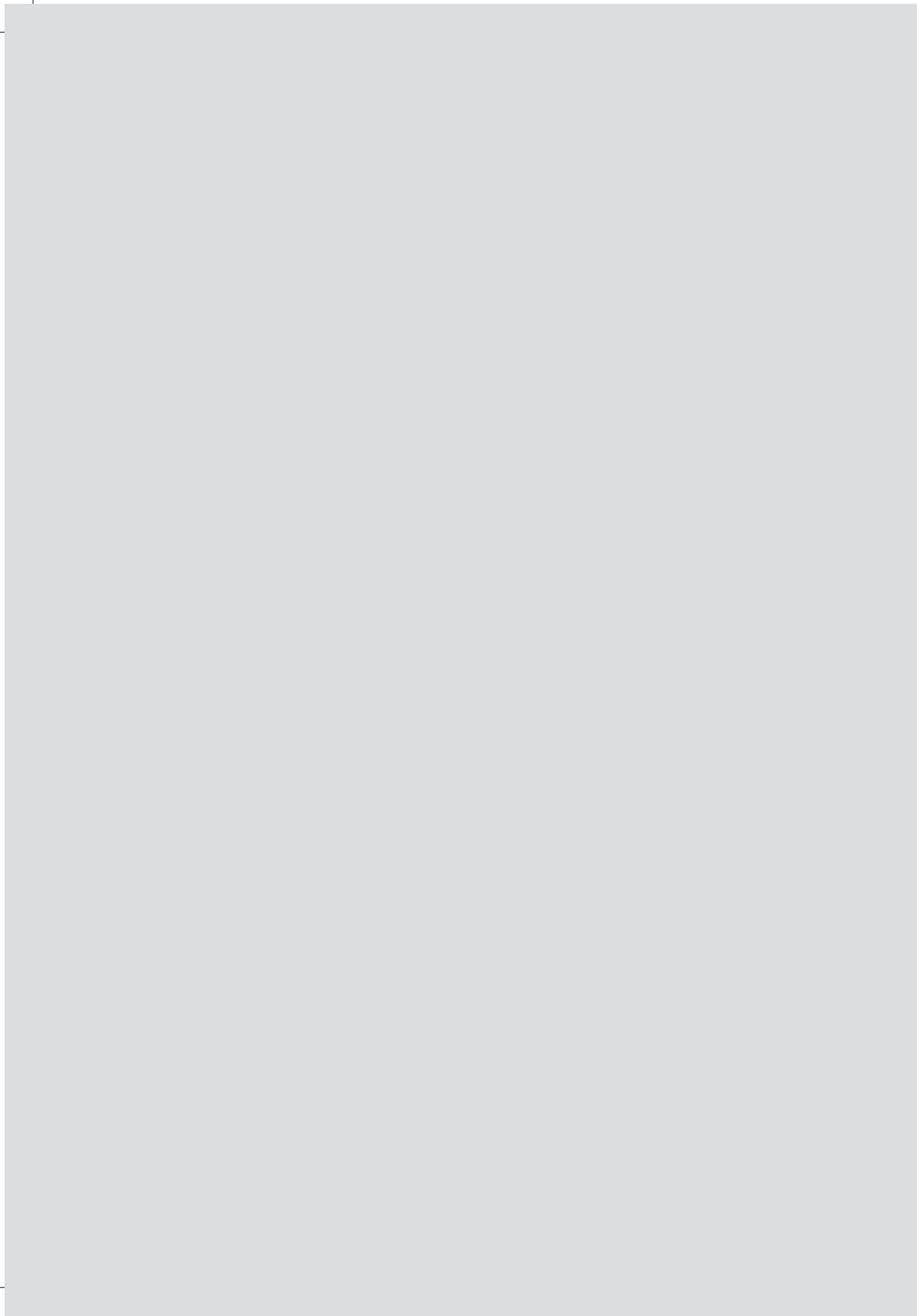
ISSN 2446-5615

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Poesias. 4. Poemas. I. Título.

CDU: 82.34; 82-1; 7.04

---

# SUMÁRIO



## **EDITORIAL**

Revista como pássaro das letras e da cultura.....	13
<i>Cyro de Mattos</i>	

## **ARTIGOS E ENSAIOS**

Os textos não literários de Adonias Filho: perspectivas em aberto .....	17
<i>Marcus Mota</i>	
Luanda Beira Bahia: espírito do lugar, memória, ficção .....	24
<i>Reheniglei Rehem</i>	
Autoconsciência textual em dois poemas de Florisvaldo Mattos .....	31
<i>Heloísa Prazeres</i>	
Dostoievski e o romance russo .....	38
<i>Cyro de Mattos</i>	

## **POESIA**

Quatro poemas .....	49
<i>Telmo Padilha</i>	
Três poemas .....	52
<i>Valdelice Pinheiro</i>	
Três poemas .....	55
<i>Walker Luna</i>	
Três poemas .....	56
<i>Ruy Póvoas</i>	
Dois poemas .....	58
<i>Ceres Marylise</i>	
Dois poemas.....	61
<i>Renato Prata</i>	
Dois poemas.....	63
<i>Heloísa Prazeres</i>	



## **FICÇÃO**

Adeus, Pisquilo! ..... 67  
*Aramis Ribeiro Costa*

Encantação ..... 71  
*Gerana Damulakis*

Fim, ponto ..... 74  
*Lilia Gramacho*

## **OUTROS TEXTOS**

Ângelo Roberto no paraíso ..... 81  
*Ruy Espinheira Filho*

As aventuras de Pi ..... 83  
*Raquel Rocha*

Ontem e hoje ..... 86  
*João Otávio*

*O velho Campo da Desportiva*..... 90  
*Silmara Oliveira*

## **DISCURSOS**

Da acadêmica Silmara Oliveira ao tomar posse na presidência da  
Academia de Letras de Itabuna (ALITA) ..... 97

De recepção à acadêmica Silmara Santos Oliveira como presidente da  
Academia de Letras de Itabuna (ALITA) ..... 103  
*Sônia Carvalho de Almeida Maron*

Na despedida do Bispo da Diocese de Itabuna Dom Ceslau Stanula ..... 109  
*Sônia Carvalho de Almeida Maron*

Da outorga do primeiro título de Doutor Honoris Causa da UESC.....	114
<i>Cyro de Mattos</i>	

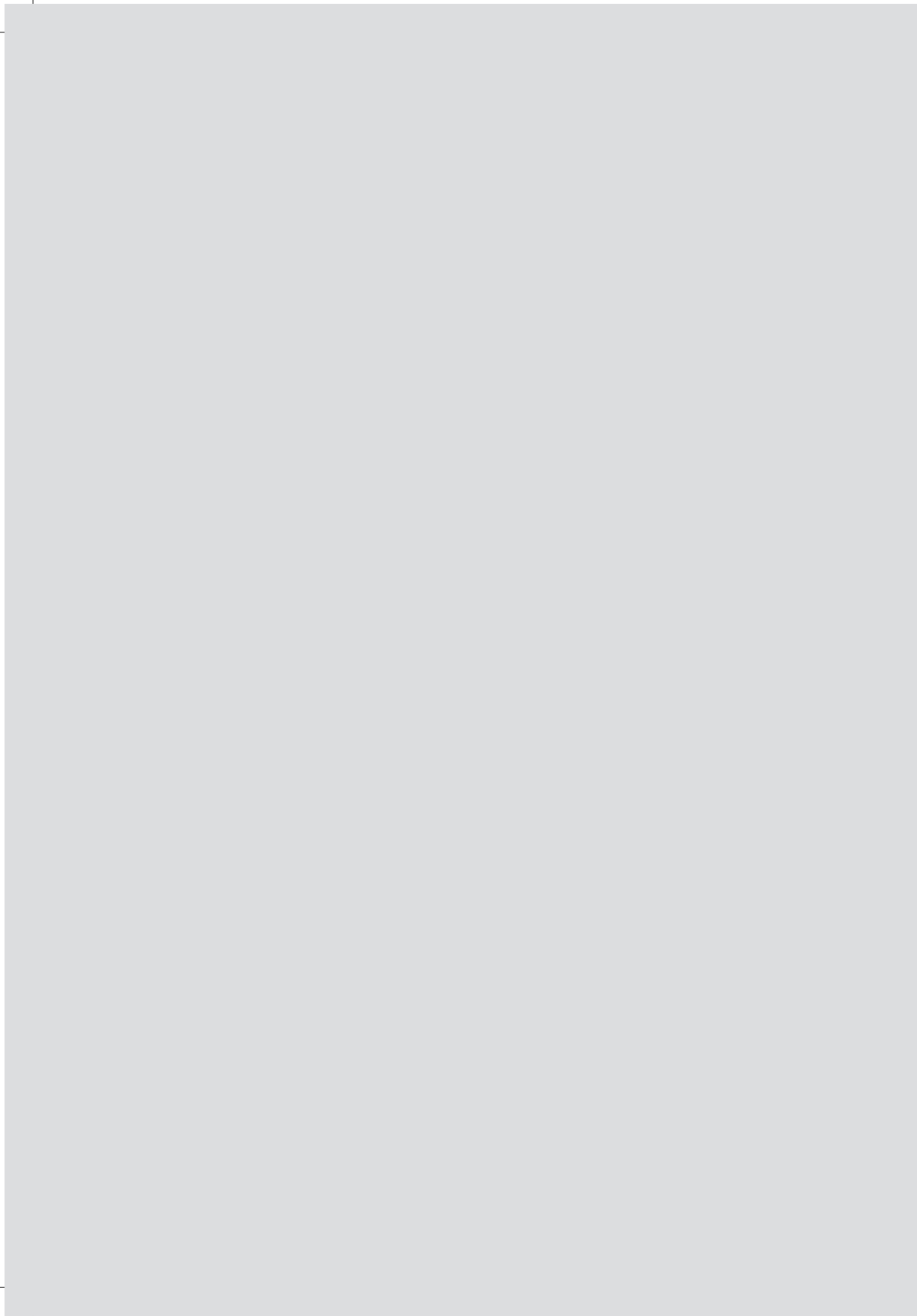
## **REGISTRO**

Silmara Oliveira é nova presidente da Academia de Letras de Itabuna — ALITA.....	125
Margarida Fahel estreia pela editora Mondrongo com romance de fôlego...	127
Ruy Póvoas é destaque em prêmio nacional de literatura .....	129
Aleilton Fonseca agora é membro da Academia de Letras de Ilhéus.....	131
Cyro de Mattos é eleito membro efetivo da Academia de Letras da Bahia...	133
Câmara de Vereadores reverencia Ruy Póvoas.....	135
Janete Ruiz de Macedo em tempo de história e memória.....	137
Alguns livros de Cyro de Mattos publicados no Brasil e Exterior (2016/17)...	139
Livro comemorativo de 100 anos de magistério de Ruy Póvoas .....	146
Acadêmica alitana Lurdes Bertol na coletânea <i>Geografia e ensino</i> .....	147
Editora da UESC publica estudos sobre a obra de Cyro de Mattos.....	148
Poesia de Valdelice Pinheiro é traduzida e divulgada na Espanha .....	149
Maria de Lourdes Netto Simões com novo livro de ensaios .....	151
Margarida Fahel e seu segundo romance: <i>Entre margens</i> .....	152
Jurista Edvaldo Brito empossado na Academia de Letras da Bahia.....	154
Sobre <i>Poemas de terreiro e orixás</i> .....	156

## **DIVERSOS**

Quadro Social da ALITA.....	161
Nome da revista.....	162
Fundadores — 19/04/2011.....	163
Primeira cerimônia de posse (foto).....	164

# **EDITORIAL**



## Revista como pássaro das letras e da cultura

Depois de algum tempo recolhida, por motivo de força maior, a Academia de Letras de Itabuna (ALITA) retoma a sua jornada iniciada em 19 de abril de 2011, visando contribuir com a valorização das letras e da cultura. Um de seus ideais é dialogar e interagir com a comunidade para promover e defender a liberdade de expressão. Revestir o mundo com um lastro de razões e emoções por meio dos sinais visíveis da escrita.

Não é fácil a caminhada. Faltam recursos, há desinteresse dos órgãos públicos e entidades privadas, com raríssimas exceções. Apesar disso, superando obstáculos, a Academia publica dessa vez o terceiro número da revista **Guriatã**, correspondendo ao período compreendido entre 2006 e 2019. Mantém o formato de suas seções, como nos dois primeiros números. Sua diagramação gráfica está distribuída nas seções Artigos e Ensaios, Poesia, Ficção, Outros Textos, Discursos, Registros e Diversos.

Traz textos assinados pelos membros Aramis Ribeiro Costa, Cyro de Mattos, Silmara Oliveira, Ruy Póvoas, Ceres Marylise, Renato de Oliveira Prata e João Otávio. Apresenta quatro poemas de Telmo Padilha, patrono da cadeira 7, selecionados de *Provação*, livro póstumo, que teve edição independente, graças à iniciativa da família do autor, tornando-se por isso mesmo raridade bibliográfica. É livro de conteúdo humano intensamente sofrido, na forma confessional, decorrente da morte prematura do filho do autor. É um poema longo de poeta maior, tecido com uma dor pungente e profunda. Temos a participação de Valdelice Pinheiro, patrona da cadeira 14, através de três poemas desconhecidos, que não estão inclusos em algum de seus livros e que até o momento se achavam dispersos.

Também vamos encontrar o discurso de posse, na presidência da instituição, da professora Silmara Santos Oliveira e o de recepção

por Sônia Carvalho de Almeida Maron. Três poemas do itabunense Walker Luna, patrono da cadeira 9, poeta esquecido, de qualidades expressivas com fortes tonalidades existenciais. Como convidados comparecem às páginas desse número a poeta itabunense Heloísa Prazeres, o cronista e poeta Ruy Espinheira Filho, a ensaísta Gerana Damulakis com um conto, o doutor em dramaturgia Marcus Mota, da Universidade de Brasília, a professora da UESC Reheniglei Rehem, doutora em Letras, com um ensaio precioso sobre a obra de Adonias Filho, o patrono da Academia, e a escritora Lilia Gramacho, comunicadora itabunense radicada em Salvador.

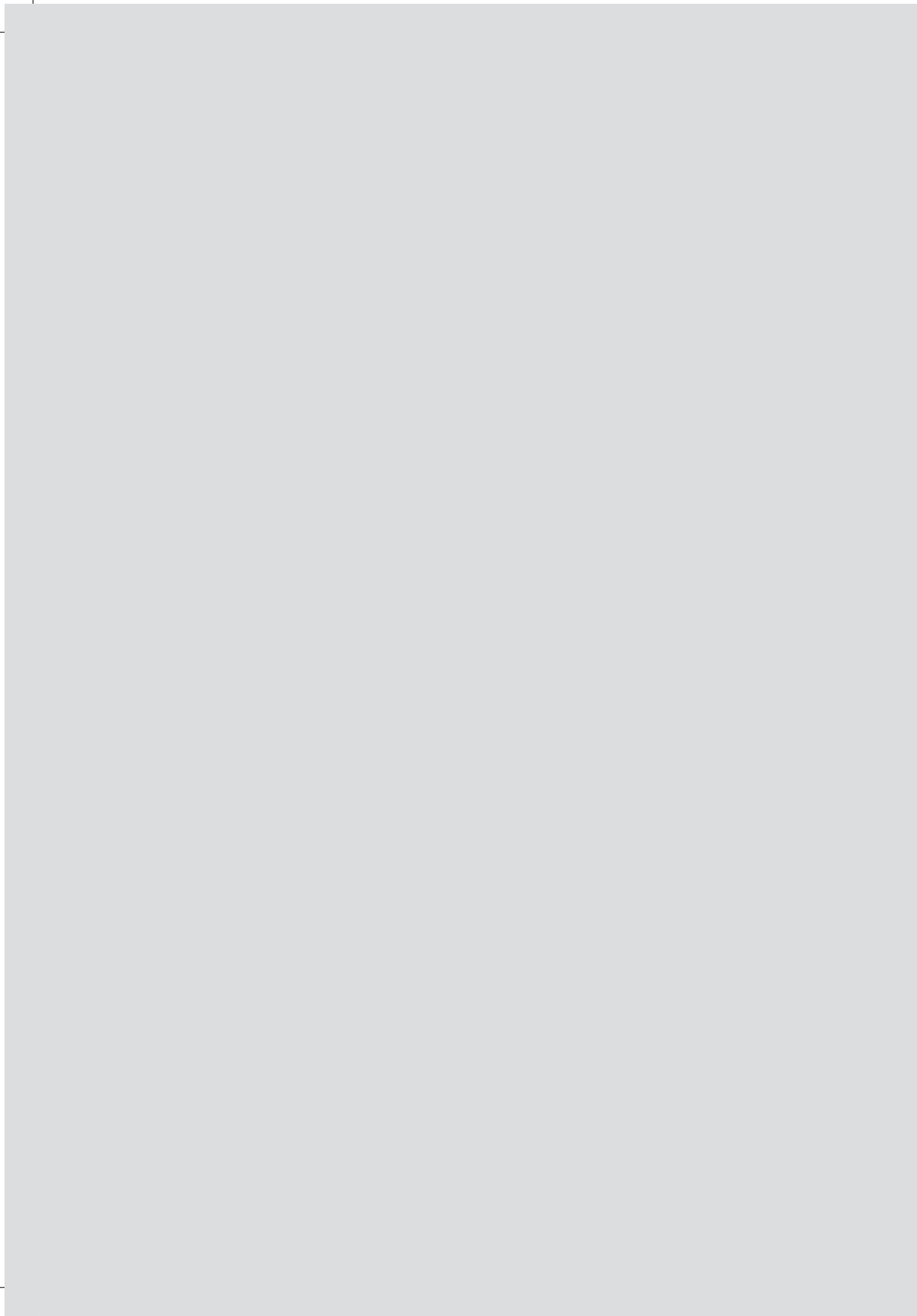
A revista comporta o pensamento e o sentimento como crença de que o veículo dessa natureza impresso ainda funciona no contexto de tempos atuais, em que prevalece a imagem visual e/ou a linguagem internética, movida pela rapidez e globalização do que transmite.

Como cidadela de resistência, arquitetada na palavra escrita, aí temos mais uma vez o canto de nossa **Guriatã** para repercutir em espaço de construção de conhecimentos, permuta de experiências literárias, em especial as que são produzidas na Região Sul da Bahia.

**Cyro de Mattos**  
Editor da Revista

# **ARTIGOS E ENSAIOS**





## Os textos não literários de Adonias Filho: perspectivas em aberto

Marcus Mota\*

**E**mbora Adonias Filho seja mais conhecido por suas obras ficcionais, acima de tudo ele foi um escritor engajado no uso da palavra em suas mais diversas modalidades e situações: crítica literária, divulgação de ideias, debates políticos, crônicas, pareceres técnicos, prefácios etc.

O material resultante é imenso e ainda não catalogado. O volume gigantesco das fontes aponta para a necessidade de edição desse material como forma de subsidiar sua apreciação. Para introduzir o tema, parto de um viés pouco explorado na bibliografia sobre Adonias Filho: a rubrica *ensaísmo ideológico*.<sup>[1]</sup>

Como se sabe, Adonias Filho não seguiu em sua carreira o tradicional percurso que se esperava de jovens intelectuais brasileiros — o diploma de bacharel. Depois de concluir seus estudos secundários em 1934, parte em 1936 para o Rio de Janeiro e trabalha em jornais e editoras. O trabalho em redações de jornais o acompanha em grande parte de sua vida, tendo sido eleito, durante o período da ditadura militar, presidente da Associação Brasileira de Imprensa (1972-1974). Mesmo como secundarista escrevia para jornais de Salvador — *Diário de Notícias* e *O Impacial*.<sup>[2]</sup>

Tal projeto ideológico conservador o acompanha durante toda sua vida. Seja nos textos nos jornais, seja em outras publicações,

---

\* Professor de Teoria e História do Teatro na Universidade de Brasília. É dramaturgo e compositor com diversos espetáculos realizados, entre eles os musicais *As partes todas de um Benefício* (2003), *Salada para três* (2003), *Um dia de Festa* (2004) *Saul* (2006), *Caliban* (2007), *No Muro* (2009), *David* (2012), *Sete contra Tebas* (2013) e *Uma noite de Natal* (2013).

Adonias Filho não apenas veicula seu credo metafísico na palavra escrita: também transforma essa palavra em diversas ações e participações na vida pública. Sobre os escritos, além dos textos nos jornais, temos outras publicações nessa linha:

1. *Bloqueio Cultural* (Martins Fontes, 1964).
2. *O cidadão e o civismo: Educação Moral e Cívica, suas finalidades* (Ibrasa/INL, 1982).
3. *Estradas do Brasil* (Editora Image. Ministério dos Transportes, 1973).



Foto: Arquivo do Museu Adonias Filho

Adonias Filho, ex-ministro Eduardo Portella e Gilberto Freyre.

O primeiro livro dialoga com o *Renascimento do Homem*, apresentando uma abordagem atualizada do embate ideológico durante o período da Guerra Fria. Como no ensaio de 1937, Adonias percorre diversos autores sem construir uma argumentação: a estilização do texto expande teses acatadas de antemão. Em todo caso trata-se de proposições de cunho universalizante, com a defesa de valores maiores como a 'liberdade'. A abstração resultante adquire um caráter coercitivo e definitivo, como se os valores em si mesmos se justificassem.

Para a segunda publicação, organizada por Adonias Filho, nosso autor escreveu um capítulo, “Pequeno ensaio sobre o cidadão e o civismo”, realizando uma espécie de aplicação didática desses valores. Novamente não há discussão: os valores se impõem a partir de sua apresentação apriorística. Em sua generalidade e amplo espectro, tais valores são a base de uma sociedade. O consenso é construído a partir do acatamento das premissas. No projeto ideológico de Adonias Filho há essa tentativa de fazer valer no aqui e agora um mundo das ideias perfeito em si mesmo.

O terceiro texto é uma variação local desse projeto ideológico: o desenvolvimentismo em que a “revolução rodoviária” é uma de suas faces. Adonias faz a apresentação de um catálogo de fotos que manifestam a integração nacional via asfalto. Não é por acaso que este tema encontrará contrapartida ficcional na obra *Fora de Pista* (Civilização Brasileira, 1978): embora Adonias Filho deixasse bem claro seu intento de autonomizar sua produção ficcional frente a textos de outra natureza, em diversos momentos há uma aproximação entre tais realizações.

O caso do ensaio *Sul da Bahia: Chão de Cacau* (Civilização Brasileira, 1976) é sintomático: o livro apresenta uma grande pesquisa em fontes e documentos, como se vê na bibliografia, embora Adonias Filho não tivesse formação para realizar tal empreendimento. O livro acaba por ser uma defesa de instituições técnicas responsáveis por planejar e organizar as ações da cultura cacauífera, após um levantamento histórico de tipos e ideias e períodos cronológicos dessa cultura.<sup>[4]</sup> A contrapartida ficcional desse ensaio está no *Auto de Ilhéus* (Civilização Brasileira), que segue a cronologia exposta em *Sul da Bahia: Chão de Cacau*.

Ainda nessa linha, o romance *Luanda Beira Bahia* (Civilização Brasileira, 1971) articula-se com a prévia viagem como delegado ao II Congresso das Comunidades de Cultura Portuguesa em Moçambique, ocorrida em 1967. A formação de um discurso cultural pró-África dentro da agenda política brasileira em fins de anos 1960 passa pela ficção adoniana.<sup>[5]</sup>



Jorge Amado, Gabriel Garcia Marquez, Adonias Filho.

Há casos híbridos: o romance *Um homem de Branco* (Bertrand Brasil, 1987) é uma biografia romanceada do fundador da Cruz Vermelha, Jean-Henri Dumont. Destina-se a formar valores para um público juvenil. Daí seu hibridismo: misto de educação moral e narrativa.

Essa linha propedêutica acompanhou Adonias Filho há muito em sua carreira, em diversas das atividades paralelas ao mundo das letras: cursos para professores, participação em bancas de exame de magistério, resenhas de livros didáticos e discussão de questões ligadas ao livro didático e à educação e em seus textos nos jornais e revistas. Além disso, cabe acrescentar sua participação em organismos culturais como a Biblioteca Nacional (1961-1971) e o Conselho Federal de Cultura, os quais tinham repercussão direta em questões educacionais.

Ainda antes, em seus primeiros trabalhos profissionais, Adonias Filho moveu-se por esses ideais formativos ao traduzir obras como *Gaspar Hauser*, de Jacob Wassermann (EPASA, 1943), *A família Brontë*, de Robert de Traz (Editora Pan Americana, 1944), *O pântano do diabo*, de George Sand (Editora Pan Americana, 1944), *Golovin*, de Jakob Wassermann (Editora Ocidente, 1944), *O processo Maurizius*, de Jacob Wassermann (Editora Olympio, 1946), esta em parceria com o romancista Octávio de Faria.

Essa intensidade editorial será depois retomada em sua parceria com a Ediouro/Tecnoprint na tradução e adaptação de obras paradidáticas, na maioria das vezes do polígrafo catalão José Nogueira Poch. Trata-se da coleção Os grandes Personagens e A História e de biografias de grandes figuras históricas. Entre os títulos temos: *Sócrates (o mais sábio dos homens)*, *Demóstenes (O leão de Atenas)*, *Aristóteles (Vida de Aristóteles-Símbolo da Sabedoria Humana)*, *Alexandre o Grande*, *Arquimedes (O maior dos sábios da Antiguidade)*, *Júlio César (o Senhor do Mundo)*,<sup>[6]</sup> *Sêneca (Contemporâneo de todas as épocas)*, *Carlos Magno*, *Ricardo Coração de Leão*, *Leonardo Da Vinci (o Homem da Renascença)*, *Miguel Angelo (O mestre dos mestres)*,<sup>[7]</sup> *Joana Darc (A donzela de Orleans)*, *Cristóvão Colombo (o descobridor)*, *Napoleão (O filho da revolução)*. Tais biografias para o público infantojuvenil foram apresentadas em edições de bolso, baratas, entre 90 e 160 páginas. De fato, mesmo sendo adaptações de originais, demandaram grande energia e tempo por parte de Adonias Filho. Assim se aproximam momentos iniciais e finais da carreira de Adonias Filho: uma produção intensa de obras não originais para o mercado, obras estas marcadas por um caráter formativo, inspiracional.

Assim, par a par com seu projeto ficcional, Adonias Filho realizava um projeto intervencionista na cultura nacional ao prover publicações para o grande público que evidenciam escolhas axiológicas bem claras: a defesa de um humanismo heroico-trágico, o das figuras isoladas que contribuem para todas e pouco se beneficiam dessa contribuição. Desse modo, mesmo que haja uma crítica, uma oposição a algo, esse humanismo heroico-trágico não se concentra na denúncia, e sim na aceitação, na resignação, pois, o bem maior, a doação suprema, passa pela automortificação.

Como se pode observar, mais para o fim de sua carreira literária, os títulos não literários e/ou de perfil híbrido predominam: Adonias vai despedindo-se da 'grande literatura' para cumprir um papel de formador de opinião e produtor de obras paradidáticas. Não se trata de mensurar esse movimento em uma escala, propondo algo como literatura maior ou menor. São projetos escriturais diferentes.

Exemplo disso temos, por exemplo, o texto *Uma Nota de Cem* (Ediouro 1973). Esse apólogo moral moderno, mesmo que eivado de digressões sobre a cobiça e corrupção dos costumes, possui em vários momentos a assinatura de um grande estilista do idioma. E mais: em 1937, iniciando-se em sua produção textual publicada, sob o pseudônimo de Raul, Adonias publica uma narrativa chamada 'História de um vintém', cuja protagonista, uma moeda, faz crítica ao materialismo e à ambição muito comuns na sociedade.<sup>[8]</sup>

Dessa forma ligam-se as pontas: o escritor que se inicia em livro com o ensaísmo de *O Renascimento do Homem* em 1937 sempre teve em mente os grandes valores, a utopia, o uso da escrita como um instrumento de intervenção cultural. Este ambicioso projeto desdobrava-se no autoesclarecimento e nas publicações que objetivavam insuflar este ânimo pelas maiores e melhores coisas.

É assim que se faziam os intelectuais nos trópicos: estes se dedicavam a causas e ideias em si muito relevantes, mesmo que muitas vezes sem nenhum resultado efetivo além da formação de grupos ligados por interesses mútuos.

Em todo caso, seus últimos livros, seu canto do cisne, demonstram um vigor outro, alheio ao autismo das ideias e dos ideais: *Os Bonecos de Seu Pope* (Ediouro, 1990) e o póstumo *O Menino e o Cedro* (FTD, 1992) apresentam uma superação do melancólico estoicismo dos trágicos heróis da cultura em prol do fantástico, do extraordinário da vida em seus instantes entre o fascínio e a fragilidade da beleza e a brutalidade dos homens e das coisas.

## Apêndice

Nas crônicas escritas para o jornal *Última Hora*, Adonias Filho assume um papel mais beligerante, defendendo e atacando posições dentro da dicotomia mundo ocidental versus comunismo.<sup>[9]</sup> Como forma de indicação para outras leituras e para compreensão de outras facetas de Adonias Filho, aponto as seguintes crônicas:

*"A ideia e o terror final"*, de 18/11/1983;  
*"A Ilha"*, de 20/12/1983;  
*"A nossa igreja"*, de 22/03/1983;  
*"As direitas e o voto livre"*, de 8/11/1983;  
*"As patrulhas ideológicas"*, de 2/08/1983;  
*"Economias em confronto"*, de 19/04/1983;  
*"A estatização dos bancos"*, de 24/05/1983;  
*"A Rússia e a União Soviética"*, de 21/09/1983;  
*"A engenharia"*, de 13/12/1983;  
*"A denúncia"*, de 27/12/1983;  
*"Escolaridade e trabalho"*, 18/01/1983;  
*"Futuro sem futuro"*, de 12/04/1983;  
*"Goeldi"*, 10/01/1984;  
*"O intelectual e a revolução"*, 25/01/1983;  
*"No fundo das cavernas"*, 13/12/1983;  
*"O equívoco socialista"*, 31/05/1983;  
*"O espectro de Marx"*, 29/03/1983;  
*"O fracasso socialista"*, 7/02/1984;  
*"O pesadelo do Rio"*, 17/05/1983;  
*"O poder conservador"*, 15/03/1983;  
*"O problema habitacional"*, 26/04/1983;  
*"O quadro negro"*, 31/01/1984;  
*"O voto facultativo"*, 6/12/1983;  
*"Os conservadores"*, 8/02/1983;  
*"Os motins contra Mitterrand"*, 10/05/1983;  
*"O outro Vietnã"*, 26/07/1983;  
*"Que democracia é esta?"*, 12/07/1983;  
*"O terror tribal"*, 3/05/1983;  
*"Um ano começa"*, 03/01/1984;  
*"Um quadro assustador"*, 7/07/1983;  
*"A Unesco e a imprensa"*, 14/02/1984;  
*"Voltando ao que já fomos"*, 21/06/1983;  
*"Um ano roxo"*, 11/01/1983.



## Luanda Beira Bahia: espírito do lugar, memória, ficção

Reheniglei Rehem\*

O que pode nos sugerir este tema? E o que pode nos dizer este breve estudo sobre *Luanda Beira Bahia*, romance de Adonias Filho publicado há mais de quarenta anos? Talvez para responder estas perguntas seja necessário falar de descrições de ambiências humanas e culturais; falar das coisas que não sendo palpáveis, não sendo visíveis, tornam os lugares e as pessoas no que eles são. Dizer ainda como Adonias Filho descreve paisagens, da terra e do mar, da América do Sul e da África Meridional, mostrando a imagem física de continentes e cidades que retemos na memória sensorial, daquela imagem que nos traz o cheiro do mar por vezes longínquo ao amanhecer, a umidade da brisa que se cola à pele e o calor refletido nos portos, nas casas, ao entardecer, no verão de Ilhéus, por exemplo. Serão estas sensações espaciais mais imaginadas do que concretas? Podem ser, mas nem por isso menos caracterizadoras de uma cidade ou qualquer outro lugar distante que cada um de nós traz em si no plano da memória e da ficção.

Estruturado em dois capítulos, contendo o primeiro deles seis episódios e o segundo um epílogo, o romance *Luanda Beira Bahia* mostra as ligações entre o Brasil, Angola e Moçambique, decorrentes do processo histórico marcado pela colonização portuguesa.

Isto, desde a semelhança linguística e cultural, até mesmo a semelhança geográfica, se compararmos as topografias das referidas

---

\* Professora titular da UESC. Doutora em Letras/Teoria Literária pela UFRJ/Université Paris 8. Possui pós-doutorado em TIC/Ciberliteratura, também pela UP8 (França). et *Etudiants Brésiliens en France* (França) e da ELO — *Electronic Literature Organization Conference* (EUA).

idades. No enredo, há um herói nascido no Brasil, na baía de Pontal (bairro da cidade de Ilhéus, Sul da Bahia), resultado da união de Morena (mulata) e João Joanes (descendente de português). Quando Caúla completou dois anos, seu pai desapareceu aventurando-se em outros mares. O garoto cresce percebendo toda a agonia da mãe e com a ilusão do retorno do pai. Com a morte dela, nada mais o prendia a sua terra natal. Ele agora podia seguir o mesmo destino do seu pai realizando uma longa viagem marítima em direção à África. Daí, cada episódio é intermediado por passagens descritivas com diálogos entre os personagens que aparecem e variam entre lugares e aonde vão se tecendo intervalos que reproduzem conversas entre o protagonista-viajante, Caúla, e os seus interlocutores de diferentes paradas, lugares, cidades e portos.

Assim resumido, este enredo pode nos servir de elemento-chave para discussões literárias sobre o que é contado e o que é apreendido nas narrações carregadas de imaginação. O citado romance descreve cidades dividindo-as em vários tipos: Ilhéus e Salvador da Bahia (Brasil), Luanda (Angola) e Beira (Moçambique). Lugares reais, mas também imaginários, que formam o título da obra com nomes femininos: *Luanda, Beira e Bahia*. A partir disso, Adonias consegue criar descrições de cidades reais que nos colocam a pensar e a imaginar nossa relação com os ambientes ao redor. Cidades que são espelhadas, parecidas em relevos e semelhantes nas suas origens e história, com povoados formados por uma raça comum, a negra, a afrodescendente. Em cada uma delas uma sugestão, uma imagem. Nelas, Adonias consegue deixar claro que, mesmo distantes, essas cidades coexistem na história, na memória e, principalmente, na imaginação de cada um dos seus personagens, que se movimentam na descrição cartográfica de micro a macrocosmos, de cidades, lugares e continentes:

Nuvens baixas e grossas ocultavam *Ilhéus*, vista dali em mar grande e livre. Atrás, muito atrás, e com as gaivotas, ficaram a barra e o farol no morro do *Pontal* [...]. A linha que se iniciava, das montanhas distantes com os picos encontrando o céu, apenas terminaria em

*Salvador* [...]. E aquele oceano sem fim, já agora com o sol por cima, mais belo pareceu a Caúla. Mestre Vitorino, mostrando a distância com a mão, disse: — É lá que fica a *África*. (Adonias Filho, 1977, p. 33). Grifos nossos.

Levando-se em conta esta citação e a etimologia da palavra “utopia”, que vem do grego *topos* (lugar), esse termo pode ser entendido como a contração de *ou* mais *topos*, o qual por sua vez pode significar “nenhum lugar”. Também aqui caberia a contração do termo *eu* com *topos*, que daria o conceito de “lugar feliz”, ou o sentido total de utopia. Sobre esse paradoxo, poderíamos dizer, antecipadamente, que neste romance, lugar feliz é todo lugar, é Ilhéus, Luanda, Brasil, África. Parece-nos que aqui Adonias Filho prefere paisagens concretas de cidades que não disfarçam o fato de serem feitas de papel e tinta. É a cartografia, o mapa como metáfora do conhecimento — as ruínas circulares e a biblioteca de Babel de Borges, as cidades de Cortázar, de Umberto Eco e de Italo Calvino, por exemplo. E este escritor baiano reúne neste seu romance paisagens etéreas do Brasil e da África que descansam em algum lugar no fundo dos livros, de utopias e pesadelos, como se ele inventasse regras específicas para esse seu livro: um pouco de inferno, muito de paraíso e muitas viagens. E como se ele nos dissesse, e como é de se esperar: “— Quem viaja tem muito o que contar”.

Nesse sentido, e no seu famoso texto sobre o desaparecimento da arte de narrar, Walter Benjamin (1994) remete a essa máxima popular para, então, apresentar o modelo arquetipo do narrador que viaja. Na verdade, o narrador, para Benjamin, é aquele que possui experiências a transmitir, seja a figura sedentária do camponês que nasceu e sempre viveu em sua terra e, como ninguém, conhece as histórias e as tradições de sua cultura; seja o marinheiro comerciante, conhecedor de outras terras. Todavia, é o retorno do viajante para casa ou o seu deslocamento para outros lugares que possibilitam a transmissão de experiências. É, pois, essa relação entre o narrador-viajante arquetípico — tipo Marco Polo, Ulisses e tantos outros exemplos na História e na Literatura, e aqueles

outros que relatam a viagem, tipo Caúla — que merece reflexão e alcança maior complexidade com a contextualização tríade da narrativa, história e personagem. Dessa forma, em sua relação de meta-relato, o diálogo entre o narrador e seu personagem-ouvinte Caúla constrói a narrativa pelo sistema de combinações em que se opera o imaginário. Ou seja, o relato de viagem e aventuras deixa de ser então apenas um processo de transmissão de experiências para ser também a construção destas por meio da interação entre narrador e leitor. A viagem se confunde, portanto, com o próprio discurso. É a viagem-discurso de Caúla o situa com ele mesmo e o outro, seu paradigma.

No livro *Luanda Beira Bahia*, a relação entre o narrado e o real com o ficcional não é dicotomizada, mas apresentada em sua complexidade. E para o projeto de escrita adoniano viajar no passado e percorrer a tradição, salvando-a do esquecimento é ressuscitar o “espírito do lugar”. Tal procedimento narrativo equivale a viajar pelo território da literatura, por itinerários esgotados, em que todas as histórias já foram contadas até o limite da saturação e só é possível inventariar e revisitar. Portanto, e a partir disso, tais itinerários são inscritos numa perspectiva que legitima e faz de sua escrita uma viagem literária: itinerários que se transformam quando os atravessamos, quando estabelecemos as atividades de conexões, de uma cidade escrita para outra cidade narrada, onde quase tudo se passa no real, mas em espaços fictícios e aparências ilusórias. Agora sim, a memória entra neste jogo; pois, ainda que não se trate de uma narrativa memorialista, o relato de Caúla edifica-se a partir da reminiscência. Aqui sim, não podemos deixar de citar a jindiba, árvore centenária que inicia, permeia e finaliza a narrativa:

Idade impossível de saber-se [da jindiba], talvez cem ou duzentos anos, teria visto a praia ainda selvagem, o Pontal com três choupanas e Ilhéus sem o porto. Canoas, remos nas mãos de escravos e índios, o mar com a serenidade de um lago. Os lampiões do outro lado, o farol não havia, florestas ainda cobriam os morros. Os sinos chamavam, pouco antes do anoitecer, para as rezas dos padres. Quem a trouxe,

simples muda em pedaço de bambu, e a plantou assim tão perto da praia, jamais se saberá. (Op. cit., p. 8)

E a jindiba faz parte do tempo narrativo, há um aspecto em sua construção que funciona como o fio condutor que se enrosca nas reminiscências do discurso. No plano narrativo, a jindiba norteia o jogo combinatório entre tempo e espaço operado pelo imaginário do autor com as memórias do protagonista Caúla. Dessa forma, a opção por um modelo narrativo tradicional de Adonias Filho, com início, meio e fim, mas inacabável e aberto, pode apresentar relação intrínseca com esse jogo de combinações. Pois, as próprias cidades descritas no romance, as suas organizações ao mesmo tempo peculiares e similares entre si e a forma como são apresentadas na narrativa, revelam a combinação de elementos como método de construção por meio de um fio discursivo que orienta a história como uma rede de referências cruzadas, sinalizando que as aventuras das viagens de Caúla e a sua história de amor com Iuta remetem ao mesmo tempo para a aventura da linguagem narrativa. Caúla, o narrador-viajante, com bagagem e destino, não atua somente numa narrativa linear, mas também num discurso circular porque percorre um roteiro marcado por lembranças da sua infância em Ilhéus e por relatos das experiências de suas viagens para o continente africano. Nas suas andanças, as situações surgem e desaparecem como episódicas, fragmentárias, “tecendo uma colcha de retalhos” unida por uma tênue ligação que não chega a compor uma unidade sob a forma de roteiro narrativo, ainda que aparentemente nos pareça representar isto. Conjugados, vida e viagem revelam um universo em que nenhuma palavra sela o momento final; nenhuma viagem faz do narrador um viajante que tudo vê, mas que tudo pode contar.

Ainda a respeito disso, é possível afirmar que sua viagem se nos apresenta com mapas imaginários de lugares concretos: Ilhéus, Salvador, Luanda e Beira, cidades, países, continentes. É um ator que desempenha papéis fugazes condicionados à exigência da situação. Sua identidade nada fingida permite a relação com o espaço ou com o outro, mas o contato é breve, necessário, e não propicia o

estabelecimento de vínculos. Esse personagem com nome e passado crê na possibilidade de existência de uma identidade que se relaciona ao lugar, pois os espaços para ele se oferecem como signos e marcas passageiras. O personagem, Caúla, que viaja pela necessidade de se deslocar permanentemente, não tem experiências, descrições, observações a registrar, pois a sua viagem é, em si, o próprio trânsito que o liberta, ainda que brevemente, da des/identidade que é ao mesmo tempo sua e dos espaços por ele passa.

O resultado é um livro extraordinário. Em nenhuma outra obra Adonias Filho levou tão longe os valores que considerava fundamentais à sobrevivência da literatura. O leitor certamente verá que é impossível não se perder nessas cidades, como é impossível não se enredar nessas teias de palavras. Cidades que escapam do controle humano, do olhar aferidor, racional e oferecem surpresas constantes a todas as impressões sensoriais. Suas ruas e vielas nunca podem ser fixadas no papel. A melhor ideia é percorrer as cidades não fisicamente, mas com o pensamento, pois a travessia não é física, mas interior. A cidade deixa de ser um conceito geográfico para se tornar o símbolo complexo e inesgotável da existência humana e este romance uma referência à “multiplicidade” dos possíveis, operando cruzamentos entre os procedimentos narrativos desta obra com o texto em movimento.

## **Considerações finais**

A partir das descrições de cidades em *Luanda, Beira, Bahia*, todas elas descritas poeticamente, com detalhes físicos que fazem nos lembrar de cidades que conhecemos, damos um “adeus” à imutabilidade, aos conhecimentos do mundo cristalizados e abrimos uma porta, uma entrada no domínio da “desterritorialização”, adentrando e reconhecendo cidades com formações diferentes, porém coexistentes, invocando momentos de plenitude e ao mesmo tempo de conflitos existências. Desse modo, imaginar a cidade e ultrapassar seu conceito geográfico foi o grande projeto de Adonias

Filho nesta obra. Torná-la um elemento aglutinador das experiências e sentimentos humanos, uma fonte inesgotável em transformação. Permitir uma criação pessoal e coletiva, por meio dos elementos que são ao mesmo tempo descritivos e imaginários, que fazem ou não parte do mundo real, reporta ao mundo dos sonhos, do faz-de-conta, lugares onde tudo é possível. Um convite a sentir e compreender sem pressa, analisando os detalhes como numa obra de arte. Um espaço que possibilite um diálogo não só no campo da fala, mas também do olhar, do criar, do fazer, do dividir e do compreender. A passagem para uma nova forma de interação, em que as trocas acontecem livre e independentemente, sem direção de fluxos, derrubando barreiras espaços-temporais. “E, com o velame aberto, fariam novamente a viagem por Luanda Beira e Bahia”. (Adonias Filho, 1977, p. 139). Ilhéus, Salvador, Luanda (e Beira) empilham-se numa geografia indolor, com sangue, tragédia e ruínas. As imaginações criadoras de cidades em Adonias Filho — que nos parece ser as grandes organizadoras do seu processo de criação — nunca são sem método, pois ao descrevê-las ele reinventa paisagens, costumes e topografias. Portanto, assiste-se nesta narrativa à fusão da abordagem de criação com a abordagem discursiva do mesmo modo à ideia subjacente do passado realizada num futuro trágico, plural e circular.

## **Bibliografia consultada**

ADONIAS FILHO. *Luanda Beira Bahia*. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

BRITO, M. S. «Brasil e África em romance». ADONIAS FILHO. *Luanda Beira Bahia*. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: textos escolhidos*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1994.

PLATÃO. *A República*. Trad. Leonel Vallandro. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

POLO, M. *As viagens de Marco Polo*. Trad. Ana Osório de Castro. Lisboa, Assírio & Alvim, 2006.

## **Autoconsciência textual em dois poemas de Florisvaldo Mattos**

Heloísa Prazeres\*

O autor detém obra profícua, e sua produção impacta a literatura brasileira, nela incidindo nas últimas seis décadas. Por isso, a fortuna crítica adensa-se, e há registro de alentados estudos suscitados por sua poesia lírica e épico-lírica. O corpo da obra poética de FM abrange sete livros até o presente. Este legado alinha-se com o perfil irrequieto e fértil do escritor, que, constantemente, renova-se e atua com regularidade nos meios acadêmicos e de difusão literária e cultural. Os temas tratados em sua poesia indagam sobre variedade de sentidos e perguntam, inclusive, sobre o significado da própria literatura, assim acolhendo o processo de composição dentro da obra mesma.

A reflexão que ora proponho volta-se para dois poemas, e realça aspectos que se identificam como metaficcionalis (HUTCHEON, 1984), a saber, “Urbe de luz transfusa” (MATTOS, 2000) e “Palavras nada vãs” (MATTOS, 2016).

### **A metaficção no poema “Urbe de luz transfusa”**

Faço a leitura do poema, por onde infiro que os aspectos líricos possuem recorte metaficcional, e refletem de modo consciente sobre a própria condição de ficção; “Urbe de luz transfusa” provoca

---

\* Natural de Itabuna, doutora em Letras. Professora Adjunta do Instituto da Letras da Universidade Federal da Bahia, UFBA, aposentada. Ensaísta, tradutora e poeta. Publicou *A casa onde habitamos*, poemas.



deliberado apelo sensorial e emocional no leitor — evoca e descreve poeticamente a Cidade do Salvador, BA, como espaço-resumo da geografia afetiva do poeta, seu habitante e lírico narrador:

jardim de miosótis hortênsias muitas  
despejados da abóboda replicam  
vento solteiro a propagar canções  
tangendo violões sulcando areia  
(MATTOS, 2000)

Outra característica da estética do poema parece ser o sincretismo (incorporação à expressão literária dos procedimentos das outras artes). Creio que aqui a expressão lírica enriquece a realidade, mediante o simbólico:

súbito carne viva de fósforo transida  
ou mugir de harpa em crânio paranóico  
subindo por um estuar de rampas  
a arder num céu de cânhamo vermelho.  
(Id. Ibidem)

A poética modernista carrega essa demanda de multiplicidade de recursos expressivos. O olhar de FM para o mundo, no poema, almeja a uma atmosfera imaginativa extravagante e sensorial:

Salomé de curvas sinuosas em palco  
de cristal que urge hipnotizar o antipas  
bem ali guardado  
bem ali sentado  
no seu trono de pórfiro e ametista  
ao bruxulear de lâmpadas de azeite  
música a derramar-se das estrelas  
do fundo lasso lá onde a encosta doira-se  
(Id. Ibidem)

Seu estilo origina-se na libérrima criatividade surrealista e na precisão intencional de escolhas sintáticas e lexicais; poesia de base sinestésica, ligada também, por opção, às sensibilidades vanguardistas. O cosmopolitismo parece ser uma necessidade do texto de FM, atento estudioso dos processos de produção artística na modernidade. Entendo que o autor vê-se como continuador da tradição europeia, que referencia o seu fazer. Por isso, absorve a imagem insólita e o prosaísmo poético. Nesse processo de criação há espaço para a arte refletir sobre si mesma, incorporando-se a crítica à criação poética do sujeito e do objeto, ambos em construção, em trabalho de desvelamento. Por seu grau de autoconsciência sua escrita possui, segundo suponho, uma função genuína, pois, enquanto mostra, coloca questões sobre a relação entre ficção e realidade. Observe-se que o texto, pleno de recursos alusivos e exóticos, refere a topografia, mediante luxuoso acervo linguístico, que expõe vigor criativo, associativo e cultural:

ondas de cor muito mais que arpejos  
a cidade desfolha-se em mugidos  
hemoptises de ouro muros lavam  
farmácia líquida justo a inundar  
claustros pátios  
iriadas praças  
e ao fim praias  
mercúrio aí a escorrer de rota veia  
(Id. Ibidem)

Cores em desfile/exibição frenética no tempo da aurora ao pôr do sol e um tipo de representação literária que permite o reinado de atmosfera fantasiosa:

ah, talvez bizâncio entornado tenha  
vinhos de missa sangue de mosteiros  
que em palácio beberam sentinelas  
sorvendo taças e cruzando aljavas

agora dormem  
agora dança  
salomé de curvas sinuosas em palco  
de cristal que urge hipnotizar o antipas  
bem ali guardado  
bem ali sentado  
no seu trono de pórfiro e ametista  
ao bruxulear de lâmpadas de azeite  
música a derramar-se das estrelas  
do fundo lasso lá onde a encosta doira-se  
(Id. *Ibidem*)

Tais escolhas livres e inesperadas conduzem à possibilidade de pensar-se que aí pré-existe uma postura metaficcional — poesia enquanto objeto artístico e que o texto possua, talvez, uma função, utilitária de artefato, que vai além da sua definição primeira — “a de ficção sobre ficção que inclui em si mesma um comentário sobre sua própria identidade narrativa e/ou linguística” (HUTCHEON, 1984, p. 1). Afinal, ao se extrapolar da literatura, ampliando-se o conceito de poesia, admite -se que é nela que a linguagem sobrevive. A poesia sendo a antípoda da linguagem comum:

desbordantes muito mais que solfejos  
alaridos na encosta avarandada  
leque de velas  
ao largo lúdicas  
tufos amarelos  
jorram de fímbria agora efervescente  
quem sabe ecos de claustrais batalhas  
(Id. *Ibidem*)

Merecem destaque ainda o espectadorismo do escritor e a inteligibilidade de sua linguagem; a linguagem referencial, que explica, não faculta espaço para a indagação. No contexto criativo a verdade reside na própria faculdade imaginativa; assim, o uso

invulgar das palavras pode chamar a atenção dos leitores para realidades latentes do humano. Com efeito, e como se sabe, via estudos da psicanálise, o inconsciente não se deixa apreender por meio da referencialidade, esta não consegue abarcar a magnitude da metáfora. Conclusivamente, sugere-se que o poema “Urbe de luz transfusa” ao sugerir o assombro — o homem preso ao destino do qual não se pode afastar, “vinga-se”\*\* criativamente, pela arte, de modo deliberado.

### **A arte verbal em “Palavras nada vãs”**

O eu-lírico tece e afirma a independência da poesia, “arte verbal”, na expressão de Borges, quando identifica essa mesma qualidade na poética de Leopoldo Lugones (BORGES, 1979, p. 10); e o poeta usufrui do próprio labor, conforme declara a voz subjetiva no fragmento:

Pouco sei do que dizem as palavras.  
Julgo somente que elas iluminam  
O céu, a terra, as águas e os meus dias.  
(MATTOS, 2016)

Vê-se de que modo, o eu-poético formaliza a poesia transformada numa exigência, porque palavras, em definitivo, não traduzem aquilo que apenas poemas melhor ditam:

Não me prendo às amarras dos que as tornam  
Um abismo sem luz, perau de angústias.  
Se mistério, não sei; se criadas, sim.  
(Idem, ibidem)

A intencionalidade da criação de sentido dá prazer. O poeta leva em consideração o seu contexto situacional, a aceitação e o domínio

---

\*\* Cf. PEREDNIK. Lugones o transformista /El poeta como vengador. In: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletra/v01n02/Perednik.htm>>.

dos jogos de sentidos, ou, como se expressou Ezra Pound, “a dança do intelecto entre as palavras” (POUND, 1995, p. 37). De acordo com Salvatore D’Onofrio (1978), se o material da arte do poeta é a palavra, é só através do uso singular desta que ele chama a atenção para a realidade latente do humano:

Elas apaziguam meu espírito.  
[...]  
Quando leio, alta noite, um livro, um poema,  
A minha língua e a minha voz repousam.  
Vivo a calma que em tudo me amanhece.  
(Idem, ibidem)

Na poesia, no texto literário, a função poética sobrepõe-se a outras funções da linguagem. Importa ressaltar que a supremacia do significado poético sobre o referencial não anula a referência, ao invés, torna-a ambígua, sendo a ambiguidade uma característica intrínseca ao poético (Jakobson, 1969). Sugiro, finalmente, que a poesia traduz uma questão da linguagem e não de língua; ou seja, na poesia “dizer” o mundo, é “dizer” a linguagem. É nesse olhar indireto, oblíquo — ao comunicar uma coisa, significando outra — que reside a força da poeticidade dos textos consagrados do escritor.

## Referências

- BORGES, J. L. A Leopoldo Lugones. In: *El payador*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.
- HUTCHEON, Linda. *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. New York/London: Methuen, 1984.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo. Cultrix, 1969.
- MATTOS, Florisvaldo. “Urbe de luz transfusa”. In: *Mares Anotecidos*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Palavras nada vãs”. In: *Estuário dos dias*. Salvador: Caramurê, 2016, p. 101.

PEREDNIK. Lugones o transformista /El poeta como vengador. Disponível em: [<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletra/v01n02/Perednik.htm>], captado em: 07 abr/ 2018.

POUND, E. *A arte da poesia. Ensaios Escolhidos*. [Trad. Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes]. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

SALVATORE D' Onofrio. *Poema e Narrativa: Estruturas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

## Dostoievski e o romance russo

Cyro de Mattos\*

A historiografia costuma afirmar que a literatura russa atingiu a maturidade durante a época do realismo. Como atitude crítica ao meio social, o realismo russo produz uma literatura de acusação e protesto ardente. Possibilita que alguns dos grandes romancistas, romancistas e contistas apresentem suas obras com os elementos definidores dessa estética, estilo ou tendência. Aparece, às vezes, o realismo conectado com atitudes idealistas, mas também não deixa de resultar da mescla dos informes objetivos com atitudes vistas como românticas.

Ivan Turgueniev (1818-83), Tolstoi (1828-1910) e Dostoievski (1821-81) pertencem ao conjunto de escritores mais importantes do realismo russo. Turgueniev e Tolstoi eram grandes senhores de terra, nessa condição tinham um olhar fraternal pela vida miserável dos camponeses. Turgueniev demonstra isso com simpatia em seus primeiros contos. De outro ponto de vista, sua obra principal, *Pais e filhos* (1952, no Brasil), interpreta com amor a alma russa no estudo que faz sobre o meio social. Descreve os contrários de duas gerações, mostrando que à geração antiga, de velhos costumes, opõe-se a nova, portadora de suas próprias ideias.

Turgueniev viveu parte de sua existência na França onde conheceu escritores importantes do país de Vitor Hugo. Adquiriu novas ideias, que lhe serviriam na construção de sua obra. Foi o primeiro escritor russo a ser reconhecido na Europa.

---

\* Autor de diversos gêneros. Publicado no Brasil e exterior. Premiado no Brasil, Portugal, Itália e México. Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz. Membro efetivo da Academia de Letras da Bahia, Pen Clube do Brasil, Academias de Letras de Ilhéus e de Itabuna.

Há um consenso da crítica de que os maiores romancistas russos são Tolstói e Dostoievski. Tolstói não tinha o determinismo convicto de Dostoievski. Em *Guerra e paz* (1942, Brasil), epopeia sobre as condições da Rússia, durante a invasão de Napoleão, mostra o ponto de vista de que as criaturas são manipuladas pelas mãos do destino quando poderosas forças se desencadeiam através de fatores elementares. Tolstói era um misto de pensador comunista e anarquista quanto às suas ideias de conceber a vida em termos políticos. Apelava aos homens para que renunciassem ao apego das coisas materiais, se afastassem do egoísmo e da cobiça. Na medida em que se apoiava nessas convicções e as disseminava no meio social através de sua arte foi se firmando cada vez mais como um mensageiro da palavra evangélica. Em *Ana Karenina* (1943, no Brasil), uma de suas criações fundamentais, fica explícito através do seu herói niilista que nada existe na sociedade que mereça ser preservado.

Dostoievski era homem da cidade, um intelectual pequeno-burguês, que possuía uma alma espiritualista ligada à interpelação da vida sob as manifestações do bem e do mal. Nessa dicotomia religiosa era que concebia os caminhos de uma libertação com base no evangelho e nas visões filosóficas de um cristianismo angustiado. Segundo Otto Maria Carpeaux, *a sua obra inteira é um protesto apaixonado contra o determinismo que lhe parecia o fundamento do materialismo ateu.* (conf. *História da Literatura Ocidental*, V, p. 2532)

A Rússia na segunda metade do século XIX tinha a obra de Gógol como ponto dos mais elevados do seu corpo literário. O autor de *Almas mortas* (2018, Ed. 34) exercia forte influência na sociedade russa. Com o tema de *O capote* (2010, Ed. 34), antológica prosa de ficção curta, Gógol abre novas perspectivas de sentir o mundo pela novelística russa. Nessa época Dostoievski faz a sua estreia literária aos vinte e cinco anos com *Gente pobre* (2011, no Brasil), cujos originais foram lidos por Bielínski, crítico respeitado e austero, que logo externou ao autor seu entusiasmo pela obra.

O meio literário russo percebeu no livro escrito por um jovem autor o nascimento de um romancista do porte de Gógol e Pushkin. Antevia com entusiasmo a grandeza da obra literária de Dostoievski,



que iria se confirmar depois no romancista formulador da existência com intensidade, a nutrir os personagens de um sofrimento composto de paixões arrebatadoras e pensamentos atormentados, disfarçados em seus interiores por entre subterrâneos loucos e abismos aterradores. Um gênio na sondagem psicológica da alma humana, naquilo que ela tem de pior. Daí não ter sido gratuito sua obra extraordinária ser considerada em pouco tempo como uma antecipação às descobertas de Freud na análise profunda da alma humana.

A dura experiência de vida, ligada ao sofrimento, à pobreza e morbidez epilética de seu temperamento, fez com que Dostoievski questionasse os agudos aspectos da humanidade e os projetasse nas dimensões impetuosas da liberdade. Considerasse a vida como expressão da liberdade em permanente conflito com a autoridade da qual emana o rigor de atitude que impõe e comanda. Tudo isso é conhecido e reconhecido, mas ainda pode ser apontado em seu discurso de mundos interiores, na rota constante do conflito, outro padrão de comportamento, no qual se vê a mais veemente acusação da época contra a ordem social dominante. É perceptível nessa obra fenomenal a nítida e desconcertante tendência que estuda a família desregrada, refletindo-se nas cenas arrebatadoras a alma atormentada. Com essa tensão no drama, Dostoievski passa a ocupar o primeiro lugar de grande escritor que exprime as novas mudanças inseridas na moderna metrópole capitalista.

O tema da aflição e humilhação dos pobres, desolação e indiferença, do esquecimento de vidas relegadas à marginalidade, fez com que *Gente pobre* (2011, no Brasil, Ed. Letra Selvagem, SP) fosse considerado o primeiro romance social da literatura russa. O livro causou sensação no meio literário e cedo trouxe a glória ao seu autor, que passou a fazer amigos com gente da alta sociedade. Depois de *Gente pobre*, foram consideradas de nível inferior as obras *O sócia* (1846) e *O senhor Prokhardtchine* (1846).

Em *Gente pobre*, os primeiros passos de um escritor com uma arte voltada para o psicologismo das camadas inferiores transitam

por entre as pulsações que exprimem a aflição e a humilhação de pessoas no infortúnio, estagnadas na tristeza mesclada com a solidão. Nesse romance de autor estreante já é percebido, em nível expressivo de criação literária, uma das tônicas da ficção que Dostoievski iria desenvolver ao longo de sua obra, associada ao que há de dramático e sofrido no curso doloroso da vida. Na inventiva do jovem romancista, aflora o sofrimento de uns pobres diabos, participantes de um cenário retirado de um dos bairros miseráveis de São Petersburgo.

O autor não se limita à descrição das condições miseráveis do bairro nem ao realce da paisagem social imbricada na realidade circundante. Nessa narrativa que trata da vida de dois anônimos, lamentando os dias cinzentos e se apoiando um no outro, em cada momento triste que lhes oferecia a pobreza, o que se enfoca em suas representações diretas é a humilhação e a ofensa propostas pela vida. Por não ser um paisagista, Dostoievski desenvolve uma morfologia particular da vida enovelada nos sentimentos tristes, que constata a gênese e a monotonia de uma existência marginalizada, mas que ainda assim conservava tranqüila a temperatura da alma e a consciência com firmeza.

Ficou conhecido o que disse Dostoievski ao jovem Merejekowski, de quinze anos, após ser feita a leitura de uns versos ainda hesitantes sobre a vida: “Para escrever bem, é preciso sofrer, sofrer.” Dostoievski sempre soube que dor é vida, os outros sofriam como ele porque todos estavam na vida. Certa vez, na voz de um de seus personagens, chegou ao desabafo, afirmando que lá embaixo, na outra terra, não podemos amar senão com dor, e somente através da dor. O sofrimento integral do mundo ele soube na opressiva solidão da alma quando passou por longa pena de trabalhos forçados na casa dos mortos. Pela primeira vez conheceu de todo tipo de criminoso, durante os anos que esteve na prisão da Sibéria. E, por extensão, carregou o peso do mundo ao experimentar de forma perturbadora as regiões infernais do jogo, a danação das dívidas, a falência, a humilhação, a doença da epilepsia, as desilusões de uma vida

amorosa. O amargo coração sentia duramente quão terrível era a vida. As verdades pessimistas iriam se incumbir de forjar o espírito inquieto e atormentado, inclinando-o, na progressão de sua obra, às auscultações místicas, à exacerbação do psicológico e ao credo permanente na Arte.

Outro de seus personagens declarou que a Arte ia salvar o mundo, querendo dizer com isso que ela era o caminho para que os homens se encontrassem como irmãos, já que o discurso sincero de que era portadora oferecia o único momento capaz de devolver a todos a união geral da vida com beleza e igualdade: suas verdades essenciais tocadas de razão e emoção.

A forma que Dostoievski escolheu para escrever *Gente pobre* foi a epistolar. Desde a Antiguidade os romanos apreciaram a epístola como forma de composição poética endereçada a um amigo com uma série de abordagens sobre determinado assunto. Horácio e Ovídio tornaram-se exemplos modelares no gênero. Anote-se que a partir do século XVII, a epístola literária na prosa teve seu apogeu, apesar de nem sempre ser destinada a uma pessoa real.

Com definida intenção literária, o formato epistolar manifesta o conteúdo ao fazer uso da limpidez na frase e na escolha do tema. Tende a conduzir o assunto através dos recortes apropriados, que se prestam como elementos norteadores. Em Portugal, o uso da epístola como forma literária teve também seu auge. Na terra de Camões e Pessoa, Mariana Alconforado notabiliza-se com as *Cinco cartas de amor*.

*Gente pobre* é um romance de estrutura simples com uma narrativa também de fácil recepção. Descreve o que são os dias de desalento vividos pelo funcionário Makar, um homem de meia-idade, e Varvara, moça desonrada e órfã. Dostoievski faz uso da troca de cartas entre os dois personagens para que a vida como um espelho reflita o comportamento afetivo de duas almas tristes, quase na indigência. Informa desse modo, na aparente superfície das coisas, o destino de duas vidas marcadas pelo infortúnio, conscientes de que o pior era viver na incerteza, sem saber nada no dia seguinte do que seria deles em seu estado de penúria.

As camadas superiores na Rússia desse tempo seguiam um ritual que anunciava o bem-estar da vida com as pessoas vestidas em indumentária nobre. Faziam questão que fossem notadas o seu brilho como exercício dos privilégios. Era de importância vital nas pessoas de camada superior esse brilho quando compareciam aos grandes e pequenos acontecimentos. Para o amanuense Makar Aleksieievitch, o suficiente era calçar um par de botas, apresentar-se com um traje simples e decente, ao ponto de erguê-lo e mantê-lo equilibrado na esperança e na nobreza do espírito. Assim seria afastada aquela permanência da incerteza na sua obscuridade material,

A troca de cartas entre Makar Aleksieievitch, que não passou das primeiras letras nos estudos, e Varvara Aleksieievna, a costureira vizinha, gera um clima de cumplicidade amorosa no plano espiritual. A escrita simples ditada pelo coração expõe os desígnios de duas vidas em segredo, que se abrem em confissões acerca dos sentidos tramados pelos dias cinzentos cheios de aflições, humilhação e ofensa. Da parte de Varvara, embora tivesse o seu momento feliz na paisagem fugitiva da infância, é do passado que as lembranças emergem atormentadas, assim que sua vida foi atingida no presente pelas aflições da pobreza. O tédio e a tristeza combinaram depois para que, no presente, incertos passassem os seus dias. Numa dessas cartas, marcadas pelo tom lastimável da vida, ela chega a afirmar que *a desgraça é uma doença contagiosa! Os pobres e os desgraçados devem se afastar uns dos outros para não agravarem ainda mais a sua miséria.*

Entre os infortúnios sofridos constantemente por Makar está o de não poder se apresentar com as suas botas decentes para manter a honra e a reputação. Ele confessa que *com as botas furadas, perdemos ambas as coisas.* Um dos momentos pungentes desse relacionamento experimentado com a amargura da vida é revelado pelo funcionário Makar à sua querida e protegida Varvara quando ele se vê naquela situação humilhante de ter que levar uma vida com os inimigos, dizendo que ele tinha um aspecto desprezível, envergonhavam-se de andar a seu lado. Apesar de tudo, nessa pobre vida vítima do infortúnio, ainda se via como um ser humano

carecendo de polimento. Essa descoberta ele tem ao conhecer Varvara e começa a compreender o que de fato ele era e o que poderia ser.

Outros personagens marcam presença no cenário de sofrimento do romance. A família de Gorchcov vive com fome confinada em um pequeno cômodo. O velho Pokrovski é outro pobre diabo, esquecido e desamparado. O cínico Rataziaev, autor de melodramas, acha que o dinheiro é fundamental como a chave que abre portas, valendo mais que a honra. O rapaz Pétienka, irritadiço quando dá aulas para sobreviver, na redoma de sua solidão recolhe-se ao silêncio do quarto. Nesse refúgio que sempre busca tenta evadir-se de uma realidade humilhante através do sonho.

Marginalidade, pobreza, força do destino determinado por Deus, todos esses parâmetros fazem com que Dostoievski realize a cortante incursão na alma humana para transmitir nas entrelinhas as profundidades de um imoralismo social. Longe de ser panfletário, muito menos de ter uma escrita política afastada do estético, em *Gente pobre* já acontece um Dostoievski imbuído daquela percepção de que a arte se torna plena de significados quando comprometida com as verdades essenciais dos seres humanos, combinando as feridas sociais com as atribulações da alma, pois sem dor e solidão torna-se um produto fútil, que alimenta vaidades e faz o elogio do ornamento.

Um dos grandes escritores americanos, dos maiores de todos os tempos, o romancista William Faulkner revelou certa vez que, se não tivesse escrito seus livros, algum outro o teria feito: Dostoievski, Hemingway, Shakespeare, Dante, Balzac, Cervantes. Para esse escritor intenso na apresentação do drama, transgressor nas formas narrativas, o que importava não era quem escreveu *Hamlet*, *Romeu e Julieta*, *Sonho de uma noite de verão* e *A tempestade*, mas o fato de se ter escrito esses livros.

*O artista não tem importância. Só é importante o que ele cria, já que não existe nada de novo para ser dito. Shakespeare, Homero, Balzac, todos escreveram as mesmas coisas e, se eles tivessem vivido mil ou dois mil anos, os editores não teriam, desde então, necessidade de ninguém mais. (Escritores em Ação, p. 37)*

A autoria da obra literária só passou a ter importância e ser reivindicada quanto ao nome de quem a produziu com a ascensão do romance como gênero representativo da classe burguesa. Apoiado no que William Faulkner observou, se me dessem a oportunidade para opinar quem seria o meu escritor preferido para escrever as páginas da história e a biografia da humanidade, em forma de romance, com os seus fingimentos, ideias, mitos, verdades, caso seu autor vivesse mil ou dois mil anos, não hesitaria em indicar o nome de Dostoievski como quem melhor poderia se desempenhar da tarefa.

## **Leituras sugeridas**

DOSTOIEVSKI. *Gente pobre*, introdução e tradução do russo por Luís Avelima, Editora Letra Selvagem, São Paulo, 2011.

COWLEY, Malcolm (organizador). *Escritores em ação*, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1968.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*, volume V, Edições O Cruzeiro, Rio, 1963.

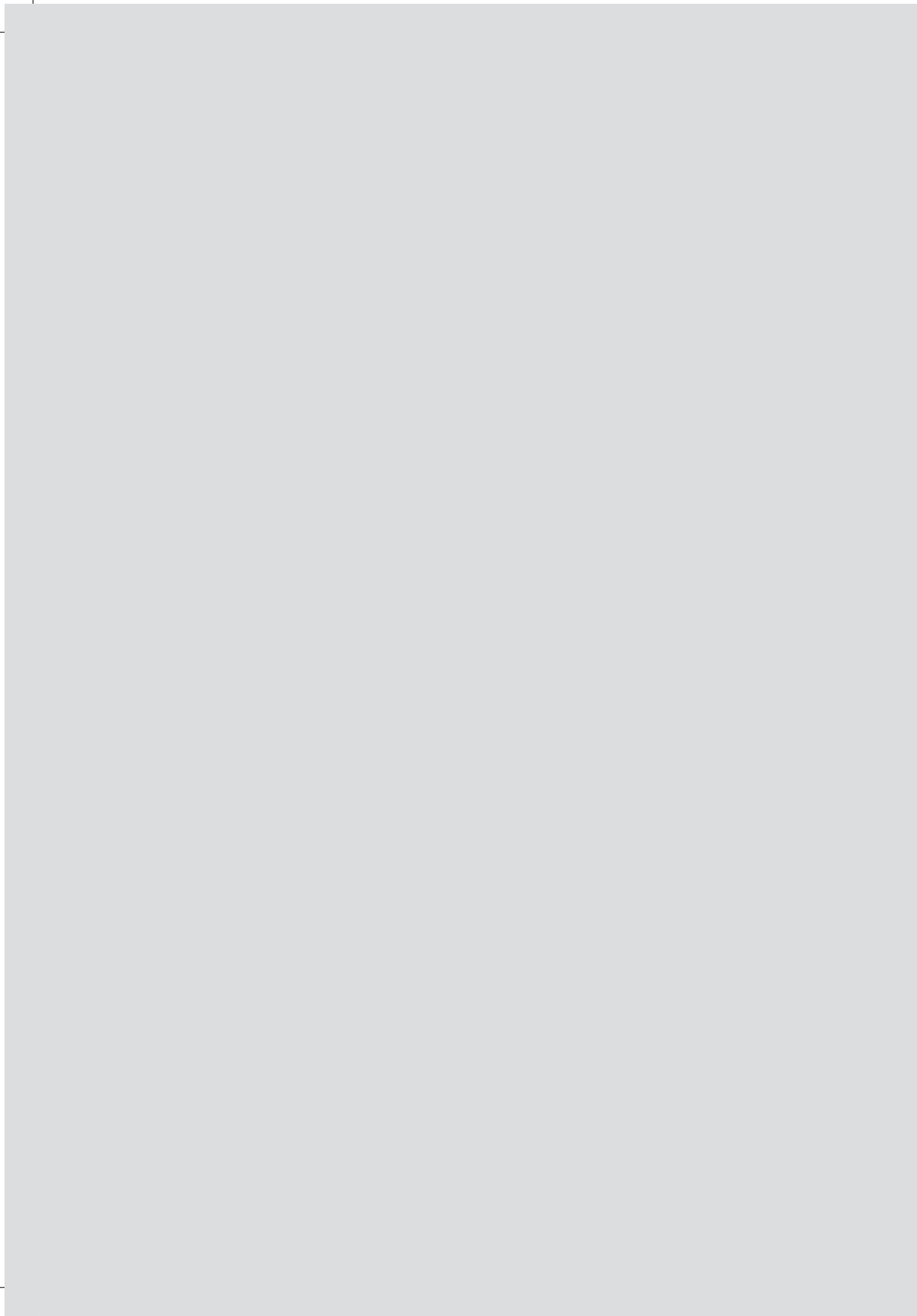
FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1966.

LUKACS, *Ensaio sobre literatura*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.



**POESIA**





## Quatro poemas

Telmo Padilha\*

### Inscrição (1)

Tu, que eras crente, meu filho,  
ouvirás a voz de Deus  
neste poço tapado.  
À nossa não ouças,  
que é lamento alucinado.  
Quando transcenderes  
(se é que inda não fizeste)  
como pólen, poeira  
ou algo iluminado,  
porque o que é da vida é da terra,  
detém-te por instantes,  
no nosso jardim,  
poliniza a flor que desabrocha,  
e orvalha, com teu hálito de menino,  
a nossa desconsolada face.

### Inscrição (2)

Um menino dorme, aqui,  
neste poço tapado, não importa  
se está vivo ou morto,

---

\* Nasceu em Ferradas, antes distrito de Itabuna. Poeta e jornalista. Premiado no Brasil e na Itália. Traduzido para vários países estrangeiros. Membro da Academia de Letras de Ilhéus. Poeta das profundidades, um dos melhores de sua geração no Brasil.

se era comportado ou altivo  
como os de sua idade.  
É meu filho. Tudo  
o que escrevi não lhe compara.  
Foi o meu melhor poema.  
Que Deus de mim tenha pena.

### **Inscrição (3)**

Dorme, meu filho,  
neste poço tapado,  
que antes temias  
já não te arrepia.  
Deus (ou quem quer  
em que acredites)  
está a teu lado.  
A vida é feita de noites  
e dias.  
Se já transcendeste  
como pólen, areia  
ou algo iluminado,  
perdoa-me  
É que tua ausência  
é insuportável.

### **Inscrição (4)**

Descansa, meu filho,  
neste poço tapado,  
como se dormisse.  
A noite era teu dia.  
Se tinhas medo do escuro  
nada mais te arrepias.  
Deste mundo amotinada  
por tantas agonias

estás livre, mas me dizes  
em que pássaro te encarnaste  
para desafiar o dia.  
Esta gaiola que te prende  
é de taliscas vazia,  
e por ser de tábua e terra  
não te prenderás um dia.  
E quando fores terra,  
cinza, árvore, flor,  
sob o sol ou chuva,  
verdade contra o tempo,  
pólen desprendido no vento,  
deixa-me que chova  
sobre tua face somente  
lágrimas mais ardentes  
que em mim restarem.

## Três poemas

Valdelice Pinheiro\*

### Poesia

Para Geraldo Vandré  
O que mataram de morte pior

Em que vil cova  
o sepultaram  
e com que fantasma elétrico  
o negaram?  
Em que fogueira  
de choque e medo  
lhe queimaram os dedos,  
lhe fecharam a boca,  
lhe cortaram o canto?  
Em que areia fervente  
lhe cegaram  
os olhos  
e com que truque  
lhe arrancaram  
a música,  
lhe lavaram  
o grito,

---

\* Cronista e poeta. Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz. *O Canto Contido*, coletânea, é uma publicação póstuma, que reúne poemas retirados de *Dentro de Mim* e *Pacto* e inéditos.

lhe tiraram  
a dor?  
De que modo,  
meu Deus,  
lhe quebraram  
as mãos,  
lhe tosaram  
as rosas,  
lhe secaram  
a fonte,  
lhe anularam  
a mente,  
lhe extirparam?

## **Caetano Caetano**

... E ELE APARECE! E PARECE QUE A LUZ SE FAZ  
DA PONTA MÁGICA DE SEUS DEDOS, VIOLÃO NO PEITO,  
NESSE ABRAÇO DE HOMEM E CORDA GERANDO MÚSICA,  
PARECE QUE DEUS VEIO CONFIRMAR O MILAGRE.

CAETANO...

DOCE CAETANO, MEIGO MENINO DA PURIFICAÇÃO DE SANTO AMARO,  
BAIANO DE TODOS OS ENCANTOS, BRASILEIRO VALENTE, CORPO FECHADO!...  
CAETANO!...

DE REPENTE: — OLHA, GENTE, QUE BACANA! ESCUTA: TEM UM  
BAIANINHO APARECENDO AÍ! “CAMINHANDO CONTRA O VENTO, SEM  
LENÇO E SEM DOCUMENTO...”

AH! CAETANO FOI AMOR À PRIMEIRA MÚSICA, SABIAS?!...

DE LÁ PRA CÁ TENHO ACOMPANHADO TEUS VOOS, TUAS MARAVILHAS,  
TEUS TALENTOS DE EXTRAORDINÁRIAS DIMENSÕES,  
TEU ENCANTO SEM MEDIDA. MAS É CLARO! É ATÉ PECADO  
QUANDO SE FALA EM CAETANO FALAR EM MEDIDAS CAETANO NÃO TEM  
MEDIDAS, NÃO TEM TAMANHO,  
INCOMENSURÁVEL CAETANO...

## Revolução

Existe uma poesia latente  
no coração do mundo

os velhos poetas não ousam  
os jovens poetas vacilam  
e todos temem colocar no papel  
a poesia latente  
no coração do mundo

está ali  
tácita  
na cabeça de todos  
no coração de todos  
no lápis de todos

inefável  
irônica  
cínica  
como uma bomba  
sem hora marcada  
para explodir

## Três poemas

Walker Luna\*

### 1

Desfigurando a vida,  
os homens pastam  
racionais.  
Passam efêmeros  
como pegadas em charco.

### 2

As impressões me abalam  
— atmosfera de pesos me dobrando.  
Vejo de longe  
as regiões proibidas.  
Subitamente o sublime!  
O bárbaro empalidece  
enriquece os ritos  
sob a ação dos deuses.

### 3

Potencializa-se o espírito.  
Não apenas sob os pés  
eu me proponho.  
Pelas mãos  
nem sempre sou  
e nem me explico.  
Existo pelo mar  
em minhas veias.  
E sei que os roteiros  
são meus.

---

\* Nascido em Itabuna, é poeta confessional de boas qualidades, de forte atitude existencialista. É um dos patronos da ALITA.



## Três Poemas

Ruy Póvoas\*

### Mimetismo equivocado

Queria ser camaleão  
Cada olho enxergando  
Numa diferente direção.

Queria ser camaleão  
Sentir todas as coisas  
Conforme  
As coisas são.

Queria ser camaleão,  
Andar na noite fechada  
Sem temer a escuridão.

Não se fez camaleão,  
A vida o encalacrou  
Sob a pele de escorpião.

---

\* É professor universitário, orador, babalorixá e ensaísta sobre assunto do negro no candomblé.

## **Cama desencantada**

Quando um dia me casei  
Com Maria do Livramento,  
Comprei uma nova cama  
E um colchão de encantamento.  
Mas veio o tempo tirano,  
A cama virou passatempo.  
E eu sempre me lembrando  
Da cama de meu casamento.  
Quem diria: uma simples cama  
Tão cheia de encantamento.  
Se me deu toda alegria  
E aliviou meus tormentos,  
Perdida hoje, no tempo,  
Carrego lembrança inflamada  
Da cama de meu casamento.

## **Assunto óbvio**

Nunca foi,  
Não é  
E nunca será  
A existência  
Um mar de rosas,  
Nem nunca será  
Eterna  
A alegria.  
Dissolve-se  
O sal na água,  
Dissipa-se o sabor  
Na sopa fria.

## Dois poemas

Ceres Marylise\*

### **Não mandem calar minha saudade agora**

Busquei o mundo, passei tanto tempo fora.  
Ponham copos nesta mesa abandonada  
Onde jogamos cartas e destinos...

Não abram as janelas já tão carcomidas  
Pelo tempo passado — pó da vida,  
Desta casa que gentil nos abrigou  
Em algazarras e momentos bem vividos.

As gavetas devem estar abarrotadas  
De tanta coisa inútil e empoeirada:  
Poemas murchos, flores ressecadas.  
Entristecidas, à espera de algum gesto.

Não acendam a luz, meus pés conhecem  
O vício dos degraus, os corredores.  
As portas que abrem sempre suas asas  
Aos quartos amplos e acolhedores.

---

\* É Professora universitária, conferencista e poeta. Ocupa a cadeira 16 da Academia de Letras de Itabuna, que tem como patrono Abel Pereira.

Ouço risos de crianças pela sala  
Que deslizam no já gasto corrimão  
Sobre colchões já velhos, desbotados  
Sempre correndo em busca de emoções.

Nas paredes há sombras que estremecem  
Com o bater dos corações — velhos rumores  
Que um dia preencheram minha infância  
E me mostraram um mundo de esperança.

Quero sentar-me no colo da mamãe.  
Adormecer com histórias do papai.  
E despertar ao som dos passarinhos  
Que cantavam saltitantes nos beirais.

Agora parto, saciada de fantasmas...  
São eles que abrem a porta do jardim  
E ternamente beijam as minhas faces.  
Já vou. Já vou. Só vim saber de mim.

### **Passarinho**

Se eu soubesse  
do teu nome,  
passarinho;  
verdes prados  
dos meus dedos,  
pra tua dança.  
Tuas asas,  
meu refúgio,  
nos teus olhos,  
minha lembrança.

Se eu soubesse  
do teu sonho,  
passarinho;  
belas paisagens  
no meu rosto  
e no caminho.  
Longos versos,  
ternos gestos,  
pés descalços,  
no teu ninho.

Se eu soubesse  
do teu paraíso,  
passarinho;  
pimenta doce  
na minha boca,  
tua morada.  
Gosto nosso,  
no teu jeito,  
pra ser sempre  
acarinhada.

Se eu soubesse  
do teu canto,  
passarinho;  
minha porta  
se abriria,  
mão aberta  
suavemente,  
te acolheria  
e facilmente  
iríamos voar.

## Dois poemas

Renato de Oliveira Prata\*

### Morada no Miramar

Este jardim — como os jardins contíguos  
Reconhece servidão aos pássaros  
E aos lagartos comunais

Esta pérgola que se abre  
Santuário de abelhas, plantas de estufa  
É um campo exíguo  
Demarcado à mescla de perfumes

Esta varanda assim exposta  
Insulada em pleno Miramar  
Ao brilho da chuva e dos insetos  
É mirante dos ares  
Mira sóis.  
Sobretudo quando a noite projeta  
A quadrilha dos fogos celestes.

Se mira mar ou mira flores.  
Esta casa não tinha que ver  
Dores plantadas  
Sob a mira de astros inconstantes.

---

\* Natural de Itabuna. Graduado em Direito pela UFBA. Publicou, entre outros, *A pulseira do tempo* (2012) e *Mar interior* (2016). Premiado na Bahia. Membro da Academia de Letras de Itabuna.

## **A ocasião faz o príncipe**

Em boa parte da vida  
Nem realmente tão boa  
Alguém teve pretendida  
Sua legenda de príncipe?

Se a lua fora propícia  
Haveria ação política  
E uma forte adesão  
E o capitão — dissidente?  
Despachado sem bagagem  
Embaixador no Sião.

Da corte, sou bobo falso  
E por perto o cadafalso  
Pois o poder justifica  
Cobrar pedágio em vidas

A glória porém mitifica  
E deita mel às feridas.

## Dois poemas

Heloísa Prazeres\*

### Familiar

Cada qual se diverte em seu recurso,  
Na cerimônia da sala de estar,  
Acolchoados poupam-lhes as pernas,  
Dispositivos preenchem-lhes as mãos.

A mãe passeia as impressões no *Face*  
(sítio eletrônico de rede social),  
Em suaves e solenes tique-taques,  
Devora imagens, signos e ícones,

Enquanto o pai se afoga no foco.  
O aparelho portátil reluz,  
E ele o comprime em leves toques  
Sobre o plasma da tela de LED  
(diodo emissor de luz).

A primeira criança alcança o iPod  
(tocador de áudio digital),  
A caçulinha desenha sobre o iPad  
(dispositivo em forma de tablete),  
Devoção familiar ao deus TIC  
(Tecnologia da Informação  
E Comunicação).

---

\* Natural de Itabuna, doutora em Letras. Professora Adjunta do Instituto da Letras da Universidade Federal da Bahia, UFBA, aposentada. Ensaísta, tradutora e poeta. Publicou *A casa onde habitamos*, poemas.



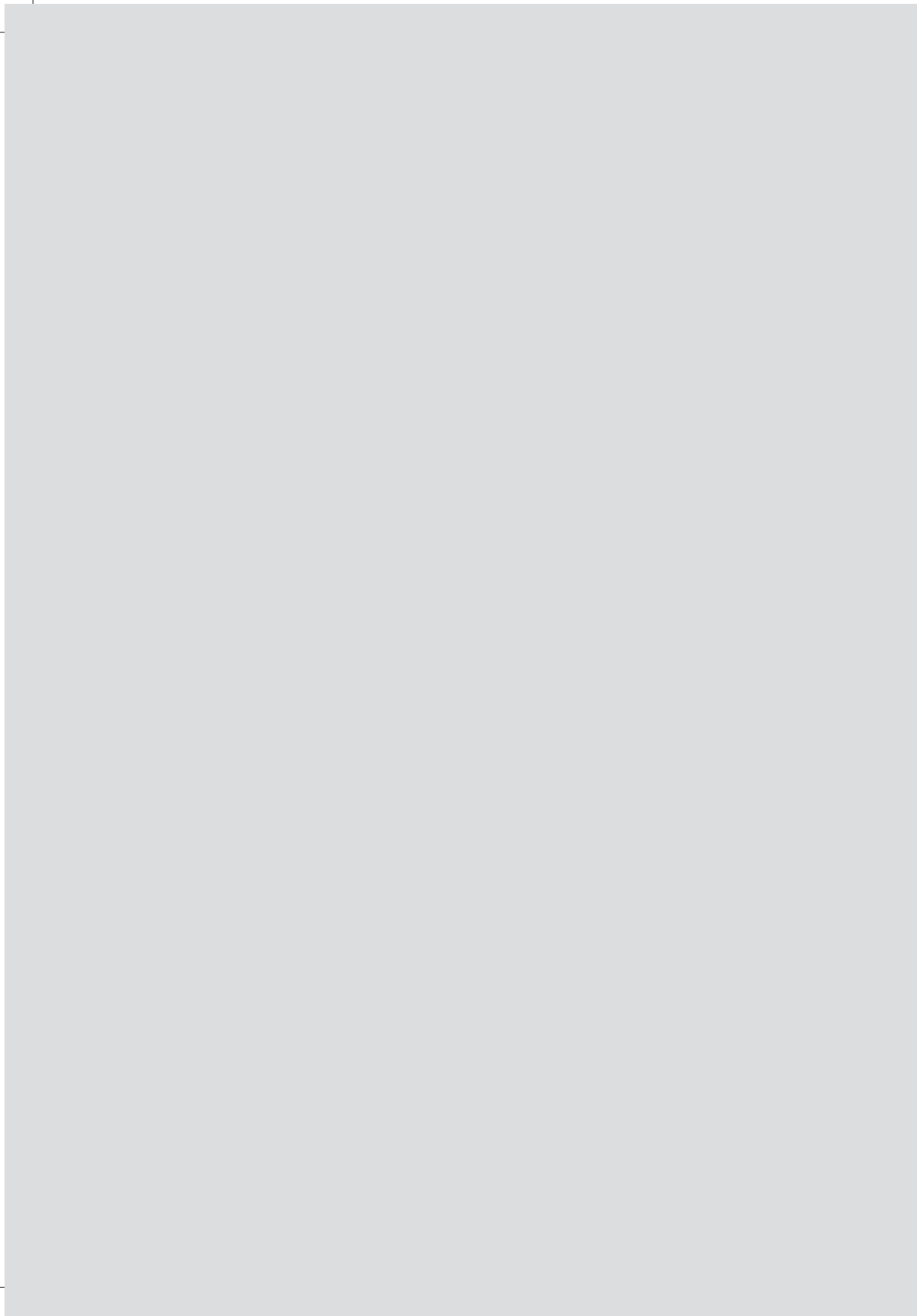
## **Trópico de Capricórnio**

Habito a latitude deste trópico,  
Nele vou atuar para o quadro  
Em busca de coberta e sobretudo.  
Mas estofo, tecido ou urdidura  
Jamais vestem ou despem a desídia.

Não é o conhecimento  
Dos vestidos sobre o corpo  
(tática não é acordo)  
A arte reclama a alma  
E esvai a angústia do trato.

As escolhas foram feitas,  
Tudo quanto decidido,  
Mala fixa e estética,  
Mas a cisma permanece.

**FICÇÃO**



## Adeus, Pisquilo!

Aramis Ribeiro Costa\*

**A**cordou no meio da noite ao som de gemidos. Não despertou completamente, permaneceu alguns segundos de olhos fechados, naquele estágio entre o sono e a vigília, confundindo realidade e sonho. Mas, como os gemidos persistiam, baixinhos, longos e doloridos, arregalou os olhos espantados. O primeiro pensamento foi para a filha, mocinha, que dormia no outro quarto do apartamento. Acendeu rapidamente a luz do abajur, à cabeceira, e pulou da cama. Mas os gemidos não pareciam humanos. E efetivamente não eram: ao abrir a porta do quarto, lá estava Pisquilo, o *poodle*, espichado, gemendo e revirando os olhos no corredor, bem diante da porta.

— Pisquilo! — gritou ela com o coração apertado, compreendendo imediatamente que o cão morria.

O cãozinho olhou-a um segundo com os olhos tristes, como se sentisse obrigação de atender ao seu chamado pela última vez. E voltou a revirar os olhos e a gemer.

— Pisquilo! Pisquilo! — insistiu ela, agarrando-o, sacudindo-o, como se pudesse, com seus chamados e suas sacudidas enérgicas, trazê-lo de volta. — Pisquilo! Pisquilo!

Aflita, abriu a porta do quarto da filha e chamou-a:

— Vera, acorde, Pisquilo está morrendo!

A mocinha ergueu-se, assustada:

— Que foi, mãe? Que foi?

---

\* Poeta, ficcionista e cronista. Membro efetivo da Academia de Letras da Bahia na qual exerceu a presidência por duas vezes. Autor de *Retorno em tarde de sol* (2016), contos, e *Fábulas* (2017).

— Pisquilo! Pisquilo está morrendo! — respondeu Antonieta, enquanto voltava a sacudir o cachorro que, de olhos fechados, parecia ter desmaiado.

Vera levantou-se e, no escuro mesmo, caminhou até a porta do quarto; mas não conseguia andar normal, cambaleava, parecia arrastar-se. Ao chegar ao corredor e ver Pisquilo desmaiado nos braços da mãe, sentiu a vista escurecer, e nada mais viu. Quando Antonieta percebeu, a filha estava estirada no chão, desmaiada. Imediatamente, largou Pisquilo e atirou-se em seu socorro:

— Vera! Vera!

Ainda mais aflita, deu-lhe uns tapas no rosto:

— Vera! Acorde, Vera! O que é isso, minha filha?

Como Vera não se recuperava do desmaio, ergueu-se num ímpeto, correu ao armário onde guardava medicamentos, ensopou com álcool um chumaço de algodão e, tornando apressada à filha, meteu-lhe o chumaço ensopado no nariz.

— Vera! Vera!

Em seguida, fez vigorosas esfregações nos pulsos, com o mesmo chumaço, sem parar de repetir, aflita:

— Vera! Vera! Minha filha!

— Hã? — deixou escapar Vera, finalmente, entreabrindo os olhos sem brilho.

— Você desmaiou, minha filha!

— Pisquilo, mãe! Onde está Pisquilo? — perguntou a jovem com voz chorosa, como se nada mais importasse.

Voltaram-se então as duas para o cachorro. Nada mais havia a fazer: Pisquilo estava morto.

— Tem certeza, mãe? Tem certeza de que ele está morto? — os olhos de Vera estavam molhados.

— Está, minha filha.

— Como é que você sabe? Você já viu um cachorro morto?

— Não preciso ter visto um cachorro morto para saber que este aqui está morto — afirmou Antonieta.

Vera rompeu num choro forte. Com um nó na garganta, Antonieta tentou consolá-la:

— Paciência, minha filha! Os cães vivem menos que as pessoas.  
Paciência!

— E agora, mãe? — quis saber Vera entre dois soluços.

— Agora o quê?

— O que nós vamos fazer com ele?

Antonieta não soube o que responder. Não sabia o que se faz com um cão que morre em casa. Era a primeira vez que isso lhe acontecia.

— Eu não quero que jogue ele no lixo, mãe. Eu não quero.

— Sim, minha filha. Não vamos jogar ele no lixo. Mas eu não sei o que fazer.

Então, no desespero, teve uma ideia.

— Vera, aquela sua sacola. Aquela que você trouxe da Argentina e nunca usou. Vamos botar Pisquilo na sua sacola, e eu vou jogar ele no mar. Está bom assim?

— Minha sacola? Jogar Pisquilo no mar?

— É, no mar. Com sacola e tudo. Mar não é lixo. Mar é uma sepultura digna, até para gente. Vamos, rápido! Vou fazer isso antes que amanheça. Onde está a sacola?

— Mas mãe, minha sacola...

— Deixe de besteira, aquela sacola horrorosa que você nunca usou. Vai servir para Pisquilo. Ande, vá pegar a sacola.

Vera não discutiu. Ergueu-se com dificuldade, foi até o armário, pegou a sacola. Não quis ver o *poddle* ser ensaculado, trancou-se no seu quarto. Antonieta fez o trabalho sozinha. Meteu com dificuldade o cachorro morto na sacola argentina, trocou a roupa, deu duas batidas com o nó dos dedos na porta do quarto de Vera:

— Vera, você vai comigo?

Sem abrir a porta, ela respondeu:

— Não.

— Então eu estou indo. Tenho de fazer isso antes que amanheça. Pode ser proibido.

Fizeram silêncio. Antonieta quis saber:

— Vera? Você está bem?

Sem abrir a porta, ela respondeu:

— Tome cuidado, mãe.

Em seguida, mais alto, quase gritando:

— Adeus, Pisquilo!

Ao ouvir a despedida da filha, Antonieta voltou a sentir o nó na garganta. Mas não podia fraquejar, e manteve-se firme. Pegou a sacola, levou-a consigo para o carro. As ruas estavam ermas e escuras, mas, muito breve, ia amanhecer. Tinha de fazer aquilo depressa. Não se joga uma sacola com um cão morto no mar à luz do dia. Rapidamente, dirigiu-se para a orla. Tinha em mente certo ponto, onde seria mais fácil a tarefa. Ao estacionar, achou que o lugar estava bom. Ainda um pouco escuro e deserto. Desceu do carro com a sacola pesada, trancou o carro e saiu com passos apressados em direção ao mar. Ia pensando em como devia fazer aquilo. Chegava na beira do mar, atirava a sacola, as ondas levavam para o fundo. E se não levassem? E se, ao contrário, atirassem-na de volta à praia? Bem, prometera a Vera não jogar Pisquilo no lixo, atirá-lo ao mar, ia tentar fazer isso de qualquer forma. De repente, notou que alguém a seguia. Apressou ainda mais os passos. Porém, logo, um molecote, nu da cintura para cima, surgiu diante dela:

— A sacola!

— A sacola? — ela repetiu, atônita.

— Passe logo, senão eu furo a senhora — gritou o molecote, ameaçando com um canivete.

Antonieta obedeceu. Passou-lhe a pesada sacola. O molecote estranhou o peso, mas pareceu ficar satisfeito. Não perguntou o que tinha dentro, não abriu para ver. De posse da sacola, não quis saber de mais nada: disparou a correr.

## Encantação

Gerana Damulakis\*

*Este anseio infinito e vão  
De possuir o que me possui  
(Manuel Bandeira)*

**D**iz a lenda que a alcachofra guarda o mistério, todos os segredos do amor pleno, do romance realizado. Com sua aparência de coisa que existe desde a memória dos tempos, exige uma paciência romântica para ser degustada. É preciso despetalá-la até chegar ao coração que, ainda segundo a lenda, além de ser a parte mais saborosa, é a mais nutritiva e a que guarda, afinal, os fluídos afrodisíacos. Um ritual, portanto. Há de ser cumprido o percurso. O percurso é tudo.

O encantamento e a carne são duas palavras que se situam em cantos opostos. O encantamento está mais ligado ao lirismo, seja pela natureza, pela alma, pelo próprio amor, de preferência platônico, distante, com muita dor e sofrimento e saudade e impossibilidade.

A carne, dito assim, lembra um bife suculento; seguramente, se você não é vegetariano, pensa em algo comestível. Há, é certo, os que são movidos à libido e, então, a carne é a palavra para a apetitosa exibição de algum corpo perfeito, uma Vênus saindo da concha ainda com gotas salgadas escorregando por sua pele. De qualquer forma, encantamento e carne têm sonoridades distintas.

---

\* Ensaísta, poeta e ficcionista. Autora de *Sosígenes Costa — o poeta grego da Bahia e Conversas com Hélio Pólvora*. Ocupa a cadeira 29 da Academia de Letras da Bahia, que teve antes como seu ocupante o escritor itabunense Hélio Pólvora.



E é dessa conceituação que nasce a história de um homem. Um homem plenamente realizado nos setores que criamos para gerar bastante angústia e ansiedade na vida quando não perfeitamente preenchidos. Ele é um sócia apolíneo, com um perfil helênico, maçãs do rosto salientes como as dos corsos e dos sardos e um cérebro privilegiado: ali está tudo desde Zola e Sartre, de Valéry e Foucault, de Proust a Camus. Entende Einstein e sua relatividade, afora outras físicas.

Quanto às mulheres, várias passaram por sua vida, jamais deixou de conseguir aquela que despertou um mínimo de interesse. Até conhecer Maria. Foi daí que surgiu a tal expressão “encantamento pela carne”, encantação.

Ninguém entendia a razão da paixão despertada num homem como ele, primeiramente porque ela, Maria, não é uma mulher que tenha atrativos: tão normal, insípida, apagada, alguém que quase não existe.

Convencido do que queria, ele partiu para conquistar a mulher feita de carne tão especial. No início, chamava-a ao telefone apenas para desejar bom dia, carregando na voz grossa e rouca, daquelas irresistíveis. No final da tarde, mandava-lhe flores; das flores foi um passo para os bombons, chegava um telegrama convidando-a para jantar. Vinha a parte mais difícil, ele ficava horas e horas junto ao aparelho esperando que ela respondesse aos apelos e, nada.

Os amigos tentaram dissuadir o belo homem. Aliás, até os menos próximos se atreveram a distribuir conselhos, e as outras mulheres sequer podiam aceitar o fato de que alguém recebendo orquídeas arrematadas por laços de cetim colorido e caixas de bombons de chocolate, em formato de coração, recheados com licor, e telefonemas com música de Mahler ao fundo, e telegramas urgentes, sim, ninguém podia aceitar o fato da mulher, motivo de tudo isso, ser indiferente a tanta sedução.

Depois das flores e dos doces, seria a vez dos presentes: jóias para as loiras burras, livros raros para as intelectuais chatas — seguindo, claro está, as regras machistas que conceituam a mulher —, mas seria grosseiro enviar-lhe presentes nessa fase, afinal, ela

ainda não os merecia. Diante da situação, ele resolveu partir para o diálogo e foi ter com Maria.

Antes do grande dia da confissão, ele prestou uma espécie de justificativa a todos que seguiram o curso dessa paixão unilateral, essa verdadeira “volúpia do inferno”, como disse Nietzsche. A explicação estava na carne de Maria. O homem deixou claro que ela tem uma temperatura diferente, ela é mais quente. Risadas por toda parte. Seriedade. Ela é rosa, mais sangüínea e, por isso, mais quente, enfim, a pele, a carne, é mais macia, daí a encantação nascida desde que com ela dançara numa festa. Confiantes na explanação, restou ao grupo esperar o que Maria diria quando escutasse aquelas baboseiras.

Deu-se o seguinte: ela adiantou que não entendia a perseguição de um homem tão belo e bem sucedido porque tinha uma avaliação correta de si mesma, sabia o quanto é monótona, e sabia mais, sabia sobre ele, um homem dado a grandes aventuras, mulheres sofisticadas ou, pelo menos, inteligentes.

Chegou o momento, ele foi totalmente franco, usou a palavra encantação, usou a palavra carne, juntou tudo, e ela ficou lívida. Maria nunca esperou ouvir algo tão bonito. Tremeu de choque, de emoção. Finalmente alguém reparou na única coisa diferente que ela possuía, somente ela. Acreditou na paixão, ele havia percebido, apenas ele. Permitiu-se despetalar lentamente.

*Seduz pelo que é dentro ou será,  
quando se abra.*

(João Cabral de Melo Neto)

## Fim, ponto

Lilia Gramacho\*

Obrigada por ter vindo. Eu sei, nós dois sabemos que não há nada que você possa fazer. Nada. Não há nada que eu possa dizer ou silenciar que vá mudar o rumo das coisas. Tudo já foi dito com o desespero que as palavras carregam quando temos a ilusão de que elas podem fazer algo por nós. As palavras não mudam nada. Não há nada, portanto, que eu possa dizer que o faça mudar de ideia, ou sentir de forma diferente. Porque o que você sente foi sendo cunhado no silêncio, naquela parte da alma onde a palavra parece sempre ociosa e desmedida. Por isso, como eu posso chegar agora e dizer algo que possa mudar o nosso destino? Embora eu ouça vozes, embora elas me digam e se contradigam tudo sobre mim, como se uma multidão me habitasse, eu me sinto só. Completamente só. E há momentos na vida em que estamos tão sós que ninguém pode nos ajudar. Mesmo você. Por isso eu agradeço que você tenha vindo, mesmo sabendo que de nada adiantaria, mesmo sabendo, antes, que você se sentaria na beira da nossa cama e ficaria em silêncio, ouvindo eu me repetir. Não faço isso porque quero. É uma espécie de condenação, como uma aranha presa na própria teia, sem saída, no emaranhado de fios cegos. Eu procuro, procuro o ponto, o lugar onde houve a cisão, a ruptura, o lugar onde você pegou o atalho, onde eu perdi o caminho. Eu procuro como se cavoucasse a terra com as unhas. Revirando o passado como um cão farejador, atrás do erro disfarçado de desejo, do sonho, do medo, sabe lá. Ninguém erra

---

\* Baiana de Itabuna, é Gerente de Marketing Corporativo em Salvador. Foi uma das ganhadoras do Prêmio Off Flip de Literatura, em Paraty, com o conto "Fim, Ponto". Publicou os livros *O Filho do Meio*, *Camila e o Espelho* e *Uma Família pra lá de Importante*, de literatura infanto-juvenil.

porque quer, né? As escolhas estão ali, mas você a faz cegamente, como se pudesse prever o futuro, como num jogo, num lance de sorte, sem saber que aquilo pode mudar para sempre a sua vida. Uma mudança que você não escolheu. Uma coisa imposta a contragosto, de forma inesperada que lhe tira o chão. Assim, de repente, você se vê jogada numa vida que não é a sua, como se tivesse entrado no filme errado, num pesadelo. E sem saída, você é obrigada a aceitar esse papel. Dói. Dói a ponto de me fazer sentir partes do meu corpo que eu nem sequer sabia que existiam. Ah, eu sei, eu sei, você sempre repete isso: não há erro nenhum. Ninguém errou nada e não há por que ficar se fazendo essa pergunta. Mas, eu te digo, é impossível não se perguntar o que eu poderia ter feito diferente. Onde foi que eu errei. É banal, é repetitivo, é patético se pensarmos com clareza, mas ninguém escapa. Assim como não escapamos da enxurrada de porquês que ficam sem respostas, vão vagando como poeira em suspensão, ecoando na alma. Será que isso acontece apenas com as mulheres, ou apenas com quem foi rejeitado, com quem se sente abandonado, sozinho e não sabe por que alguém que o amou deixou de amá-lo? Que mistério é esse que une e separa as pessoas? Não, eu não quero que você repita a mesma história de que não foi falta de amor. Eu não quero. Basta desta história que amor só não basta! Quando a gente ama, ama e pronto. Quer estar junto, quer cuidar, não abre mão. Eu não entendo o que você quer viver, esse caminho que você escolheu que não me cabe, como se eu fosse uma pedra, um entrave, um impedimento. Eu ouço e fico calada. Eu ouço e o seu querer me faz descer ao inferno. Como se não houvesse um Eu antes de você. É louco isso, não? A desesperança é horrível. Você fica presa num nevoeiro. O amor é uma doença? Haverá algum remédio? Não, não são para dormir. Você bem sabe que é muito difícil eu perder o sono. Chega um momento em que meu corpo, exausto das peripécias da minha mente, grita: basta! Está cansado de tudo. E então eu durmo. Imaginar cansa. Não é como postar-se diante do mar, olhando o sol se pôr atrás do horizonte, não, imaginar exige esforço das entranhas, um vivenciar platonicamente tudo aquilo que eu poderia ter sido e jamais serei e me aceitar sem culpa diante das

minhas múltiplas impossibilidades. É duro. Há dias parei de sonhar. Então, sonho acordada todo o tempo, imaginando o quanto a vida pode ser realmente surpreendente. Eu sei, eu sei que não tenho como escapar dela. É como se fosse uma herança genética, assim como herdamos a tendência a diabetes, artrose, demência, talvez a gente herde também essas pequenas tragédias, que vão sendo passadas de geração em geração até serem purgadas em algum momento. Você tem as suas, eu, as minhas. Lembra da minha avó? Lembra como gostávamos dela, você e eu? Ela sempre teve uma preferência por mim. Talvez ela já soubesse... talvez ela tenha percebido tudo no instante em que me pegou no colo, sentada no banco de trás do carro, saindo da maternidade, enrolada como um charuto num cobertor bordado à mão de pequenas flores, que eu tinha puxado a ela. E ria como quem enxergasse além dos dias, quando ainda menina me via imitar as atrizes de televisão atravessando a sala aos prantos e jogando o meu corpo sobre a cama, como se sofresse por amor. Quero sofrer de amor, vó — eu dizia. E ela me respondia com um sorriso gostoso: ninguém está a salvo disso, meu bem. Então eu já sabia que seria assim? Mas diante da verdade que não queremos, silenciemos. Ah, mas fomos felizes, lembra?! E sempre que você se via feliz, temia a perda dessa felicidade ou a esperava com a certeza de quem recebe um prêmio indevido e a qualquer momento será obrigado a devolver. Uma pessoa incapaz de mudar o destino, ou criar o próprio, com a força dos seus atos, então vive prisioneiro de uma expectativa de felicidade inalcançável, porque é nessa espera que consiste verdadeiramente o seu bem-estar. Você fica calado. Prefere o silêncio a repetir, como sempre, que eu não consigo entender o que você sente. Eu sei. E ainda assim, mesmo diante da clara impossibilidade de permanência, quando você foi embora eu me senti como se tivesse sido escalpelada e com as vísceras expostas assistisse a minha própria morte. Mas eu não morri. Não. Mentira, mentira, muitas coisas morreram em mim e não sei quanto tempo irá durar o meu luto. Dizem que o segredo da vida é não temer a morte. Então é por isso que morremos tanto e ressuscitamos, como um treinamento, como um aprendizado, uma

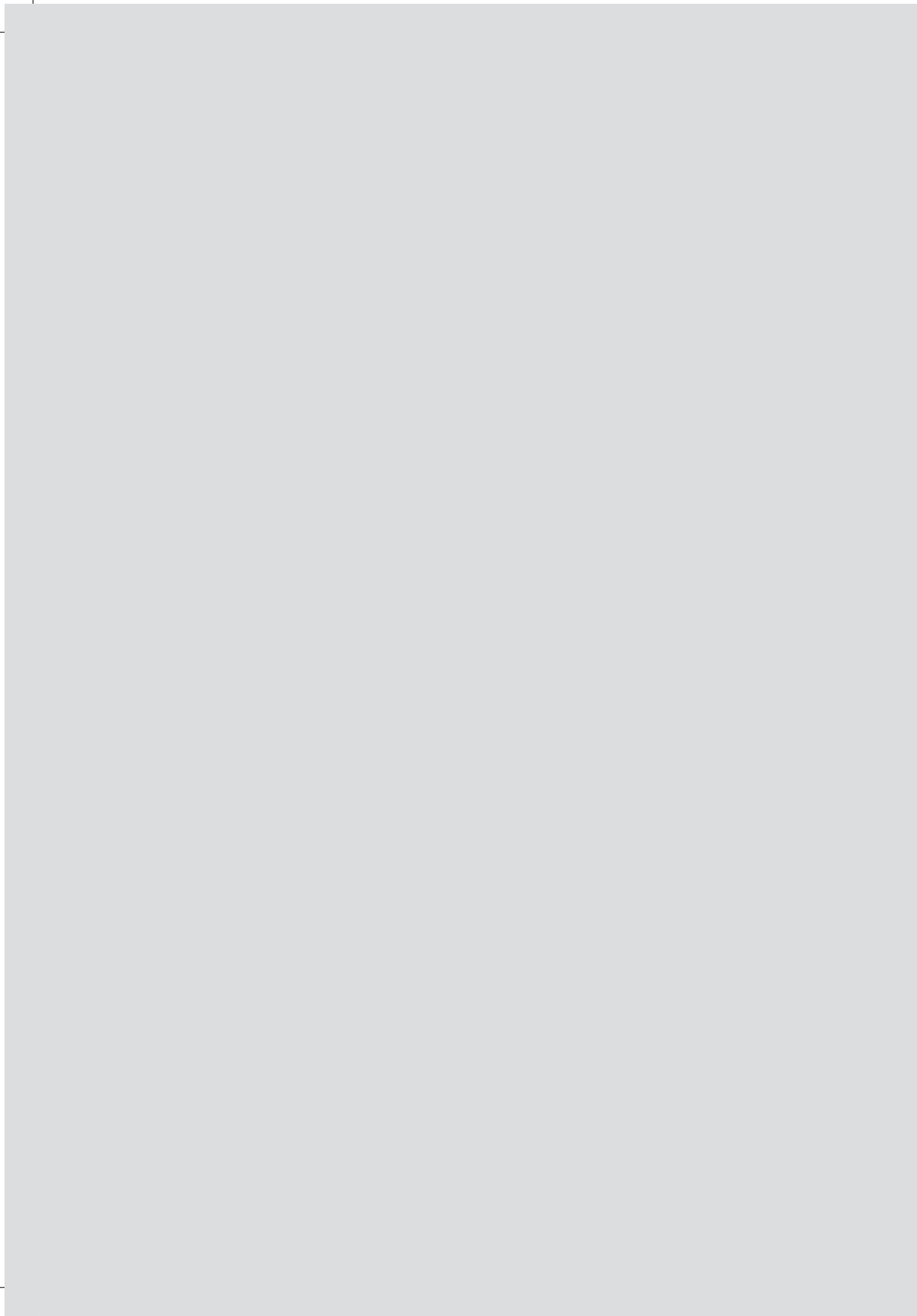
forma de não temer o nosso fim? Como eu poderia imaginar que um dia você sairia e não voltaria? Logo eu, que acreditei que nós éramos tão felizes quanto duas pessoas são capazes de ser. Uma felicidade que abarca as nossas estranhezas. Eu tinha como certo que viveríamos juntos até ficarmos velhinhos. Lembra, lembra como você gostava de brincar comigo dizendo que a gente ia curtir os netos correndo entre as nossas pernas, que eu ia cuidar das suas manias, que a gente ainda ia viver muito e só se separaria depois que a morte beijasse a nossa face? E você morreria antes de mim porque a vida não seria tão cruel a ponto de me tirar de você? Lembra? São palavras, apenas palavras ditas numa hora qualquer, na verdade do momento que não se sustenta no tempo e de repente isso parece tão distante como se nunca houvesse existido, como se fosse algo perdido na imaginação, como um livro bom que lemos no passado e que ainda hoje somos surpreendidos por frases como se tivessem sido ditas por nós. Mas eu acreditava tanto nisso, acreditava tanto que viveríamos juntos que tenho na memória fotografias de nós dois velhinhos andando de mãos dadas. E isso me parece tão vivo, tão certo, que é difícil acreditar que se trata de um futuro que não vivi, nem viverei. A saudade do que não vivemos é mais intensa. Você sente isso? Você costuma sofrer ou ser feliz por antecipação? Eu costumo. E se desejamos muito intensamente algo, acontece? Ainda que seja num momento que não esperávamos, nem queríamos, num efeito retardado que nega o tempo e o espaço, exatamente como nos sonhos. Será? Mas você está aqui, não é? Você deixou seus afazeres, seus projetos, as coisas que realmente lhe tomam por inteiro e que jamais você abandona. Sempre quis mudar o mundo, marcar a história. Eu sempre invejei essa capacidade que você tem de acreditar em si mesmo. Isso sempre me faltou. Há pessoas que nunca chegam a ser aquilo que aspiram.

É carnaval. Aqui, no silêncio do quarto, não parece que há milhões de pessoas lá fora em êxtase, dançando, bebendo, beijando... lá fora é carnaval e quem olha pela televisão até acredita que o mundo é essa colisão de sorrisos felizes. Eu sempre gostei de carnaval, de festa, mas você não. Tinha medo, ou desânimo. Mas,

agora, é diferente. Vejo pelo número de vezes que você olhou no seu relógio, o relógio que lhe dei, que está chegando a sua hora. Você vai brincar o carnaval e é capaz de voltar para casa com o dia amanhecendo, bêbedo, e dormir ao lado de uma desconhecida que você tenha arrastado para seus braços antes de lhe perguntar o nome. Não, não fique com essa cara de ofendido. Esquece, eu já te disse como é forte a minha imaginação. Não precisa se justificar. Eu sei que está na hora de você ir. Não, eu não vou sair. Vou ficar em casa. Ler um livro, ouvir música, preencher esse vazio que você deixou. Vou me reinventar, vou alimentar esse meu desejo de comer flores, ainda que não seja primavera.

## **OUTROS TEXTOS**





## Ângelo Roberto no paraíso

Rui Espinheira Filho\*

**E**o grande amigo e grande artista Ângelo Roberto se mudou, no último domingo, para a Eternidade. Cumprindo um velho compromisso, de quase 80 anos, pois a Eternidade sempre esteve presente na sua vida e na sua arte. Não era à toa sua intimidade com São Francisco de Assis, que considerava o mais alto dos santos. Agora mesmo estou vendo aqui, numa parede da sala do apartamento de minha mulher, Maria da Paixão, o “poverello” cercado de pássaros, nos traços admiráveis de Ângelo Roberto. Já na parede de minha casa, nos mesmos traços, uma caricatura: eu sentado num banquinho formado por livros empilhados, com um violão e cercado por garrafas de cerveja devidamente esvaziadas...

Fui apresentado a Ângelo em 1961, pelo poeta Affonso Manta, no bar de Secundino, onde passei a conviver também com Carlos Anísio Melhor, Jehová de Carvalho, Fred Souza Castro. Outra presença constante era o fotógrafo e cineasta Roberto Gaguinho. Na época da apresentação, Ângelo tinha 23 anos; eu, 18. Veio de então o companheirismo e o afeto que logo se encerravam em nosso peito juvenil e assim se mantiveram ao longo de todas as águas do tempo que passaram e ainda passam...

Certa vez Ângelo fez uma exposição no Barril Vermelho, bar e restaurante do Rio Vermelho, e o saudei numa crônica em versos que começava assim: “É no Barril Vermelho, galeria/ de arte, que o Artista inventa o dia.” Anos depois publiquei um romance intitulado

---

\* Ficcionista, cronista, ensaísta e poeta consagrado. Membro efetivo da Academia de Letras da Bahia. Professor aposentado da Universidade Federal da Bahia.

“O príncipe das nuvens”, inspirado em nossas rondas boêmias, sobretudo em Carlos Anísio Melhor e Ângelo Roberto. Anísio aparece como o poeta C.A. Maior, mas Ângelo surge com o nome artístico completo: Ângelo Roberto. E também o poema se incorporou à história. Ângelo, dos amigos mais iluminados que tive...

Manuel Bandeira dizia que com a idade o nosso coração fica como um cemitério. Quanto a mim, não sepulto ninguém. Todos os meus mortos continuam vivos e me fazendo companhia. E aqui estou eu com Ângelo ao meu lado. Agora e enquanto continuarem fluindo as águas da Eternidade...

## As aventuras de Pi

Raquel Rocha\*

Depois de *Razão e sensibilidade*, *O Tigre e o dragão*, *Hulk*, *O segredo de Brokeback Mountain* e *Aconteceu em Woodstock*, o cineasta Ang Lee provou mais uma vez que sua versatilidade não tem limites com *Life of Pi*.

A história de Pi é contada por ele próprio, muitos anos depois, a um escritor em busca de uma narrativa para seu próximo livro. Pi é um garoto indiano que cresce em uma família diferente, com uma nova mentalidade: pais que acreditam mais na ciência que na religião. Para o pai de Pi religião é escuridão, mas apesar disso, ou por causa disso, Pi é religioso. “*Os deuses eram meus super-heróis enquanto eu crescia*”, ele conta para o escritor.

Pi não é apenas hindu, ele conhece o cristianismo ao entrar em uma igreja e ver a imagem de Cristo pregado na cruz. O padre explica: “*Deus fez seu filho semelhante a nós humanos, para podermos compreendê-lo. Não podemos compreender Deus em toda sua perfeição, mas podemos compreender o filho de Deus e seu sofrimento como se fosse nosso irmão.*” Não satisfeito em ser hinduísta e cristão, o garoto se envolve com a religião mulçumana e diz sentir paz em Alá.

Durante o jantar, o pai reclama que o filho não pode ter três religiões e argumenta: “*Porque acreditar em tudo ao mesmo tempo é como não acreditar em nada.*” Pi rebate, o menino é dotado de personalidade própria, de uma determinação incomum e de uma vontade de vida que vamos descobrir no decorrer do filme.

---

\* Cineasta, psicanalista e promotora cultural. Pertence à Academia de Letras de Itabuna, ocupa a cadeira 25, que tem como patrona a romancista Elvira Foeppel.

Ao relatar o episódio do jantar para o escritor, Pi observa:

*“A fé é uma casa de muitos quartos”*

*“E nenhum quarto para dúvida?”* — diz o escritor.

*“Claro, em todos os andares. A dúvida é útil, ela faz com que a fé fique viva,”* — argumenta Pi.

O filme vai acompanhando o crescimento de Pi rodeado de histórias fascinantes, inclusive a que explica seu nome. Quando jovem, uma crise bate à porta da sua família. Seu pai tem um zoológico e, por conta de algumas dificuldades financeiras, decide se mudar para o Canadá, embarcando em um navio com a família e todos os animais do zoológico.

O navio naufraga numa grande tempestade, e Pi consegue sobreviver em um pequeno barco junto com alguns animais. Um tigre, um orangotango, uma zebra de perna quebrada e uma hiena. A hiena mata a zebra, a despeito das tentativas de Pi de impedir o ataque, em seguida mata também o orangotango e por último o tigre mata a hiena.

Restam no barco Pi e o tigre. Pi tem que descobrir como sobreviver, como manter o tigre vivo e, principalmente, como não ser devorado por ele. Nesse altura do filme, a narrativa se arrasta um pouco com uma sequência interminável de episódios de Pi fugindo do tigre, Pi tentando dominar o tigre, Pi alimentando o tigre e Pi fugindo do tigre novamente. Para se afastar do tigre, Pi passa a maior parte do tempo em uma jangada que é presa ao barco através de uma corda; dessa forma pode se aproximar ou se distanciar da embarcação em que se encontra o grande animal carnívoro, faminto.

A direção de fotografia é primorosa, com um visual que salta aos olhos e que fez de *As aventuras de Pi* (título em português) um dos filmes mais belos do ano de 2012. A película recebeu indicações em 11 categorias no Oscar 2013, incluindo melhor filme, melhor direção, melhor roteiro adaptado, melhor edição e melhor fotografia. O filme também acabou envolvido em uma polêmica de plágio, pois o livro homônimo no qual foi baseado seu roteiro, do escritor Yann Martel, tem diversos elementos semelhantes ao livro *Max e os felinos*, do escritor brasileiro Moacyr Scliar.

Se o filme se faz cansativo em meio da narrativa, no final Ang Lee consegue retomar todo caráter envolvente do início e fechar com chave de ouro. O final é surpreendente, desses que nem todo mundo entende, mas quem entende se sente maravilhado com a experiência de ter assistido a essa obra permeada de surrealismo e verdade.

*“Obrigado, Vishnu, por me apresentar a Cristo.”*

## Ontem e hoje

João Otávio\*

**N**a data em que festejamos a elevação do então Arraial de Tabocas à condição de município e cidade de Itabuna, ocorrido a 28 de julho de 1910, vamos fazer um pequeno passeio pelo passado, procurando entender as transformações vividas pela cidade nesses 107 anos, avivando a memória dos mais velhos e mostrando, aos mais jovens, o que foi e o que é a nossa Itabuna. Vou me reportar aos últimos 70 anos, começando na década de quarenta até os dias presentes, utilizando, principalmente, dos fatos guardados na memória e do que foi publicado pelos nossos historiadores Manoel Bonfim Fogueira, Oscar Ribeiro Gonçalves, José Dantas de Andrade, Adelino Kfoury Silveira e outros que têm se dedicado a esmiuçar a história e estórias deste pedaço do território baiano.

Hoje nos deparamos com quase 100 bairros quando, na década de quarenta, podíamos contar nos dedos e citar o centro da cidade e os bairros de Taboquinhas, Pontalzinho, Lava-Pés, Berilo, Mangabinha, Burundanga, Bananeiras, Abissínia, Pau Caído, Alto Maron; a cidade crescia e já se notava que novos bairros estavam nascendo, como Fátima, Banco Raso, Vila Zara, Fuminho e o crescimento se fazia em direção às estradas para Pirangi, Ilhéus, Palestina e, às margens direita do Cachoeira local onde, Félix Severino do Amor Divino ergueu o primeiro casebre do futuro povoado, hoje a pujante Itabuna.

Apenas o centro da cidade tinha as ruas calçadas a paralelepípedo e recebia água encanada; essas benesses do progresso demoraram

---

\* Nasceu em Itabuna. Membro da Academia de Letras de Itabuna. Ex-vereador e ex-provedor da Santa Casa de Misericórdia de Itabuna. Historiador local, cronista, assina uma coluna semanal no Diário Bahia.

para chegar aos bairros. A energia elétrica era fornecida por dois possantes motores a diesel, localizados na usina do Cajueiro, que eram desligados por volta das 22 horas e religados na manhã do dia seguinte; os moradores usavam os “fifós”, candeeiros e, os mais abastados, os potentes Aladim. No final da década de 50 chegou a energia do Funil e o fornecimento foi regularizado. Fato interessante e muito lamentado ocorreu em plena copa do mundo de 1954, quando houve um incêndio na Usina do Cajueiro e ficamos mais de um mês sem energia elétrica; poucas residências dispunham de geladeira.

Sem dúvida alguma o porto de Ilhéus era o principal local de entrada de mercadorias e novidades vindas de outros estados, principalmente do sul e sudeste e, também, do exterior; de Ilhéus para cá, utilizava-se o transporte rodoviário e o ferroviário; é bom lembrar que a estrada de ferro começou a funcionar no ano de 1913 e a estrada de rodagem inaugurada em 1928.

Até os anos cinquenta, o município de Itabuna era grande e ia até Itapuí, hoje Itororó, e as marinetes da Companhia Viação Sul Baiano (SULBA) ligavam a cidade a alguns de seus distritos, principalmente os mais prósperos como Macuco (Buerarema), Itaúna (Itapé), Palestina (Ibicaraí). Também havia linhas para Ilhéus e outras localidades da região.

Ouviam-se as notícias do Brasil e do mundo pelo radio e as ondas mais sintonizadas eram de rádios do Rio de Janeiro, então capital da república, secundados por rádios de Salvador e São Paulo; na região cacauera, não se perdia o Repórter Esso, na voz possante de Heron Domingues, principalmente o do horário das 20:25 hs. quando era noticiado o preço do cacau na bolsa de Nova York; preço alto do cacau, festas e sorrisos; preço baixo, desânimo e tristeza; os cacauais eram atacados pelo “mela” mas, a “vassoura-de-bruxa” ainda não havia sido trazida para cá. O radio teve um papel importantíssimo na difusão das coisas do Brasil e, para os mais novos, que não alcançaram essa época de ouro, fica a explicação da grande torcida que, até hoje, os clubes de futebol carioca desfrutam; nos meus doze anos, ouvido colado ao radio, comecei a sofrer com o meu Vasco da Gama, principalmente quando jogava com um certo



time da Gávea; ainda tenho a impressão de ouvir a narração de Jorge Cury e Antonio Cordeiro.

Nos anos cinquenta, a organização dos Diários e Emissoras Associadas, do paraibano Assis Chateaubriand, dominava o país e tinha prestígio semelhante ao que tem, hoje, a Rede Globo ou, talvez mais; a sua mais importante publicação era a revista semanal o *Cruzeiro*, com os melhores articulistas do país e o impagável ‘Amigo da Onça’; os leitores aguardavam, ansiosos, a piada e as artimanhas dessa criação do artista Péricles.

A década de cinquenta foi uma década de ouro, para o Brasil e para Itabuna; duas novas pontes foram construídas sobre o Cachoeira; ampliou-se o leque de educação na cidade; novos cinemas foram inaugurados e, também, a primeira estação de rádio, a Radio Club de Itabuna; foi reativado o velho estádio da LIDA, recomeçando o campeonato de futebol local; clubes do Rio, Salvador e Recife vieram se apresentar em nossa cidade; o primeiro deles foi o Botafogo, trazendo Nilton Santos, Garrincha, Quarentinha, Pampolini e outros bambas; a seleção de Itabuna ganhou um importante torneio intermunicipal, sagrando-se campeão nos gramados da Fonte Nova.

A juventude esbanjava alegria e vigor nas festas do Grapiúna e do Itabuna, principalmente no Carnaval; festas de estudantes, com quermesses, paquera e várias brincadeiras; às tardes e nas noites cálidas, o “footing” no jardim da Praça Olinto Leone, a conhecida praça da Prefeitura, com uma amurada ao lado do rio, onde muitos namoros começaram; isso quando não ocorria alguma vaca, ou boi, desgarrar-se do grupo, que se dirigia ao matadouro local, onde hoje situa-se o IMEAM, causando um tremendo alvoroço; correria para todos os lados e, certa vez, uma rês desgarrada chegou a entrar no pátio da Ação Fraternal ; lojas eram fechadas até que um garboso vaqueiro dominava o animal e o trazia de volta ao redil.

Muito teria a contar sobre esses anos de ouro em que a violência beirava o zero; o tóxico era “coisa de se ouvir falar”; o núcleo familiar ainda não sofrera tantas dilacerações e o romantismo imperava; os jovens namoravam; alguns noivavam e casavam; respeitava-se pai e mãe e os políticos não eram tão corruptos; claro que não tínhamos

as facilidades de hoje; a televisão dava os primeiros passos e não se imaginava que apareceriam a internet e o celular. Esses tempos eram melhores que os de hoje? Não sei, deixo a resposta com o (a) prezado (a) leitor (a).

E assim chegamos aos 107 anos do velho Arraial de Tabocas, hoje a nossa Itabuna, cidade das mais importantes do nordeste brasileiro; a “vassoura-de-bruxa” expulsou muita gente da zona rural para a urbana e, a nossa Itabuna, também experimentou esse aumento inesperado e não planejado de sua população; bairros surgiram e, com eles, problemas de vários tamanhos. Fica, para os governantes, a argúcia e a vontade de resolver as demandas surgidas dessa inversão populacional. Mas, a história de qualquer comunidade, é escrita por todos que aí vivem; cada um coloca o seu tijolinho e vai erguendo esse edifício maravilhoso e complexo que se chama cidade.

## **O velho Campo da Desportiva\***

Silmara Oliveira\*\*

### ***A maioria dos jogadores do meu tempo na Desportiva tinha algo em comum: o amor à camisa de sua equipe***

(Vanda/Vanderlino, o de cabelos compridos)

O tempo é grandioso em todas as suas etapas, e, quando bem trabalhado pela memória, assume contornos de prisma, nos trazendo as lembranças esmaecidas no espectro das cores mais nítidas. Assim, em recordações avivadas nos são postas nas mãos pelo escritor Cyro de Mattos: *O velho Campo da Desportiva*.

À semelhança de uma partida de futebol, o livro está composto em partes das *memórias relatadas, intervalo do jogo, memórias inventadas e prorrogação*, os adendos, talvez devamos encaixá-los na parte interna do vestuário ou concentração, ao público, na arquibancada, os já citados.

No campo do livro, nas páginas de 23 a 223, estão jogando nomes importantes, com suas especificidades de jogador, homens de Itabuna, Itajuípe, Ilhéus, Ibicaraí, nos diversos times como o Itabuna, Janízaros — inspirados nos soldados da Turquia —, Fluminense, Flamengo, num campo cru, sem a maciez do verde gramado bem tratado, mas tão completamente frequentado quanto amado. Construção imaginária de um castelo de pedras preciosas.

O Campo da Desportiva era um campo para amadores, mas nem tanto, dali saíram jogadores para times da capital baiana, para São

---

\* *O velho Campo da Desportiva*, Cyro de Mattos, Editora Via Litterarum, Itabuna, 2019.

\*\* É professora, ensaísta, presidente da Academia de Letras de Itabuna.

Paulo e Rio de Janeiro, até para outro país, Coreia do Sul, fazendo um jogo de gente grande, em times profissionais, Vasco da Gama, Olaria, Fluminense do Rio e outros.

Com perfis de craques da bola, vocacionados e chamados por esta habilidade para a diversão dominical, tão levada a sério pelos diretores dos times, também pelos torcedores, adultos e crianças, os amadores atraíam todos ao futebol aguerrido e disputado, debaixo de sol escaldante ou chuva.

Os relatos, por vezes comoventes, trazem passagens engraçadas, interessantes, como a presença do Presidente Juscelino Kubtschek em Salvador, na Fonte Nova, quando condecora Zequinha Carmo, da seleção de Itabuna, vencedora do Torneio Intermunicipal Governador Antonio Balbino, em 1957. Outras vezes, nos mostram como os filhos eram obedientes aos pais, que não os queriam longe ou jogando num time de seu desagrado, fazendo-os retornar para Itabuna jogadores que já estavam em Salvador e até mesmo Rio de Janeiro.

Há muito a saber, e para uma leitora desaparegada do futebol, como esta que vos fala, causou um ar saudoso de nomes de Itajuípe que desfilam no rol desses times na página 65: Piaba, Nocha, Barros, Marujo, o Osvaldo Gigante, este não jogava, mas era apoiador do time, Aristarco Weil, os Hage, Almir, Ivone. Pessoas da minha convivência de oitiva e vista, eu era criança demais, sequer falava com eles, conhecidos de meu pai, Marujo, vizinho de loja, enfim, quando a memória faz um levantamento profundo, não tem exato alcance de quem vai tocar.

São tantos os jogadores e tão peculiares modos de agir em campo que paira à sombra do injusto citar uns e omitir outros, no entanto, ilustrar alegre e ilumina o texto, assim, evoco-os a estarem entre nós pelos seus apelidos, nomes, qualidades, feitos, no intuito de mais aumentar a curiosidades dos senhores leitores: Santinho, Léo Briglia, Tombinha, Vanda (nome de mulher?), Nininho, Danielzão, que calçava chuteira 44, os quatro irmãos Riela, Mágoa, Gajé... a uma feira de nomes e movimentos que merecem ser procurados nas páginas deste livro.

A história é grande e o zelo do cronista não vem do acaso, criança e desde cedo levado ao campo da desportiva pelo pai, Cyro de Mattos recobra histórias e casos engraçados, assim, *mão cheias de areia para os olhos do goleiro, cebola nos olhos, o padre juiz, berro do torcedor, fedor neles, bota e tira Bel, Xixi no teco-teco, fôlego de sete gatos, como grama, time de bichos*, são casos pra se contar num intervalo.

Nas memórias inventadas, as viagens para Ilhéus — adversário ferrenho, o mar pela primeira vez, a vingança para os colegas de escola, a dor infantil quando o Brasil perde para o Uruguai em 1950. E, finalmente, uma mulher no cenário futebolístico, torcendo, criando time e lutadora até o final, Dona Beata — Beatriz Marinho, até time criou: o juvenil do Brasil, reside nos dias atuais onde sempre morou, no entorno do atual Centro de Cultura Adonias Filho, equipamento cultural instalado no local do Campo da Desportiva.

A crônica de tempos distantes parece ter o calor da hora, parece presente, de ontem falas das seleções como a Carioca em 1982 com Telê Santana não convocando o itabunense Perivaldo, circula entre os bons e maus ou tristes momentos do futebol de Itabuna. Preferimos lembrar de um excelente acontecido: oito jogadores emprestados a um só tempo para o Guarani de Salvador, que o tornaram campeão pela primeira e única vez.

O Campo da Desportiva tem uma memorável história, que carrega em si mesma uma quantidade de herdeiros dos seus jogadores, aprendizes do bom futebol com arte e manha, quente, caloroso, e vivo, são parentes, amigos, frequentadores. Todos eles constituem um arcabouço escondido, afastado pelo tempo, mas indelével na alma desta cidade. Uma espécie de jogo não revelado e íntimo, cujas partes caminham com seu guardião.

Na década de oitenta, finaliza-se o ciclo do futebol amador em Itabuna. Muitos em sua defesa e não poderia ser diferente, mas os tempos são outros, despede-se em silêncio discreto, sem grandes movimentos dos itabunenses para mantê-lo, eis um dos aspectos da alma das cidades, em grande parte das mudanças há uma observação passiva da população, e assim o foi com o velho Campo da Desportiva.

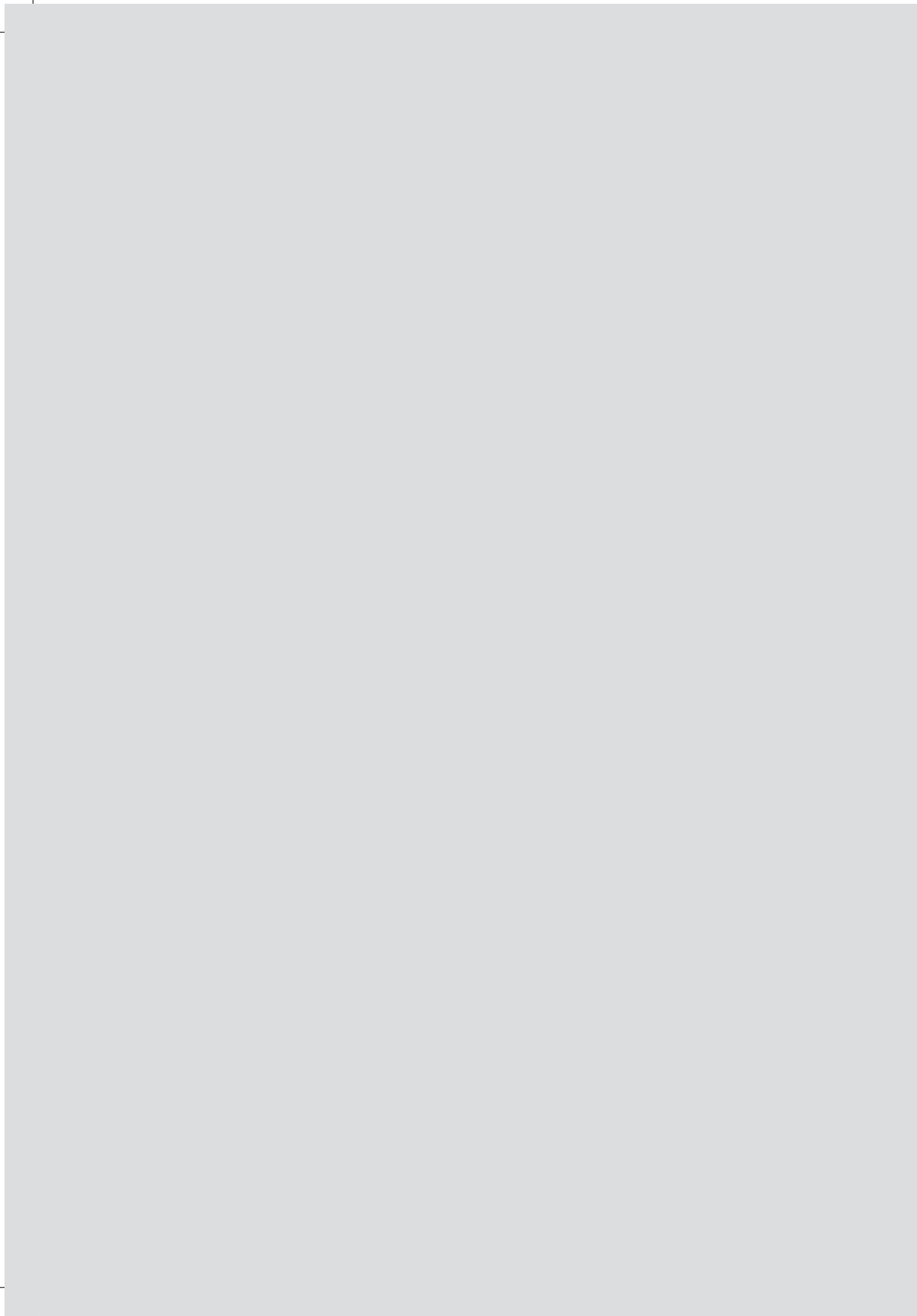
Deu passagem ao jogo de outras artes, valiosas, também como espaço que abriga a casa da cultura Centro de Cultura Adonias Filho, que já tem seus herdeiros afetivos. Este, do mesmo modo, sensível à passagem do tempo, aguarda reformas e melhorias.

Agora, você que escuta e lê, entre no campo do livro. A escrita é boa, simples, fluida, direta, vá procurar os nomes, apelidos, fatos e criação poética na graça do velho Campo da Desportiva. Prorrogação. É sua vez.



# **DISCURSOS**





## Da acadêmica Silmara Oliveira ao tomar posse na presidência da Academia de Letras de Itabuna (ALITA)



**M**eu trato com os livros e a leitura está de braços dados com a disposição de imaginar, de ter tempo livre para divagações, sonhos e assombros... Tempos da infância e adolescência quando compactuamos com o passar das horas vagarosas, muito bem colocadas, na observação de formigas e borboletas, como diz Manoel de Barros; tempo das abstrações e de sermos esquecidos pelos adultos ocupados.

Mais adiante, esse trato está ligado ao meu ofício de professora, neste campo, ampliei leituras iniciais de estudante, adquiri a consciência da preservação e respeito à Língua Portuguesa, base

da literatura e compromisso dos homens e mulheres que empunham lápis e papel, modernamente computadores, glorificando o que há de mais sagrado para uma nação e sua unidade — a Língua. Neste particular, o Brasil, país de proporção continental, com bastantes variações lingüísticas, mantém como língua única o Português, idioma amado em declaração e escrita pela ucraniana, Clarice Lispector, naturalizada brasileira.

Construí o que chamo de sensibilidade nacional pela causa do Nordeste que tem uma literatura forjada nas senzalas e engenhos, bem como as questões da política, de mandos e desmandos. Adoeci meu olhar, sentindo a vida dos personagens que nada mais são que representações do cotidiano humano, passadas a ferro e fogo e, assim, o reconhecimento de que esta mesma nação brasileira habita dentro das páginas de Euclides da Cunha, no assombro da pobreza e da fé. Do desespero e da força a empurrando para o front homens mulheres, crianças e velhos orientados pela liderança de Antônio Conselheiro. Na angústia de um Graciliano Ramos, a dureza mesmo, das impossibilidades humanas flagradas em Dalton Trevisan, saindo já do Nordeste.

Anterior a isso, no plano da aproximação com o aspecto social, o poeta Castro Alves, alinhando-me aos que o consideram Príncipe da poesia nacional, poeta em tom maior no sentimento da paixão e, na condição de homem apaixonado, sofrendo e fazendo sofrer, como demonstrado no livro Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves, de Myrian Fraga. No veio pela liberdade, imbatível nas declamações em púlpito, nos dias e noites ásperos da escravidão. Em tempos mais atuais, a prosa e o verso de Drummond, de Manuel Bandeira, poeta da indesejada e de balões juninos. Um sem-número de escritores nacionais tem emprestado ao nosso idioma seus nomes e obras de grande alcance, de inestimável valor, humanidade e humor. Acadêmicos e não acadêmicos.

Dentre os nossos augustos escritores sul baianos, foi-me dado o prazer de aprofundar um pouco mais na obra do ficcionista Adonias Filho, ter contato com sua percepção desse mundo de fazendas

de cacau e da natureza de homens brabos, Adonias aproximou a tragédia grega tanto dos personagens de um Nordeste incrustado na Mata Atlântica rica e poderosa, tanto nos aspectos naturais — dada à elevada produção do cacau — quanto na formação dessa região a qual ele denominou Nação Grapiúna. Além do estudo da obra, tive também a oportunidade de gerir a montagem da exposição e do Memorial Adonias Filho aqui em Itajuípe.

É doce e angustiante o contato com a ficção adoniana, e, hoje dia 19 de abril, data reservada à lembrança do habitante primeiro desta terra — o índio — me ocorre a trama do livro *Fora da pista*, no qual trata da desumana e desleal conquista dos homens que aqui se assentaram em detrimento dos que já existiam: os índios. Sempre oportuno, Adonias fez referência à sabedoria do índio no trato com o viver conforme a disposição do que a natureza lhe punha nas mãos. Não pintou o índio com a paleta da ingenuidade, antes mostrou como foi dura e sangrenta a luta entre estes e plantadores de cacau ou caçadores. De todo modo, façamos nós a reflexão do que significa dizimar um povo com mais de três mil anos habitando essas terras. Membro de Academia Brasileira de Letras, Adonias Filho honra esta região e a ALITA, com seu trabalho de amplitude universal em sua forma e conteúdo.

E como a noite é de Academia, a primeira das academias do Brasil foi a Academia Brasileira de Letras fundada, a 20 de julho de 1897, Tendo Machado de Assis Presidente, Joaquim Nabuco Secretário-Geral, Rodrigo Octávio Primeiro secretário, Silva Ramos Segundo Secretário e Inglês de Souza Tesoureiro. Seu objeto primeiro: a cultura da língua e da literatura nacional. Cem anos depois, foi uma mulher Nélida Piñon a presidir a ABL indicando os sinais de mudança ao longo do tempo.

Na Academia de Letras de Itabuna — ALITA — ainda em idade tenra, — com apenas seis anos de fundação — há de caber também, além da missão da cultura da Língua e literatura nacional, o desígnio de exaltar a literatura Sulbaiana, ou Literatura do Cacau, lutar com vigor pela longevidade desta, que não diferente das outras, trabalha

a memória de modo especial, recoloca o homem e a sua luz, com no poema de Sosígenes Costa, a literatura regional dispõe da vida dos nossos antepassados para o leitor. Todos os acordos são postos à mostra, com veias abertas, por diferentes e variados autores; dias e noites, madrugadas e amanheceres, nas matas ou em águas dos mares desta costa.

Em muitos casos, é o regime da memória que norteia as páginas dos autores regionais, e sabemos que a memória não se curva às linhas do esquecimento, antes, reflete como espelho e, então, é que revisitamos os rios, as estradas, ruas em calçamentos rudimentares, lavadeiras, homens na cabruca, o corte, a secagem do cacau, seu perfume *in natura*. Mulheres que se dão ou são tomadas. É a vida que se vai tecendo num vasto painel de cores ora fortes, ora esmaecidas, cheiros e texturas em infinitas nuances.

Compõem o cenário ficcional e não-ficcional desta academia nomes que a tem enriquecido, trinta e seis membros, sete correspondentes, entretanto, me eximo de citá-los nominalmente, por conveniência do tempo corrido. Peço licença aos confrades e confreiras que aqui estão para prestar homenagem especial, às letras do ficcionista Cyro de Mattos, confrade a quem estimo e agradeço a minha presença nesta Casa. Quero dividir com vocês as sensações da leitura de três contos do livro em 2ª edição *Berro de fogo e outras histórias*.

Este livro é como se um mundo ido retornasse com suas aflições de começo que se cria. Entrevemos pastagens, estradas de pedras, rios limpos, natureza semi intocada, esperança nas mãos e sonhos nos olhos, destinos que se tramam para o de sempre, os pobres mais pobres.

Nessa escrita, que se faz ler em um fôlego, sem que queiramos despregar os olhos, a vida corre em seu tom normal, e o normal se acerca das lidas diárias, impregnadas do sofrimento como indelével. Sobrepeça nessas histórias, três contos aos quais me detenho, uma carga de expressiva impotência, seja no homem que mata um seu igual, um amigo, um inocente, e, perceba que o indivíduo mata, e nesse caso, é potente, mas não pode se livrar desse ofício de matar,

que até entende como natural da vida. Seja a impotência da moça que engravida do patrão, à semelhança de Trevisan quando as moças têm um subalterno fim predestinado do sexo violado como no romance *A Polaquinha*.

Mais ainda, impressiona o silêncio impotente e urdido na dificuldade e tristeza de uma criança a quem não é dado o direito de ter um animal de estimação, sucessivos bichos desaparecem pelas mãos do seu genitor. É a mesma marca de impotência. Somente o contato do leitor com o texto para ter conta do peso no ombro do filho, na sua solidão febril pelo desejo de ter um animal. E como um gato estendido nas mãos, abatido aos golpes do pai, essa criança enlouquece dada a sua miudez de criança que nada pode. É como se o escritor tivesse sido esse menino porque transpõe de tal modo a sua dor que o leitor nela se estreita e se comove.

A literatura do companheiro Cyro é essa mão invisível que nos humaniza dentro da dor sentida e, quando o texto assume essa humanização, suavizando o olhar para o outro, aproximasse do universal, do excelso.

À guisa de curiosidades, informo que ontem foi aniversário de nascimento de Monteiro Lobato 18 /04/1882, hoje, nascimento de Lygia Fagundes Telles, 1923 e amanhã data do nascimento de Augusto dos Anjos 1884.

Assumo, pois, esta Presidência sob o resguardo da honra, do trabalho e zelo pela Língua Portuguesa e pela literatura regional, pela vida comunitária e conclamo os nobres confrades ao conagraçamento que nos possibilite aconchego da boa convivência, e ações que alcem voos ao encontro da juventude para que tomem gosto pela leitura e que seja reduzida a distância entre as letras e e os mais moços. Que esta Casa ambicione inspirar nos jovens o gosto pela arte, leitura e exemplo de intelectualidade.

Neste momento, dou posse aos ilustres acadêmicos e confrades Lurdes Bertol Rocha Vice-Presidente; Sônia Carvalho de Almeida Maron, Primeira Secretária; Sione Porto, Segunda Secretária; João Otávio Macedo; Primeiro Tesoureiro; Janete Ruiz Macedo Segunda

Tesoureira; Cyro de Mattos Editor da Revista *Guriatã*; Ruy do Carmo Póvoas Diretor da Biblioteca; Raimunda Assis, Diretora de Arquivo; Raquel Rocha Diretora de Informática; Celina Santos, Diretora de Comunicação; Marcos Bandeira Diretor de Pesquisa e Assuntos Culturais.

É como mulher, estudiosa, cidadã brasileira, produtora cultural, que hoje com a graça de Deus e dos membros desta casa que confiaram na minha condição de trabalho, assumo a Presidência da Academia de Letras de Itabuna, agradecida e honrada pela fé em mim depositada.

## **De recepção à acadêmica Silmara Santos Oliveira como presidente da Academia de Letras de Itabuna (ALITA)**

Sônia Carvalho de Almeida Maron

**T**radicionalmente o ritual das academias de letras é laico, dispensando a invocação a Deus como costumam fazer alguns clubes de serviço, a exemplo do LIONS, ao qual pertence e coincidentemente celebra este ano o centenário mundial. Vou ferir o protocolo acadêmico neste momento em que transmito o comando da nossa instituição a uma confrreira exemplar, invocando a proteção de Deus ou que outro nome possamos dar à força superior que nos conduziu até este momento, com ânimo renovado, confiança no futuro e esperança de um convívio fraterno, leal e harmonioso, para que abençoe e proteja o biênio que hoje tem início e a trajetória de nossa academia e seus dirigentes.

Cumpramos esclarecer a escolha da cidade de Itajuípe para a posse da terceira presidente da Academia de Letras de Itabuna, conhecida pela sigla ALITA. A decisão surpreendeu algumas pessoas menos avisadas e desligadas da memória da nossa região. Bastaria um único argumento para justificar a escolha: Adonias Filho, patrono da nossa academia, nasceu, viveu e amou Itajuípe como poucos dos seus filhos. Seria o suficiente se não tivéssemos outros poderosos argumentos: a presidente eleita, Silmara Santos Oliveira, é filha de Itajuípe e uma das referências intelectuais da cidade, como educadora e escritora. É ainda uma das maiores estudiosas da obra do escritor festejado no país e além fronteiras, devendo-se a ela a preservação da memória do seu conterrâneo mais ilustre. Assegurando a legalidade



da escolha, o nosso estatuto, no art. 4º, in fine, amplia o alcance da ALITA na preservação da memória “da cultura de Itabuna e de toda a região Sul da Bahia”. E a presidente que ora se despede é também filha de Itajuípe, podendo apresentar a prova material da certidão de nascimento lavrada por Ottoni José da Silva e afirmar que o obstetra Montival Lucas cuidou para que chegasse ao mundo sã e salva.

Esta reunião festiva tem a finalidade de transmitir o cargo de Presidente da Academia de Letras de Itabuna, que exerci por dois biênios, à Profª Silmara Santos Oliveira e legitimar a escolha dos confrades e confeitras que integram a Mesa Diretora da chapa eleita por aclamação no último dia 15 de março do corrente ano. Reza a tradição das instituições congêneres que a dirigente que se despede ofereça uma prestação de contas sumária, dando conhecimento aos membros da academia e à sociedade que os acolhe das realizações e eventos próprios da entidade no curso da gestão, no plano administrativo e cultural.

Permitam-me assinalar que é espinhoso o caminho de uma associação civil de direito privado, sem fim lucrativo, notadamente quando o objetivo é o “cultivo da língua portuguesa e a promoção da literatura, das artes e das ciências humanas, em suas diversas manifestações”, como determina o art. 4º do nosso Estatuto. Nascida em 19 de abril de 2011, graças ao pequeno grupo de sonhadores que figuram como membros fundadores, tentamos sobreviver em uma fase de transformações sociais e enfrentando a crise econômica que assola nossa região, dificultando a existência e crescimento de iniciativas voltadas para projetos culturais e incentivo à literatura, ciências humanas e artes.

Por ocasião do meu discurso de posse, no biênio 2013/2014, declarei que tinha o sonho de reinventar a noção de uma academia de letras e a ideia continua viva e vibrante. Não é fácil ajustar o pensamento plural conseguindo harmonizar um colegiado. Os primeiros passos são difíceis, claudicantes e sofridos. Muitas vezes pedras ferem nossos pés na caminhada e o desânimo ameaça e reduz o entusiasmo. São fases que já vencemos com coragem e

determinação, conseguindo a união necessária para a concretização do ideal que reuniu um grupo de amigos estreitamente ligados ao verdadeiro sentimento de fraternidade.

São consideráveis as dificuldades materiais enfrentadas. Nossa sede, ainda em duas salas ocupadas em regime de comodato, na rua Ruffo Galvão, em Itabuna, continuam acomodando nossas reuniões e abrigando a biblioteca que vem crescendo graças às doações dos próprios membros e à generosidade dos amigos. Cadeiras e bancada, estante e equipamento de computação decorreram de doações; as mensalidades dos membros são destinadas ao pagamento do condomínio e pequenas despesas; quando o saldo permite, alguma necessidade premente é atendida, como foi o caso da aquisição de uma mesa para a sala de espera. Graças à generosidade de empresários amigos e à parceria da FTC, Montepio dos Artistas, Associação Comercial e Hospital Beira Rio realizamos os eventos em auditórios confortáveis. São dados superficiais vividos pelo pequeno grupo que decidiu enfrentar as dificuldades e aceitar o desafio de reagir, superando crises e conflitos e acreditando no fortalecimento da instituição.

De 2013 até a presente data, graças à mensalidade de alguns membros e generosidade de alguns amigos que assumiram o patrocínio, além do evento de posse realizado no auditório da FTC, três outros foram realizados no mesmo local, para formalizar a posse de novos membros, lançamento do livro da poetisa Valdelice Pinheiro e lançamento do primeiro número da revista Guriatã: festejamos o centenário de Jorge Amado com palestras em faculdades particulares e colégios de ensino médio; festejamos o Dia da Consciência Negra na comunidade religiosa de tradição afro-brasileira Ilê Axé Ijexá, dirigida pelo Babalorixá, Prof. e escritor Ruy do Carmo Póvoas, vice-presidente do Biênio que encerramos e comemoramos a mesma data, no ano seguinte, no Montepio dos Artistas; prestamos uma homenagem póstuma à maior poeta da região, Valdelice Soares Pinheiro, editando uma coletânea dos seus poemas, organizada pelo confrade Cyro de Mattos; participamos do lançamento de livros

de vários confrades e congreiras, a exemplo de Lurdes Bertol (na Biblioteca Municipal), Sione Porto (no Hotel Tarik), Ceres Marylise Rebouças (em Ubaitaba, sua terra natal), Cyro de Mattos (na Livraria Nobel), Maria Delile Miranda Oliveira (na casa de eventos Maison Marie), Silmara Oliveira (em Itajuípe); estivemos ao lado da congreira Silmara Oliveira em todas as festividades do centenário de Adonias Filho, inclusive em mesa redonda na UESC; a ALITA esteve presente em eventos da Academia de Letras da Bahia; lançamos a revista da academia, *Guriatã*, dois anos seguidos e já se avizinha o projeto do terceiro número; participamos de duas feiras de livros na Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania (FICC); no moderno auditório do Hospital Beira Rio, realizamos uma sessão solene homenageando o confrade Cyro de Mattos por ocasião do seu ingresso na Academia de Letras da Bahia, ocasião em que foi lançado o segundo número da revista; celebramos parcerias com a Associação Comercial de Itabuna e Montepio dos Artistas; nosso site, inicialmente implantado pela congreira Ceres Marylise Rebouças, atualmente residindo em Salvador, passou à administração da congreira Raquel Rocha que segue o projeto original, publicando as contribuições de todos os membros que nos honrem com sua produção literária, com acesso através de um link no espaço próprio e a primeira página para registrar notícias diversas, bem como artigos, crônicas e poemas com o timbre da atualidade. No ensejo, é imperioso registrar nosso agradecimento aos empresários Helenilson Jorge Chaves, José Carvalho Peixoto e José Dantas Melo Neto, patrocinadores do livro e revistas que foram nossa marca no período.

No âmbito financeiro, não temos contas a pagar. Ao contrário, o pequeno saldo em nossa conta bancária é suficiente para atender às despesas com o condomínio, compromisso assumido em razão do comodato que nos exime do aluguel, assinalando que a conta de luz das salas que ocupamos é assumida pelo proprietário, filho da atual presidente.

Em rápida visão pelo caminho já percorrido, nada mais peço porque tenho somente agradecimentos a Deus pelos empecilhos

que consegui superar em todas as fases da minha vida. Alcancei o milagre de não conservar nenhuma cicatriz dos ferimentos sofridos na estrada já bastante longa que percorri. Nesses agradecimentos registro com louvor a solidariedade, carinho e apoio dos meus queridos confrades e congreiras da Mesa Diretora, a dedicação da ex-secretária e ex-vice-presidente Ceres Marylise, atualmente em Salvador, pela inestimável contribuição ao fortalecimento da instituição. Alguns foram mais que amigos, mais que irmãos e não vou citá-los porque a grandeza e generosidade de caráter que ostentam prescindem de publicidade. Eles e elas estão presentes e sabem o que significam para mim e para a instituição, o pequeno grupo de pessoas determinadas, otimizadas, corajosas e idealistas que honram e fortalecem a ALITA como intelectuais e como cidadãos.

Muito existe a sonhar, planejar e construir. As instituições de qualquer espécie passam por dificuldades, crises, altos e baixos, a depender das circunstâncias por vezes estranhas à vontade dos dirigentes. A ALITA não foge à regra. Nossa academia tem enfrentado desafios com altivez e determinação e nada vai impedir nossa trajetória ditada pelo propósito de promover a produção literária, criação artística e pesquisa cultural, transmitindo aos jovens valores mais éticos e mais justos.

Gostaríamos de dizer a Silmara, congreira muito querida, que uma instituição sem problemas estaria esperando sua competente e profícua gestão. Se o fizesse estaria delirando, ocultando a verdade. Nenhuma instituição consegue alcançar a perfeição e escoimar todos os problemas, vez que sua existência e atuação ocorre no plano material e humano, com erros, imperfeições, defeitos próprios dos seres humanos e não deuses, que compõem o quadro dos participantes. O que posso oferecer à minha querida amiga, com a chave da nossa modesta sede, é a afirmação de que os “cirineus” que me deram apoio continuarão ao seu lado, na proposta inscrita em nosso brasão: LITERIS AMPLECTI, a expressão latina que pode ser traduzida como “abraço das letras”. Nosso abraço não é somente às letras: é o abraço fraterno e sincero que transmite conagração,

união de propósitos, determinação e lealdade entre os membros. Irmanados, defenderemos a ideia original manifestada na fundação da nossa academia, de defesa da cultura em nossa região no sentido mais amplo.

O brasão da nossa academia de letras encerra uma proposta de fraternidade e união, vale repetir. Aceitamos o desafio de reagir ao sentimento de desalento e desesperança que se apossou de uma região que se apresenta sem alma, sem passado, sem memória e vislumbrando o futuro com temor. Acreditando em nosso amanhã e exorcizando o pessimismo e a crítica destrutiva, afirmamos que o futuro não é oferecido de antemão e cabe a todos nós recriá-lo a todo momento. Estaremos ao seu lado, Silmara, recriando o futuro, reinventando a Academia de Letras de Itabuna para que possamos atrair os jovens que irão continuar nossa tarefa e aprender a sonhar os nossos sonhos.

(Câmara de Vereadores de Itajuípe, Bahia, 19 de abril de 2017)

## **Na despedida do Bispo da Diocese de Itabuna Dom Ceslau Stanula**

Por Sônia Carvalho de Almeida Maron

**M**inha vida tem sido pontuada de episódios de desafios e também superação conseguida com a ajuda de Deus e da fé. Hoje estou diante de um dos maiores desafios já enfrentados, que se traduz no convite indeclinável da Dra. Mércia Margotto, para participar desta cerimônia com a incumbência honrosa de comentar um dos aspectos da personalidade multifacetada do nosso Bispo: Dom Ceslau, o verdadeiro pastor de almas que conquistou todos os segmentos sociais de Itabuna, é também escritor.

Aceitei de imediato, cometendo o pecado de não questionar se eu teria legitimidade para assumir o encargo, não sendo a católica praticante ideal, com o comparecimento rigoroso às cerimônias e rituais da religião que professamos. Ou mesmo se teria bagagem para comentar a obra de um religioso redentorista que se tornou cidadão do mundo e renomado intelectual. Uma rigorosa autocrítica levou-me à conclusão que a profunda estima e admiração que voto ao homenageado impediria a recusa, além da amizade e carinho à coordenadora do evento. Não tenho a pretensão de apresentar uma crítica literária. Aceitei sem hesitação porque me considero com raízes profundas fincadas neste chão de Itabuna; aqui iniciei e conclui minha formação e sou testemunha, há muitas décadas, dos piores e melhores momentos que minha cidade viveu; aceitei para não perder a oportunidade de lembrar que, ainda criança, testemunhei os comentários sobre o projeto da catedral, partidos do engenheiro Diógenes Rebouças, marido da minha prima Dulce

Almeida Conceição Rebouças, na residência da minha tia-avó Alaide Almeida Conceição, aqui bem perto, na rua Ruffo Galvão, à época rua Benjamin Constant. Em outro momento, fui uma das adolescentes da “Campanha do Cruzeiro”, grupo de voluntárias que D.Laura Conceição criou com a finalidade de arrecadar contribuições para a construção desta catedral, que deve a bonita aparência, que hoje ostenta, à coragem e determinação de Monsenhor Moisés de Souza; aceitei porque não hesitaria em dizer, como digo, que Dom Ceslau Stanula, entre todos os administradores da Diocese de Itabuna, será sempre o exemplo do líder religioso e cidadão que se fez amar naturalmente, participando da vida da comunidade como emissário da paz e da concórdia. Aceitei principalmente para dizer que a presença do nosso pastor transmitiu, por todos esses anos, a força e energia necessárias ao enfrentamento das intempéries, garantindo a esperança de dias melhores na sua mensagem de fé, que nos faz acreditar ser tudo possível àquele que confia na proteção divina.

Dom Ceslau Stanula, missionário redentorista de nacionalidade polonesa, escolheu o Brasil como sua pátria. Culto, dotado de simpatia e simplicidade incomuns, conquistou credibilidade e respeito facilmente, até mesmo dos que professam religiões diversas, ateus e agnósticos. Dom Ceslau é sobretudo um homem de fé. E como homem de fé, Ministro de Cristo, concebeu e vem cumprindo sua trajetória como escritor.

Em suas reflexões, imortalizadas em artigos e livros, mantém a inspiração religiosa e, com o matiz da Teologia, revela seu vastíssimo conhecimento como sociólogo, filósofo, historiador e cientista político, pensador brilhante preocupado em preservar princípios e valores que servem de esteio à sociedade e que estão gravados na mente e no coração do verdadeiro cidadão.

A personalidade do Bispo-escritor começa a delinear-se a partir da escolha da editora. Qualquer grande editora sentir-se-ia honrada em publicar o trabalho de um intelectual de seu porte. Preferiu a Gráfica e Editora Bom Jesus, da sua amada Diocese de Bom Jesus da Lapa.

Seu primeiro livro, *O cotidiano da igreja*, publicado em 2009, é dedicado à memória do Irmão Emílio, missionário redentorista e à Diocese de Itabuna, sacerdotes e fiéis. Na página 42, comentando a Campanha da Fraternidade, encontramos o seguinte:

*A deficiência não é um problema apenas para uma determinada faixa de pessoas. Na realidade todos temos alguma deficiência. A nossa grande deficiência é deixar-se fascinar pelas aparências. As pessoas gostam de aparecer... para a pergunta: onde anda a verdade, a retidão do coração? Já é tempo para que a sociedade tire a máscara e mostre seu verdadeiro rosto.*

Em 2010 foi publicado *Em sintonia com a Igreja*. Na página 110, comentando a “semana nacional da vida”, filia-se à campanha pela doação de órgãos, no encorajamento às pessoas e principalmente às famílias para “doação de órgãos de forma livre e consciente, como gesto solidário de amor, com a devida proteção legal e em consonância com o evangelho da vida”. Estimula a doação voluntária de órgãos, os transplantes, doações de sangue e medula óssea. Leva a presença da Igreja à medicina dizendo que os procedimentos cirúrgicos referidos significam “um sim à vida”. O mesmo livro, na página 202, revela a preocupação com a natureza, demonstrando quanto sofre com a sorte do nosso Rio Cachoeira:

*Estamos matando nossos rios (veja o nosso Cachoeira!), matamos bosques, poluímos o ar, invadimos o subsolo, tiramos toneladas de carvão, milhões de barris de petróleo, disseminando-se com isto os gases tóxicos que matam plantas e pessoas...*

Em sequência, *Semente caída*, publicado em 2012, nos traz a *Carta de Itabuna*, concebida no Centenário da cidade (2010), ocasião em que se realizou a Semana Diocesana da Cidadania. O documento, divulgado na página 72, espelha a realidade da nossa cidade, com enfoque na violência que assola o cotidiano de Itabuna. Analisando as diversas formas de violência, destaca a violência contra a natureza, o meio ambiente, apontando como maior vítima o nosso Rio Cachoeira,



“antes caudaloso e gerador de renda para os pescadores, lavadeiras; hoje, fonte de doenças, esquecido e maltratado! É o retrato vivo da violência ambiental em nossa cidade”. Fecho as aspas, assinalando que as palavras do escritor refletem o sentimento da comunidade itabunense, pelo menos dos segmentos que enxergam e conservam o bom senso.

Em seu livro *Voz que clama*, p. 80, ed. 2014, escreveu sobre o Dia da Pátria, 7 de setembro, e do texto primoroso destacou o seguinte:

*São tantas as fraudes, tanta corrupção e tanto desvio dos bens públicos! Deixam-nos a impressão de que continuamos dependentes dos pequenos “príncipes e dominadores” que se revestem do poder legado pelo povo.*

E prossegue na p. 81:

*A pátria é o nosso berço, aí nos criamos, descobrimos este mundo de Deus. A pátria é algo muito caro para o coração do cidadão. Para compreender e sentir a grandeza da pátria é preciso conhecê-la. Só se ama o que se conhece.*

O conteúdo das lições diversificadas do nosso pastor que recebeu o privilégio de pensar as ciências sociais e humanas, a religião, a história, os desvios do ser humano e a força da esperança e da fé, analisadas sob a visão laica ou do ângulo da espiritualidade, revelam o sacerdote e o cidadão a oferecer-nos artigos de opinião, crônicas e até versos livres, que uma interpretação dogmática poderia denominar homilias. Prefiro ler e entender nosso Bispo-escritor livre de rótulos, divulgando a produção de sua mente abençoada e independente, exercendo o seu poder de formador de opinião que pode operar milagres

E como nosso país precisa de milagres! União, Estados e Municípios esperam e desesperam, aguardando as mudanças prometidas. Ao invés de mudanças, vivemos o pesadelo do crime hediondo que se intitula “tome lá e dê cá”, prática deletéria do loteamento de cargos públicos para beneficiar incompetentes e

corruptos. E o nosso escritor, Bispo Emérito já consagrado, alerta de forma delicada e subliminar, sem comprometer a indignação e a firmeza.

O quinto livro de Dom Ceslau, *Na virada da época*, publicado em 2016, oferece um verdadeiro poema de versos livres, no qual ensina onde encontrar Jesus:

*Talvez na feição de um professor ou professora, desvalorizado pelo educando e pelas autoridades, querendo que se sujeitem às suas manias políticas e se desviem de sua missão (p.106).*

É o cidadão que fala pela voz do sacerdote, em defesa da categoria profissional mais importante da sociedade, o professor.

É fácil e gratificante falar sobre as pessoas que amamos, O único perigo é cair na armadilha da suspeição. Não corro esse risco. A admiração e estima por Dom Ceslau está a salvo da suspeição que conduz ao exagero ou à inverdade. Em primeiro lugar, porque a verdade é fácil de ser constatada por todos que conhecem o homenageado; finalmente porque minha formação condiciona minhas palavras à isenção e imparcialidade. Além do mais, nosso homenageado conseguiu aprovação unânime como sacerdote e como cidadão e não existe ninguém, debaixo do céu de Itabuna, que ouse contestar. Sua voz soará sempre nesta catedral e em nossos ouvidos e sua bênção acompanhará nossos passos. Onde quer que esteja nosso Bispo Emérito, permanecerá em nossas vidas e nas conquistas da cidade de São José.

Vá em paz, Dom Ceslau Stanula, Bispo Emérito de Itabuna. Deus o acompanhe, iluminando cada vez mais o seu caminho e nos ajude a suportar a saudade.

(Catedral de São José, Itabuna)

## Da outorga do primeiro título de Doutor Honoris Causa da UESC

Por Cyro de Mattos



**É** justo afirmar que o Sul da Bahia tem hoje na Universidade Estadual de Santa Cruz um divisor de águas de expressivo nível educacional e cultural no curso da história. Por seus méritos inquestionáveis, a UESC conquistou nesses setores o reconhecimento nacional e internacional. Sinto-me fortalecido e dignificado ao receber a honraria mais importante dessa instituição, que, ao longo de vinte e cinco anos, vem contribuindo com relevantes serviços e

atividades profícuas na formação de gerações, como uma verdadeira usina do saber.

Quero agradecer a Deus ter chegado até aqui, a todos que abonaram meu nome, em especial à Professora Doutora Reheniglei Rehem, autora do projeto que me indicou para tão honrado título, por seu gesto nobre, movido na crença de que meu ser-estar no mundo das letras tem sido útil aos outros e, por isso, como um dos escritores dessa região, pródiga de bons prosadores e poetas, merecia ter esse elevado reconhecimento com base em juízo de valor.

Agradeço à esposa Mariza, que comigo convive durante 48 anos de casados. Se com ela, filhos e netos divido esta cerimônia de alegria, aproveito a oportunidade e digo à minha querida companheira de aventura na vida:

*Foste capaz de amar  
Entre alegrias e pesares  
Um homem deste feitio  
Que quer a vida apenas  
Sob a vigília do sonho,  
Na cidadela das afeições  
Esvoaçar ingenuidades.*

Agradeço ao pai Augusto e à mãe Josefina, que me trouxeram ao mundo, sonhando que um dia o filho caçula fosse o advogado da família pobre, o irmão José Orlando seria o médico. Vindos do sertão, meus pais aqui se conheceram no sul da Bahia, uniram-se para que, na dura lei da vida, com a certeza da guerra vencida, um dia vissem realizado o ideal que a vontade deles tanto queria para os dois filhos.

O pai levava o filho para assistir o júri. Na rua aglomerada de gente, o pai colocava o filho nos ombros. Queria que o menino observasse pela janela o Juiz de Direito interrogar o réu algemado, cabisbaixo, no interior do recinto. O advogado desfiar argumentos na defesa do réu e receber aplausos. Observasse o promotor no seu jeito sério de acusar o réu que, matando a mulher, estava matando a

sociedade, pois esta tem na vida o seu bem maior. O pai não gostou quando anos mais tarde o filho disse para ele que podia se esforçar para ser um advogado importante, mas gostaria mesmo era de ser um escritor. Um contador de história. Ou mesmo um poeta.

Quando esse menino, magro e esperto, chegava à sua casa, molhado de suor, depois de jogar uma partida de futebol com os queridos amigos no campinho improvisado do terreno baldio, a mãe aconselhava: “Filho, primeiro a obrigação, depois a distração.” Ela indagava: “Fez os deveres escolares?” Na infância feita de surpresas e sustos esplêndidos, entre o prazer e o dever, o menino sabia conciliar as duas coisas.

Sempre cumpriu com os deveres que a professora Leda passava na escola do rigoroso professor Chalup. Nunca deixou de nadar nas águas límpidas do rio Cachoeira, que por entre pedras pretas, vagaroso, cortava em duas partes sua querida cidade de Itabuna. Mergulhar e pescar nas águas daquele rio, que para o menino era o melhor e maior do mundo, que tinha peixe em abundância naqueles idos, que já vão longe, era um bênção dada por São José, o padroeiro da cidade.

Nada era melhor do que assistir aos filmes do mocinho e da mocinha na matinê do Cine Itabuna, aos domingos. Curioso, bem vestido, cabelo penteado com esmero, perfumado, conheceria o menino naquela casa de diversão e sonho os ídolos que saltavam da tela, armada no palco, para ficar no coração para sempre, pulsando sentimentos que se alimentavam de jornadas heróicas: Super-Homem, Batman, Capitão Marvel, Príncipe Submarino, Flash Gordon, Tarzan e Durango Kid. Como esquecer o mito de Branca de Neve e Os Sete Anões, de Bambi, de O Rei Leão, da Bela e a Fera? O que a alma sentia, naquele momento de lazer, era a doçura vestida de encantamento, a pureza iluminando a alma com luzes coloridas. Quando aparecia o mocinho beijando a mocinha no final do filme, havia a ovação sem igual, mesclada de gritos e delírios, da garotada aplaudindo na plateia, era assim que o bem vencia o mal.

O menino ingressou no Ginásio Divina Providência, da abnegada diretora Lindaura Brandão, usando a primeira calça comprida. Com

a professora de Português, Odete Midlej, uma grapiúna que tinha sangue árabe, conheceu alguns poemas de Castro Alves, Camões, Olavo Bilac, trechos clássicos de Rui Barbosa e Padre Antonio Vieira. Mais tarde, em Salvador, na biblioteca do Colégio Maristas, conheceu os romancistas José de Alencar, Machado de Assis, Érico Veríssimo, Eça de Queirós, o poeta Gonçalves Dias e o cronista Humberto de Campos. E assim, numa viagem prazerosa, prosseguiu sua aventura na vida acompanhado de autores importantes de nossas letras, em prosa e verso. Avançava aos poucos no hábito da leitura, que lhe dava descobertas incríveis. Deslumbrado, o adolescente do interior fez nova etapa dessa viagem na capital com autores e livros que lhe eram ricos quando então passou a freqüentar a biblioteca do Colégio da Bahia, Central, e a Livraria Civilização Brasileira, na Rua Chile.

Agora, com a leitura como vínculo de gravidade no exercício da vida, foi usufruindo da relação saudável com os livros de Gregório de Matos, Jorge Amado, Adonias Filho, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Drummond, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Mário de Andrade e outros, entre os brasileiros; Dostoievski, Tolstoi, Gorki, Flaubert, Balzac. Vitor Hugo, Eça de Queirós, William Faulkner, Joyce, Kafka, Becket, Sartre, Maiacowski, Brecht e Camus, entre os estrangeiros. E seguiu sua viagem com outros maravilhosos escritores e poetas que caíam em suas mãos, com todos aqueles autores que o marcavam de razão e emoção, dizendo que a literatura é forma de conhecer a vida, fundamental como o amanhecer. Ela é capaz de inaugurar a existência com novos significados. Consegue o milagre de devolver aos seres humanos o que só a eles pertence: o pensamento e o sentimento. Ah, esses amigos, que até hoje andam com o homem idoso, mostrando que possuem o dom de desvendar a face oculta de seres e coisas nos instantes do inverno e do verão enquanto a vida dura. Mostram como este mundo é repleto de mistérios, como assusta no gesto insensato e até no encantamento assombra. Tendo a sua morada no tempo, com os sinais visíveis da escrita transfigurada, emprestando a palavra ao sonho, esses amigos ajudam-nos a refletir de que como o vento nós mesmos não ficamos. Somos o intervalo entre o primeiro vagido e o último suspiro. Contudo, não deixam

de lembrar que, apesar da noite escura e fria, no final de cada um de nós, haverá na curva a estrela-guia. Todos eles até hoje me dão a certeza de que sem a sua companhia a vida é pobre de sentido, não se torna possível.

Por causa do incentivo desses amigos inseparáveis, que me enriquecem na ilusão e me ajudam a seguir em frente, o moço do interior ficou sorrindo de contente quando publicou “A Corrida”, o seu primeiro conto, no suplemento literário do “Jornal da Bahia”, dirigido por João Ubaldo Ribeiro, em 1960. Daí não parou mais de escrever histórias, sendo que os livros de poesia e de literatura infantojuvenil vieram muitos anos depois. Ao correr dos anos, sempre que o autor dentro de mim publicava um livro lembrava a observação do que certa vez a mãe dissera sobre a vida: “Aqui neste mundo cada um vem para escrever a sua história.” E, de expressão séria, no rosto que comumente era só ternuras, a mãe finalizou: “Cada um no seu canto chora o seu tanto.”

Ô tempo, cavaleiro soberano, quem entende teu passo? Teu silêncio quando flor surge e nos encanta, mas logo desaparece no pó e desencanta? Meu senhor no rigor de atitude que comanda, falo de teu jeito, neste momento, acendendo o coração na lembrança do que um dia a mãe observou sobre teu galope e que me motivou este soneto:

### **As Nuvens**

*Da balaustrada olhava as nuvens  
Acima do rio levando gente  
E carga. Antes que a noite  
Chegasse, ofereciam viagens.*

*Mostravam castelos, cada gigante,  
Um velho barbudo em pé no tapete.  
De calção, peito nu, lá no pátio,  
Ficava vendo-as no azul do céu.*

*Como elas que voltavam, voltaria  
Pra brincar com os amigos de infância  
Quando já fosse um homem? Só havia*

*Um jeito de regressar ao passado,  
Rindo a mãe disse, sonhando acordado.  
Um homem com o menino conversando.*

Lembro mais. Naqueles idos em que a cidade tropeçava nas pernas com as ruas sem calçamento, as tropas de animais carregadas de sacos de cacau seco resfolegando no atoleiro, os pais de renda modesta faziam grande esforço quando tinham que encaminhar os filhos para estudar em Salvador. Viajávamos na marinete, um ônibus de cadeira dura, que seguia aos solavancos, pela estrada de barro esburacada, com poeira ou lama. Parava de cidadezinha em cidadezinha ou no vilarejo. Um dia durava a viagem com xingamento e sobressaltos. Se a marinete quebrasse no percurso heróico, com o tempo chuvoso ou de muito calor, dormíamos naquele transporte sem conforto, o suplício podia demorar dias, até que o socorro chegasse.

Dessa vez, como um menino receoso do que iria acontecer pela frente, em Salvador, via-me tirado da vida livre que a infância oferecia em minha cidade. Era para me recolher aos estudos e seguir a disciplina do internato no colégio da capital. Os pais de renda modesta lamentavam que Ilhéus e Itabuna não tivessem ainda as suas faculdades para formar doutores, aliviando assim o peso que tinham para custear os estudos dos filhos nos colégios de Salvador.

Naqueles tempos, de desafio e apreensão, o pai custava a pegar no sono. Ficava acordado, quase a noite toda, conversando com a ideia de como arranjar dinheiro no outro dia para custear os estudos dos dois filhos na Capital. Vivia da renda do aluguel de umas casinhas que construía no outro lado do rio e do pequeno comércio que mantinha numa venda situada na Rua da Lama. A mãe era uma bordadeira fina, à noite ia dormir tarde, as pernas e as mãos ativas davam vida à máquina de costura para fazer o enxoval da filha de família rica, prestes a se casar. Com o dinheiro que adquiria pelos



serviços que fazia com o enxoval, ajudava o pai a custear os estudos dos dois filhos no colégio Maristas, em Salvador.

Hoje, perto da Vila do Salobrinho, onde antes era roça de cacau na franja da mata fechada, ergue-se uma universidade com milhares de alunos. Há vinte e cinco anos o sonho dos meus e de outros pais tornou-se realidade. Com eles, nossos antepassados, com o coração deles que tanto desejou, sabemos o quanto é preciso amar essa Universidade como um tesouro que brilha em nossos olhos com suas cores múltiplas. Sabemos como essa universidade ilumina o ser, por meio dessas vozes que falam do saber no espetáculo da vida. Essas vozes moduladas em tantas leituras e lições vêm de longe para ressoar aqui, nestes campos da esperança, por entre professores e alunos, no abraço de séculos, na maior tradição de esplendor monumental feito do transmitir e do receber o ensino. Elas vêm desde que lá longe o velho sol não pintava os desertos com as cores da manhã. A lua não espalhava as dores, a chuva não fecundava o ventre mineral da terra. O vácuo inútil era tudo. Até que a razão e a emoção decidiram estender a palavra no vazio do mundo. E aqui, nestes campos acesos com a luz do saber, com suspiros e pesares, esforços e alegrias, nos dessem a vida pelo ventre dessa universidade, que é atuante, eficaz no ciclo das estações, enorme como o nosso chão, prodigiosa entre os botões que se entreabrem e a queda dos frutos maduros.

É assim que ela existe, para fazer de cada um de nós gente, sujeito, protagonista social em nosso destino gregário, a enriquecer a existência. Sua essência é feita de coragem, doação, energia, pode ser alimentada de verdades, origens e interpretações. Não quer nada de volta, a não ser a certeza do triunfo em cada geração que gesta no ventre benfazejo. E assim, ano a ano, sabendo fazer enquanto os dias passam, os pássaros cantam nos galhos, oferta-nos a sua poesia que fala da existência como travessia, duma porta que se abre para o sistema organizado e que precisa exprimir melhor e intenso suas contradições, dúvidas e inquietações.

Agradecendo a todos que compareceram para abrilhantar esse evento, pela paciência que tiveram comigo nesta minha fala, penso que poderia encerrá-la com esses versos de Walt Whitman:

*E canto a mim mesmo,  
E o que eu assumi  
Deveis assumir também,  
Pois cada átomo que me pertence  
A vós pertence também.*

Ou com os versos do cearense Francisco Carvalho, um enorme poeta, de minha predileção.

*Homem não é de pedra  
Nem de areia  
Homem é o que mora  
No que semeia.*

Mas não, melhor é terminar com o poema que figura no meu livro *Cancioneiro do cacau*, no qual cantei o meu chão, a estrada de onde venho com todos os sons de minha alma lírica. Ouçam o poema.

### **Universidade Estadual de Santa Cruz**

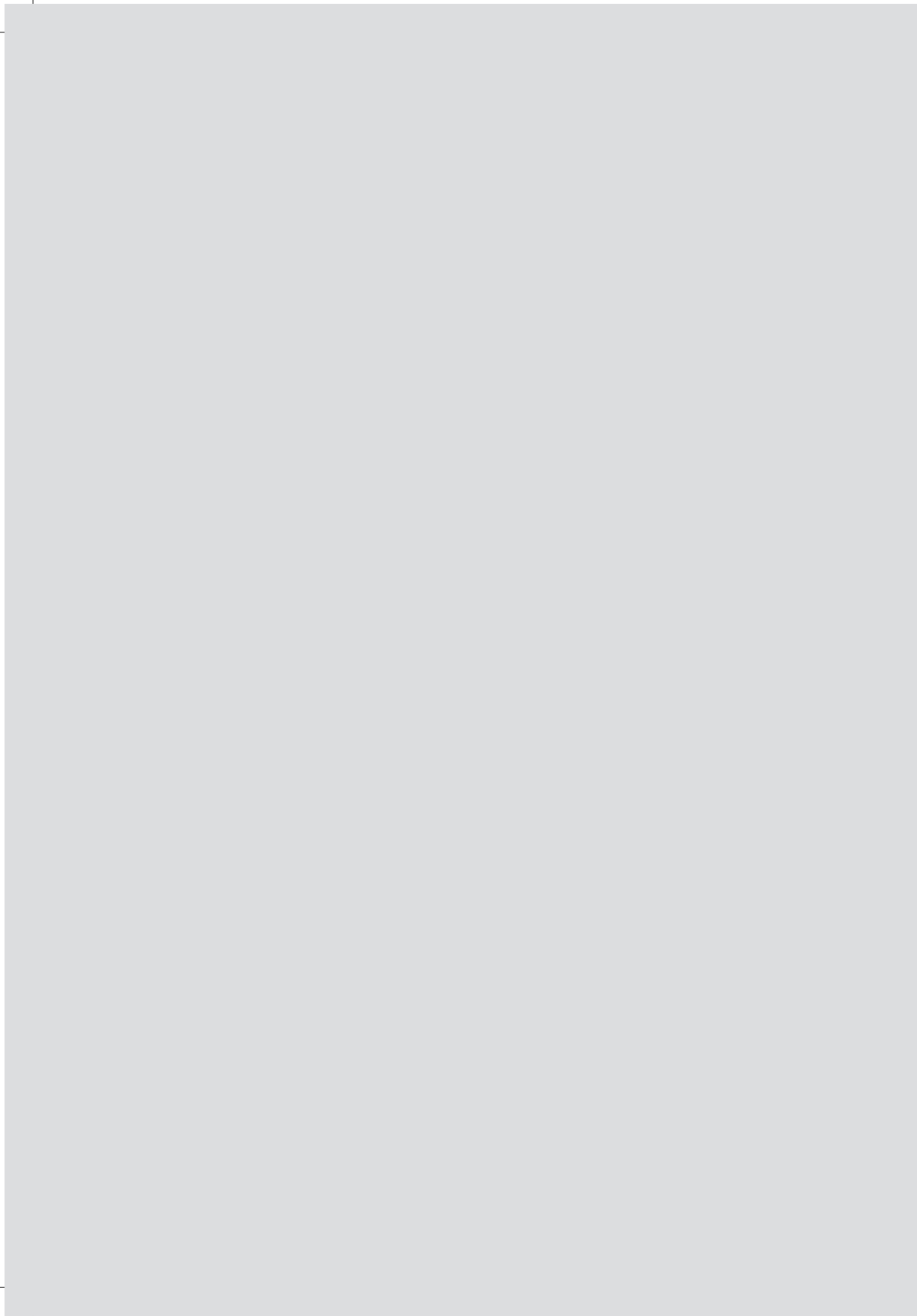
*Safras do saber  
No Salobrinho produzem  
O tempo às esperanças.  
O espírito do homem  
É o que pretendem dizer  
Entre o ser e o ter.  
Juntamos as pedras,  
Falamos com o outro,  
Escutamos as árvores,  
Os rios e os bichos.*

*Antevista planície  
Dos nossos ancestrais.  
As nuvens ensinam  
Em cada parede o sol*

*E os instantes da chuva.  
De labor e leite e suor,  
À sombra de uma santa cruz  
Nesta flor da manhã  
Ardendo na palavra  
Podemos restabelecer  
Sobre todas as marcas  
Um enigma, uma abertura.  
O que é próprio dela  
Discurso e comentário.  
Fundação do que somos  
De novo na lavra  
É o que plantamos.*

(Universidade Estadual de Santa Cruz, Auditório do Governador  
Paulo Souto, em 15 de setembro de 2016)

**REGISTRO**



## Silmara Oliveira é nova presidente da Academia de Letras de Itabuna



As Acadêmicas Silmara Oliveira, Raquel Rocha, Sônia Maron e Lurdes Bertol.

**A** Academia de Letras de Itabuna (Alita) já está sendo presidida pela educadora Silmara Oliveira. Natural de Itajuípe, ela é mestre em Cultura e Turismo e tem um extenso trabalho de pesquisa sobre a obra do saudoso escritor Adonias Filho — conterrâneo dela e patrono da referida instituição. A posse, como não poderia ser diferente, ocorreu na terra natal de Silmara e Adonias.

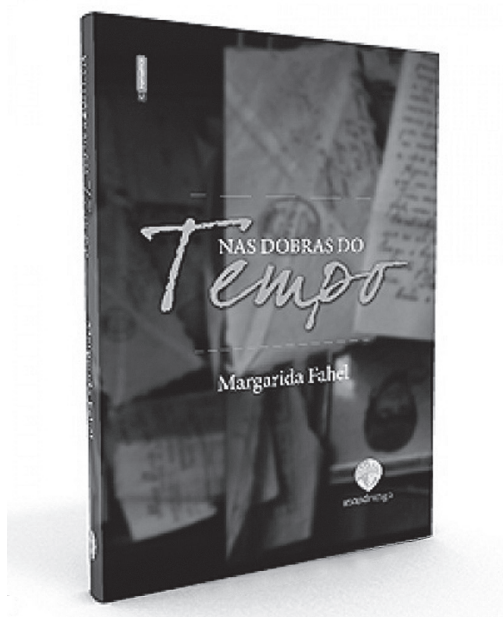
Na Câmara de Vereadores, sob as bênçãos do amor à literatura, também foi empossada a nova diretoria, para o biênio 2017/2018. Silmara dará continuidade ao trabalho da Juíza de Direito Sônia Maron, também nascida em Itajuípe, que presidiu a Academia nos dois últimos mandatos.

Ela proferiu um discurso emocionando ao transmitir o cargo e assim concluiu, em tom de esperança: “Acreditando em nosso amanhã e exorcizando o pessimismo e a crítica destrutiva, afirmamos que o futuro não é oferecido de antemão e cabe a todos nós recriá-lo, a todo momento. Estaremos ao seu lado, Silmara, recriando o futuro, para que possamos atrair os jovens que irão continuar nossa tarefa e aprender a sonhar os nossos sonhos.”

Sobre o novo papel de presidente da Alita, Silmara Oliveira afirma: “Recebo com a expectativa de ter dedicação, ser bastante empenhada neste trabalho. Porque essa Academia, no sul da Bahia, abriga escritores importantíssimos, de alcance internacional, como é o caso de Adonias Filho, Cyro de Mattos, Ruy Póvoas, Aleilton Fonseca... Então, recebo com gratidão e com a humildade de saber que tenho um trabalho a cumprir: fazer com que as letras da região sul-baiana tenham vida longa. Ainda que não fosse isso, meu papel é trabalhar seriamente naquilo que me é colocado”.

Além de ser responsável pela montagem do Memorial de Adonias Filho em Itajuípe, Silmara já dirigiu um cineclube naquela cidade por quase dez anos. Ela é professora da rede estadual e se declara, inclusive, adepta à interação entre literatura e cinema.

## Margarida Fahel estreia pela editora Mondrongo com romance de fôlego



Com o romance *Nas dobras do tempo* (Editora Mondrongo, 2015), Margarida Fahel faz sua estreia na literatura de boa qualidade produzida por autores nascidos no Sul da Bahia, uns focando a temática do cacau, outros desenvolvendo assuntos dos mais diversos da natureza humana, sem dependência de geografia humana exterior, como é o caso das vozes femininas de Elvira Foeppele e Sonia Coutinho.

O romance *Nas dobras do tempo* tem como tema o amor, com suas dores e flores, solidões tantas, e logo desponta com pontos positivos no texto construído através de técnica moderna na forma de narrar. Costurado por vozes de mulheres que chegam do silêncio

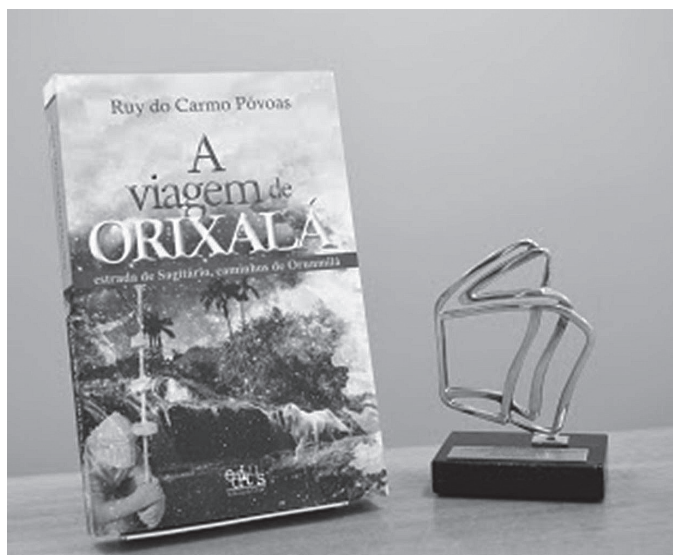


como ondas e que se estendem nas dobras do tempo como um lençol enorme, o monólogo interior neste romance é usado para externar situações da alma, ora agudas, ora ternas, trazendo à tona surpresas, que ultrapassam os limites do acontecimento e se fazem solidárias.

O tempo desfia lembranças nas confissões postas em certo epistolário, nas situações retiradas de um diário, que guarda segredos na poeira dos dias ao invés de joias. Além disso, espantos, nessa mesma ideia do amor, fundamentam-se nos acenos da memória para dar conhecimento das vias percorridas por duas linhagens no rio da vida.

Segundo o escritor Cyro de Mattos, coube a Margarida Fahel construir um romance denso e sedutor, de narradora de fôlego, imaginação com as asas largas do lirismo, dando-nos certezas sobre o difícil e complexo gesto do viver, como essa que diz, sem hesitar, com tanta pureza, plena de verdade, “que só o amor salva.” E mais perdura se flui com o perfume do jasmim.

## Ruy Póvoas é destaque em prêmio nacional de literatura



O escritor Ruy do Carmo Póvoas, um dos membros fundadores da Academia de Letras de Itabuna (ALITA), foi destaque no prêmio ABEU 2016, entregue na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. O livro *A viagem de Orixalá: estrada de Sagitário, caminhos de Orunmilá*, conquistou o terceiro lugar na categoria Ciências Sociais da Expressão.

Publicada pela Editus — editora da Uesc (Universidade Estadual de Santa Cruz) —, a obra mistura realidade com ficção, propondo ao leitor uma imersão em heranças culturais africanas. A narrativa, que envolve dezesseis personagens, transcorre em quatro partes, batizadas pelo autor como flechas: a viagem, a estrada, a caminhada e a chegada.

O caminho percorrido pelo autor e seus parentes se cruza com tantos outros, mostrando a possibilidade de o indivíduo se encontrar com outras crenças. Assim, é permitida a troca de conhecimentos, abrindo novos caminhos para outras experiências, seja no âmbito do real, seja do imaginário.

A referida premiação, organizada pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias, é voltada para publicações deste segmento. O curador do ABEU é o professor José Castilho Marques Neto, Secretário Executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura e há vinte anos ligado ao setor editorial universitário.

## Aleilton Fonseca agora é membro da Academia de Letras de Ilhéus



O escritor ao lado da esposa Rosana Ribeiro Patricio.

O escritor Aleilton Fonseca, membro titular da Academia de Letras da Bahia e da Academia de Letras de Itabuna, tomou posse no dia 9 de dezembro de 2016, como o mais novo membro da Academia de Letras de Ilhéus, ocupando a cadeira 24, que pertenceu ao saudoso escritor Hélio Pólvora. Em sua posse foi saudado pelo escritor e jornalista Antonio Lopes. A mesa contou com a participação de várias autoridades presentes, entre elas a professora doutora

Adélia Melo, reitora da Universidade Estadual de Santa Cruz, e da esposa do saudoso Hélio Pólvora, senhora Maria Pólvora

Aleilton Santana da Fonseca nasceu em Itamirim, hoje Firmino Alves, Bahia, em 21.7.1959. Seu pai, Epaminondas, um pequeno agricultor; sua mãe, Lourdes, uma professora primária. É casado há 32 anos com Rosana Ribeiro Patricio, e tem dois filhos: Diogo Ribeiro da Fonseca (31) e Raul Ribeiro da Fonseca (27). O acadêmico se declara ilheense por adoção, pois residiu em Ilhéus desde os quatro anos de idade, onde viveu a infância e adolescência. Em 1979 foi estudar em Salvador, onde fixou residência. A partir dos 17 anos, ainda em Ilhéus, passou a escrever e a publicar em jornais e revistas. Sua produção literária abrange romance, conto, poesia, crítica e ensaio. É graduado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1982), com mestrado pela Universidade Federal da Paraíba (1992) e doutorado pela Universidade São Paulo (1997). Tem livros e textos publicados no exterior.

Foi professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, de 1984 a 1998. A partir de 1999, passou a lecionar na Universidade Estadual de Feira de Santana, na qual é professor Pleno (Titular) de Literatura Brasileira, na graduação em Letras e no Curso de pós-graduação e Mestrado em Estudos Literários, desenvolvendo pesquisas sobre as relações entre literatura, imagens urbanas e ecologia. Foi professor convidado, na Université d'Artois, na França, em 2003.

Coeditor de *Iararana* — Revista de arte, crítica e literatura, editada em Salvador, de 1998 a 2007. Recebeu um dos Prêmios Culturais Fundação Cultural da Bahia — 3º lugar (1996), o Prêmio Luis Cotrim (Academia de Letras de Jequié, 1997) e o Prêmio Herberto Sales (ALB, 2001). Ficcionalista e poeta, é publicado no Brasil e exterior. Também recebeu a Medalha Pedro Calmon (ABI-Bahia, 2002), a Medalha Euclides da Cunha (Academia Brasileira de Letras, 2009) e a Medalha Arlindo Fragoso (Academia de Letras da Bahia, 2010).

## Cyro de Mattos é eleito membro efetivo da Academia de Letras da Bahia

**E**m noite memorável, no Palacete Goes Calmon, no bairro Nazaré, em Salvador, Cyro de Mattos foi empossado na Academia de Letras da Bahia para ocupar a cadeira 22, sucedendo o poeta Clóvis Lima. O fundador da cadeira 22 é Rui Barbosa. Foi saudado pelo acadêmico Aramis Ribeiro Costa. Cyro era membro correspondente da ALB porque morava fora de Salvador. Com a mudança no estatuto da instituição, abolindo a restrição, ele foi indicado e eleito membro efetivo.



Autor premiado no Brasil, Portugal, Itália e México, Cyro tem livros publicados em Portugal (4), Itália (5), França (1), Alemanha (1)

e Espanha (1). Contista, romancista, poeta, ensaísta, cronista, antologista, autor de livros para criança e jovem, já publicou no Brasil mais de 50 livros.

Na cerimônia de posse do escritor, a partir da esquerda, a foto histórica mostra os acadêmicos João Eurico Matta, Carlos Ribeiro, Aleilton Fonseca, Gerana Damulakis, Cyro de Mattos, Aramis Ribeiro Costa, Joaci Góes, a Presidente Evelina Hoisel, Urania Tourinho Peres e Dom Emanuel d'Able do Amaral.

## Câmara de Vereadores reverencia Ruy Póvoas



A alegria contagiante e a sabedoria serena do babalorixá Ruy Póvoas.

**E**m sessão especial, o Legislativo de Itabuna reverenciou no mês de outubro de 2017 o professor Ruy Póvoas pelos 50 anos como babalorixá (chefe espiritual no candomblé). Autor da sessão, Aldenes Meira (PCdoB) enfatizou o combate à intolerância religiosa. A Casa já havia aprovado, por unanimidade, moção de congratulações pelo Jubileu de Ouro do poeta. “Isso mostra que, independente das crenças, os vereadores sabem respeitar as de matriz africana”, ressaltou Aldenes.



Além das mensagens afetuosas de integrantes do candomblé, Ruy Póvoas foi saudado por autoridades civis. A juíza aposentada, Sônia Maron, frisou a atuação dele pela liberdade religiosa, “distribuindo conhecimento e afetividade”. A presidente da Fundação Marimbeta, Cleonice Almeida, enfocou o “trabalho árduo e corajoso do também professor Póvoas pela educação itabunense”.

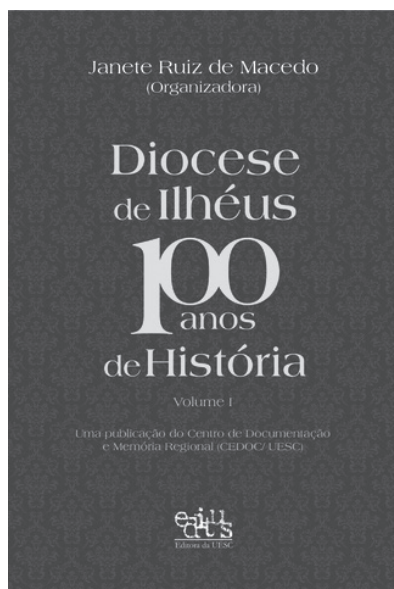
Em seus agradecimentos, o babalorixá Ruy Póvoas destacou a crença na liberdade. “O ser humano deve ser livre nas suas escolhas, inclusive de religião”. Ele salientou que há pessoas que, mesmo refutando o candomblé, acreditam na “causa que sempre defendemos: liberdade, respeito, honestidade”. Aos seus filhos de santos, participantes do terreiro e amigos, Póvoas agradeceu: “Sou o que vocês fizeram de mim”.

## Janete Ruiz de Macedo em tempo de história e memória



**P**ortadora de um currículo raro, extenso e eficaz na área da atuação para preservar a história e a memória, Janete Ruiz de Macedo é uma das idealizadoras e fundadoras da Academia de Letras de Itabuna. Ocupa a cadeira 39 cujo patrono é Manoel Fogueira. Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco, em Pedagogia pela Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna, é especialista em História Moderna pela PUC/ Minas Gerais e doutora em História pela Universidad de Leon/ Espanha. É professora Titular Plena da Universidade Estadual de Santa Cruz e participou do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Cultura e Turismo. Fundadora e pesquisadora do Centro de Documentação e Memória

Regional (CEDOC/UESC), órgão que dirigiu por dezoito anos. Publicou os livros *Ilhéus: tempo, espaço e cultura*; *Testemunhos para a História — Sá Barreto*; *Ensaio histórico de Itabuna: O Jequitibá de Tabocas, 1849-1960*. Atualmente coordena o Projeto 6 de Extensão Implantação e Implementação de Arquivos e Museus, e o grupo de pesquisa: “História, Memória e Representações: Suportes para o Turismo Cultural”. É também membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Com essa valorosa figura, dotada de instrumental teórico e prático que impressiona vivamente, não se precisa ir longe na escolha da pessoa para idealizar o projeto, coordenar e implantar o Museu de Itabuna, que há tempos constitui omissão imperdoável dos que dirigem os destinos do município.



## Alguns livros de Cyro de Mattos publicados no Brasil e Exterior (2016/17)



**A** *Anotação e a Escrita* (Via Letras Editora, 2016) é o primeiro livro de ensaio e crítica do alitano Cyro de Mattos. Dividido em quatro partes — Algumas Anotações, Anotações como Comentário, Anotações como Depoimento e Outras Escritas — o volume de 303 páginas reúne textos que foram publicados durante a carreira literária do autor em revistas, jornais e blogs importantes de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. No volume, o autor reafirma sua crença na literatura como forma de conhecimento de vida, fundamental como o amanhecer, aborda temas como o reino do conto, a caracterização da novela, o percurso do romance, a narrativa de bicho, o futebol nas letras brasileiras e outros assuntos de teor literário e cultural. A obra é dedicada aos escritores Joaci Goes e Gerana Damulakis.



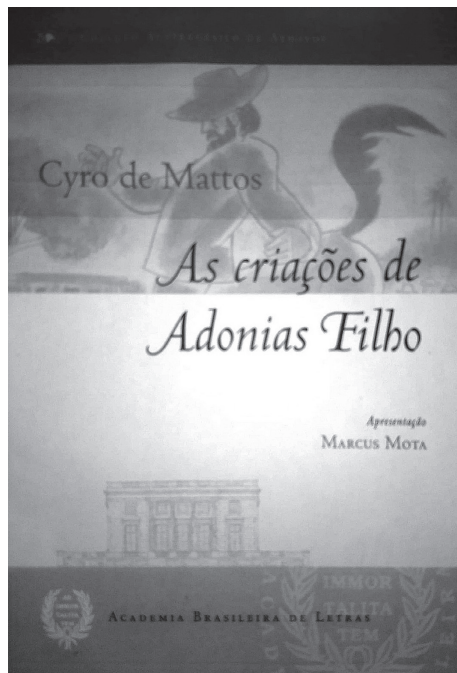
A Escrituras Editora, de São Paulo, publicou *O velho e o Velho Rio*, de Cyro de Mattos, constituído de contos e novelas. O livro é dedicado pelo narrador itabunense ao escritor Aramis Ribeiro Costa, reunindo nove histórias; quatro acontecem na zona rural enquanto as outras cinco na cidade e, entre elas, as duas noveletas “O Velho e o Velho Rio” e “Quando o Rio Tinha Peixe”, inspiradas no Cachoeira, rio que divide a cidade de Itabuna em duas partes, e que antigamente possuía águas puríssimas e abundância do pescado.

A Editus marcou presença na 24<sup>a</sup> Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que ocorreu de 26 de agosto e até 04 de setembro, no Anhembi, no ano passado. A Editora apresentou ao público três lançamentos no estande coletivo da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU). No primeiro dia de atividades do evento, foi lançada a antologia *Histórias dos mares da Bahia*, organizada pelo escritor grapiúna Cyro de Mattos. O título traz 16 contos de escritores baianos, e, entre eles, os consagrados João Ubaldo Ribeiro, Hélio Pólvora, Aramis Ribeiro Costa, Jorge Medauar, Ruy Espinheira Filho, Helena Parente Cunha, Carlos Ribeiro, Guido Guerra, Vasconcelos Maia e Aleilton Fonseca. O livro faz parte da *Coleção Nordestina*, que reúne títulos das editoras da Associação Brasileira de Editoras do Nordeste — ABEU, tendo como objetivo preservar a memória e a cultura desta região.

Academia de Letras da Bahia. Com a presença da presidente da Academia de Letras da Bahia, professora doutora Evelina Hoisel, representante do Instituto de Letras da UFBA, professora doutora Denise Scheyerl, acadêmicos Joaci Goes, Aramis Ribeiro Costa e Florisvaldo Mattos, desenhista Ângelo Roberto, cineasta Cicero Bathomarco, professora doutora Maysa Miranda, professores, jornalistas e intelectuais, *A Casa Verde e outros poemas* (editora Mondrongo, 2017), do acadêmico Cyro de Mattos, foi lançado no dia 24 de outubro de 2017, na sede da Academia de Letras da Bahia, em Salvador. A obra, traduzida para o inglês pelo professor Luiz Angélico, da UFBA, em um dos seus últimos trabalhos, compõe-se de duas partes. Na primeira, o poeta inspira-se na Casa Verde, hoje um museu desativado, a guardar o passado da conquista e do domínio dos coronéis do cacau, em um tempo áureo da civilização grapiúna, especialmente na cidade baiana de Itabuna, local de nascimento do autor. Na segunda apresenta poemas inéditos, que tem como tema as relações do homem e suas agressões à natureza. Com capa e ilustrações de Ângelo Roberto, o livro é uma homenagem à memória do professor emérito, doutor e poeta Luiz Angélico.

**Lançamento de *A Casa Verde e outros poemas* no Palacete Goes Calmon, sede da Academia de Letras da Bahia, Salvador.**



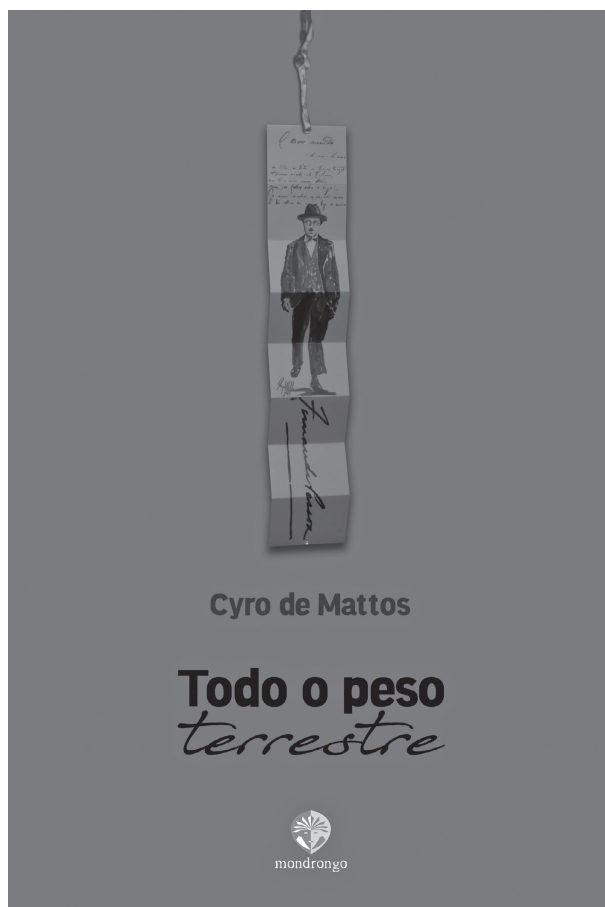


Reunindo onze ensaios, o livro *As criações de Adonias Filho*, de Cyro de Mattos, foi publicado em novembro de 2017, pela Academia Brasileira de Letras na Coleção Austregésilo de Athayde, com prefácio do professor doutor Marcus Mota, da Universidade de Brasília. A obra apresenta os seguintes ensaios: Trilhas do Homem, Um Criador da Literatura do Cacau, Regional de Alcance Universal, Da Linguagem Romanesca, Mares Trágicos da Bahia e África, Contra a Noite sem Madrugada, Seis Prosas Urbanas de Ficção Breve, Um Forte de Magias e Mitos, Representação do Negro, Indianismo Adoniano e O Mito na Selva Grapiúna.

Traz ainda, no final, uma cronologia sobre fatos marcantes na vida do consagrado romancista, nascido em Itajuípe, ex-membro da Academia Brasileira de Letras, e um levantamento de obras de e sobre Adonias Filho, muito útil.

No prefácio, o professor, doutor e escritor Marcus Mota observa: “Creio que este livro é uma grande contribuição para tornar acessível a obra de Adonias Filho, ao balancear atenta escolha de

trechos dessa obra com comentários pertinentes e bem propostos. É, novamente, livro de escritor sobre escritor, com todo o cuidado e devoção de alguém que dedicou sua vida para a literatura. Creio que não pode haver melhor homenagem: ser lido por alguém que de fato ama escrever.”

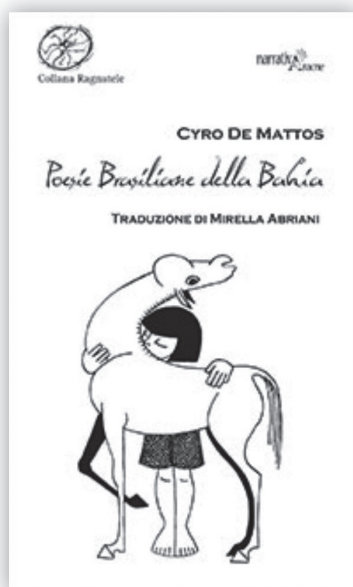


*Todo o peso terrestre.* Este livro do autor Cyro de Mattos foi publicado no final de dezembro do ano passado, pela Editora Mondrongo. Reúne dez contos de natureza intimista, nos quais o foco é a solidão das criaturas em seu estar no mundo. A imagem da capa é um desenho do pintor espanhol Miguel Elías, inspirado num poema

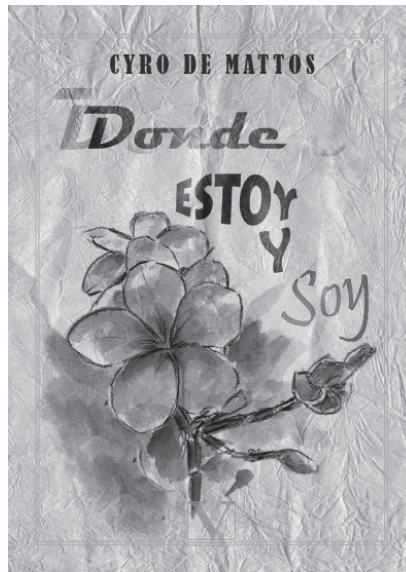


de Fernando Pessoa. Os personagens se movimentam em pequenos espaços, sem vínculo com o Sul da Bahia, como é costume nos contos do autor. A velhice e a morte, sinônimos de solidão, estão também muito presentes nas narrativas do livro, quase todas sem descrições prolongadas, de deixarem o leitor cansado. O contista se entrega por inteiro à história, ao enredo e aos personagens, a linguagem é atual, ora como prosa poética, ora próxima da oralidade, sem se deixar seduzir pelos desgastados dialetos dos regionalistas.

### Em editoras européias:



*Poesie Brasiliane della Bahía* (*Poesia Brasileira da Bahia*) é o livro de poemas do escritor e acadêmico Cyro de Mattos publicado pela Aracne Editora, <<http://www.aracneeditrice.it>>, de Roma, Itália, uma das mais importante nos meios universitários da Europa. A tradução para o italiano é da poeta e escritora Mirella Abriani, com e desenho da capa de Ângelo Roberto. Foi incluído na Coleção Ragnatele.



O poeta baiano teve publicado também pela Editora Verbum, de Madri, Espanha, em 2017, a antologia poética *Donde Estoy y Soy (Onde Estou e Sou)*, com tradução e prefácio do poeta espanhol-peruano Alfredo Pérez Alencart, e posfácio do poeta e filólogo mexicano Juan Angel Torres Rechy, ambos professores da Universidade de Salamanca. A capa traz desenho do pintor espanhol Miguel Elias. Incluído na Colección Poesía Verbum.

## Livro comemorativo de 100 anos de magistério de Ruy Póvoas

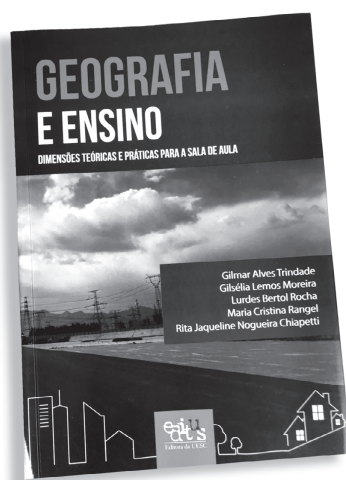


Para comemorar 100 anos de magistério, a Editus, editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, publicou *Representações do escondido*, do escritor e babalorixá Ruy Póvoas. O livro compõe, com outra publicação, *Da porteira para fora*, uma obra maior: O LABIRINTO PRETO E BRANCO.

A partir de bases teóricas como Gaston Bachelard e Serge Moscovici, o autor traz neste livro o resultado das experiências acumuladas ao longo de mais de 70 anos de vida, grande parte deles dedicada ao magistério. A proposta, a partir de temáticas como educação, ética, ecumenismo, diversidade e africanidade, é oferecer considerações sobre representações da nossa realidade, permitindo que o leitor ultrapasse o dado evidente e alcance o real oculto.

A certa altura desse brilhante conjunto de textos, Póvoas afirma: “É necessário mergulhar no real oculto, que cobra novas atitudes por parte dos governantes, da elite dominante e da sociedade como um todo. Caso contrário, nossas representações sociais não passarão de simples imitadoras do que outras sociedades conquistaram, porque essas fizeram bom uso do conhecimento, inclusive do livro, da biblioteca.”

## Acadêmica alitana Lurdes Bertol na coletânea *Geografia e ensino*



A professora universitária Lurdes Bertol Rocha integra o elenco de autores que participa da obra *Geografia e ensino*, publicada pela Editus, editora da UESC, em 2017. A obra tem como foco central o ensino de Geografia, com importantes discussões teóricas e reflexões sobre o papel e a importância da pesquisa escolar. Lurdes Bertol Rocha é Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Sergipe, com a defesa da tese: *A região cacauzeira da Bahia – uma abordagem fenomenológica*. Professora titular aposentada (junho 2014) da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus - BA. Atuou na área de Geografia, principalmente em temas relacionados à Geografia da Percepção, Fenomenologia, Semiótica, tais como: mapa mental, signo, linguagem verbal, funções e significados das praças de Itabuna, transformação do centro urbano, percepção da região cacauzeira da Bahia. Pertence à Academia de Letras de Itabuna. Ocupa a cadeira 6, que tem como patrono Milton Santos.

## Editora da UESC publica estudos sobre a obra de Cyro de Mattos



O novo número da coleção Cadernos de Aula, publicada pela Editus — Editora da UESC, Universidade Estadual de Santa Cruz, é *Literatura do Cacau — Cyro de Mattos: Estudos Literários*, organizado pela professora Reheniglei Rehem. É resultado de aulas na disciplina Literatura Sul-Baiana, do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), no período compreendido entre 2013 a 2015. E das atividades em seminários e pesquisas ministradas pela organizadora da obra, professora doutora Rehehniglei Rehem.

As análises textuais se baseiam nos conceitos de conto, poesia, sujeito-lírico, identidade, globalização, representações e tipofilia nas obras do escritor grapiúna. Segundo Reheniglei Rehem, assim visto, com enfoques na obra do contista, cronista, poeta e autor de livro para crianças e jovens, o livro pretende contribuir com a divulgação e circulação do conhecimento acadêmico, fazendo valer, assim, com o mencionado processo de retroalimentação do tripé Ensino — Pesquisa — Extensão do Curso de Letras da UESC.

## Poesia de Valdelice Pinheiro é traduzida e divulgada na Espanha



[www.itabuna-ba.com.br](http://www.itabuna-ba.com.br)

**A**lfredo Perez Alencart é um poeta peruano há anos radicado em Salamanca onde é professor da universidade dessa cidade conhecida como de saber e cultura. É tradutor dos poetas brasileiros Carlos Nejar, Álvaro Alves de Faria, Cyro de Mattos, Paulo de Tarso e da portuguesa Maria do Samero Barroso.

Com o título de “Bautismo y Otros Poemas/Batismo e Outros Poemas”, o poeta peruano-espanhol Alfredo Perez Alencart traduziu cinco poemas de Valdelice Soares Pinheiro, que foram publicados no jornal “Protestante Digital”, em edição de 10 de janeiro de 2019. Os poemas de Valdelice foram ilustrados com imagens dos pintores Tintoretto, Nicolás Maes e Picasso e são os seguintes: “El Bautismo de Cristo/Batismo de Cristo”, “Creación/Criação”, “Poema para la Natividad/Poema de Natal”, “Paz/Paz” e “Se yo te digo adiós/Se eu te disser adeus”. Além disso, a matéria sobre a autora itabunense traz na introdução uma foto grande quando a poeta era jovem.

O poeta Alfredo Perez Alencart referiu-se a Valdelice Soares Pinheiro como uma autora excelente, ressaltando que apesar de

pouco conhecida no Brasil é possuidora de uma poesia magnífica. “Com especial prazer, traduzi estes poemas da brasileira Valdelice Soares Pinheiro (1929-1993), nascida e falecida em Itabuna, Estado da Bahia. Em vida ela apenas publicou dois livros de poemas: “De Dentro de Mim” (1961) e “Pacto” (1977). Além desses poemários publicou alguns poemas esparsos. Em 2011 apareceu “O Canto Contido”, coletânea organizada pelo poeta e ficcionista Cyro de Mattos, reunindo os dois primeiros livros e textos dispersos, do qual foram extraídos os cinco poemas ora traduzidos. Muito premiado, autor de mais de vinte livros, esse poeta imenso, Alfredo Pérez Alencart é publicado em mais de vinte países.

Leia abaixo os poemas de Valdelice Soares Pinheiro publicados na Espanha:

*EL BAUTISMO DE CRISTO: BAUTISMO Yo te prometo, hermano, un bautismo cristiano. Haré tu inmersión en las mismas aguas mías, dentro de las mismas oportunidades. Sin caridad, por obligación, te envolveré en la flor del trigo azul, perfumaré tu cuerpo en la realidad del pan y te untaré de leche y miel. Abriré tu sonrisa en una nueva Primavera. CREACIÓN Dios besó a las abejas y a las cerezas y dibujó los divinos dientes en la pulpa de una guayaba. Después encargó a los niños y a los pajaritos el sabor de la vida. POEMA PARA LA NAVIDAD En medio de todas las alegrías por el Niño Dios nacido, tanta sangre por los niños que no nacen. En medio de todos los perfumes y hosannas, tanto grito, tanto olor de dolor en la boca de los niños con hambre. En medio de toda la paz de aquella estrella, tanta inquietud en los ojos de mis hermanos, tanto odio en las manos de los generales. Niño Jesús, cruz y redención, abre de nuevo tu cuerpo sobre nosotros. PAZ Plántense los sueños en la alborada de los dedos. Coséchense las espigas en la mañana de las manos. Y, en el descanso de la noche, la mesa puesta, nazca el amor en el calor del pan. SI YO TE DIGO ADIÓS Yo abriré mis ojos llenos de lágrimas sí, un día, a la orilla de cualquier camino, yo te digo adiós.*

Para ler a matéria sobre Valdelice no “Protestante Digital” clique no link abaixo: <[http://protestantedigital.com/cultural/46180/Bautismo\\_y\\_otros\\_poemas\\_de\\_Valdelice\\_Soares\\_Pinheiro\\_traducidos\\_por\\_A\\_P\\_Alencart](http://protestantedigital.com/cultural/46180/Bautismo_y_otros_poemas_de_Valdelice_Soares_Pinheiro_traducidos_por_A_P_Alencart)>.

## Maria de Lourdes Netto Simões com novo livro de ensaios

**D**outora em Estudos Portugueses; pós-doutora em Literatura Comparada e Turismo Cultural; e pós-doutora em Literatura Portuguesa Contemporânea, pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Comendadora da Ordem do Ensino Público de Portugal (desde 1987). Professora Titular, foi Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus — Bahia (1996-2000). Foi Conselheira Estadual de Cultura do Estado da Bahia (2011-2013). Pesquisadora Senior da Universidade Estadual de Santa Cruz, atualmente é Consultora para assuntos Literários e Culturais, inclusive os relacionados a fluxo turístico. Estes são alguns valores que fazem parte do percurso intelectual de Maria de Lourdes Netto Simões, que ocupa a cadeira 31 da Academia de Letras de Itabuna, tendo como patrono o poeta Ildásio Tavares. Ela publicou neste ano de 2019 mais um livro de ensaios: *Pluralidades, patrimônio cultural e viagem: relendo a literatura sul-baiana*, Editus, editora da UESC, 2019. O livro traz ensaios fundamentais sobre o patrimônio cultural do sul da Bahia e, entre eles, Literatura e Viagem, O Imaginário das Especiarias na Literatura Sul-Baiana, Faces Adonianas, Obra de Presenças e Sentidos: Dicionareco de Euclides Neto, A Escrita do Eu e o Patrimônio Local: a Expressão de Valdelice Pinheiro, Ficção de Memórias em Cyro de Mattos e Era uma Vez Xerazade, contos de Hélio Pólvora.





## Margarida Fabel e seu segundo romance: *Entre margens*



**M**argarida Fabel é docente aposentada da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, onde atuou por longos anos como professora Titular de Literatura Brasileira. Ali, além de atuar como docente, exerceu vários cargos acadêmicos, tendo sido Vice-Reitora no período de 1996 a 2004. Foi Coordenadora Editorial da Revista FESPI e da Revista ESPECIARIA, periódicos científicos da Universidade. Foi membro do Conselho Estadual de Educação — CEE, Ba, de 1998 a 2006, onde compunha a Câmara de Educação Superior. É residente em Salvador, Capital do Estado. Tem três filhos e seis

netos. Permanece ligada à sua cidade, Itabuna, onde preserva amigos, colegas e familiares. Ocupa a cadeira 12 da Academia de Letras de Itabuna, ALITA, cujo patrono é o médico e poeta Gil Nunes Maia. Em *Entre margens*, segundo romance da autora, pontifica uma narradora com invulgar vocação para sofrer e reagir, numa história que combina a persona da tragédia e o romance capa e espada, a simplicidade do cordel e a profundidade da análise psicológica. Como todo bom texto de ficção, este comporta leituras diversas, talvez surpreendentes à autora. Logo, se alguém disser que o romance de Valquíria e Jonathan sabe a Romeu e Julieta com happy end, tudo bem. E se algumas passagens lhe trouxerem, como a mim me trouxeram, um nó à garganta, lembre-se de que se sentir emoções é próprio do ser humano, provocá-las é apanágio da arte.

## Jurista Edvaldo Brito empossado na Academia de Letras da Bahia

O professor e vereador Edvaldo Brito foi empossado no dia 29 de outubro de 2019 na Academia de Letras da Bahia, em Salvador, quando então passou a ocupar a cadeira número 2, cujo patrono é Manoel Botelho de Oliveira. Foi recebido pelo ensaísta e escritor Joaci Goes, atual presidente da instituição. A escolha foi feita em 17 de outubro.



Foto: Luiza Lopes/bahia.ba

Graduado em Direito pela UFBA, pertenceu à turma de 1962, da qual fizeram parte os escritores João Ubaldo Ribeiro, Cyro de Mattos e Ildásio Tavares. Há mais de seis décadas atuante como

professor, ele é Doutor em Direito Tributário pela Universidade de São Paulo (USP) e professor emérito da Universidade Federal da Bahia (Ufba) e da Mackenzie (SP).

Conferencista exemplar, Edvaldo foi prefeito de Salvador e tem participado de várias bancas examinadoras de teses para doutorado em universidades brasileiras. É membro da Academia de Letras de Ilhéus e da Academia de Letras de Itabuna (ALITA). Sobre a conquista de ter sido eleito para ser o novo imortal da Academia de Letras da Bahia, sucedendo ao escritor Guilherme Raddel, disse:

“É como se fosse um presente de aniversário, que comemorei no dia 3 de outubro passado. Agora faço parte da casa mais importante da cultura baiana, uma posição que muito me enobrece, e procurarei honrar essa escolha, não somente me empenhando cada vez mais na minha produção técnico-literária, como cultuando a responsabilidade de ocupar a cadeira que já foi de Manuel Botelho de Oliveira, que também foi advogado e vereador”.

## Sobre *Poemas de terreiro e orixás*



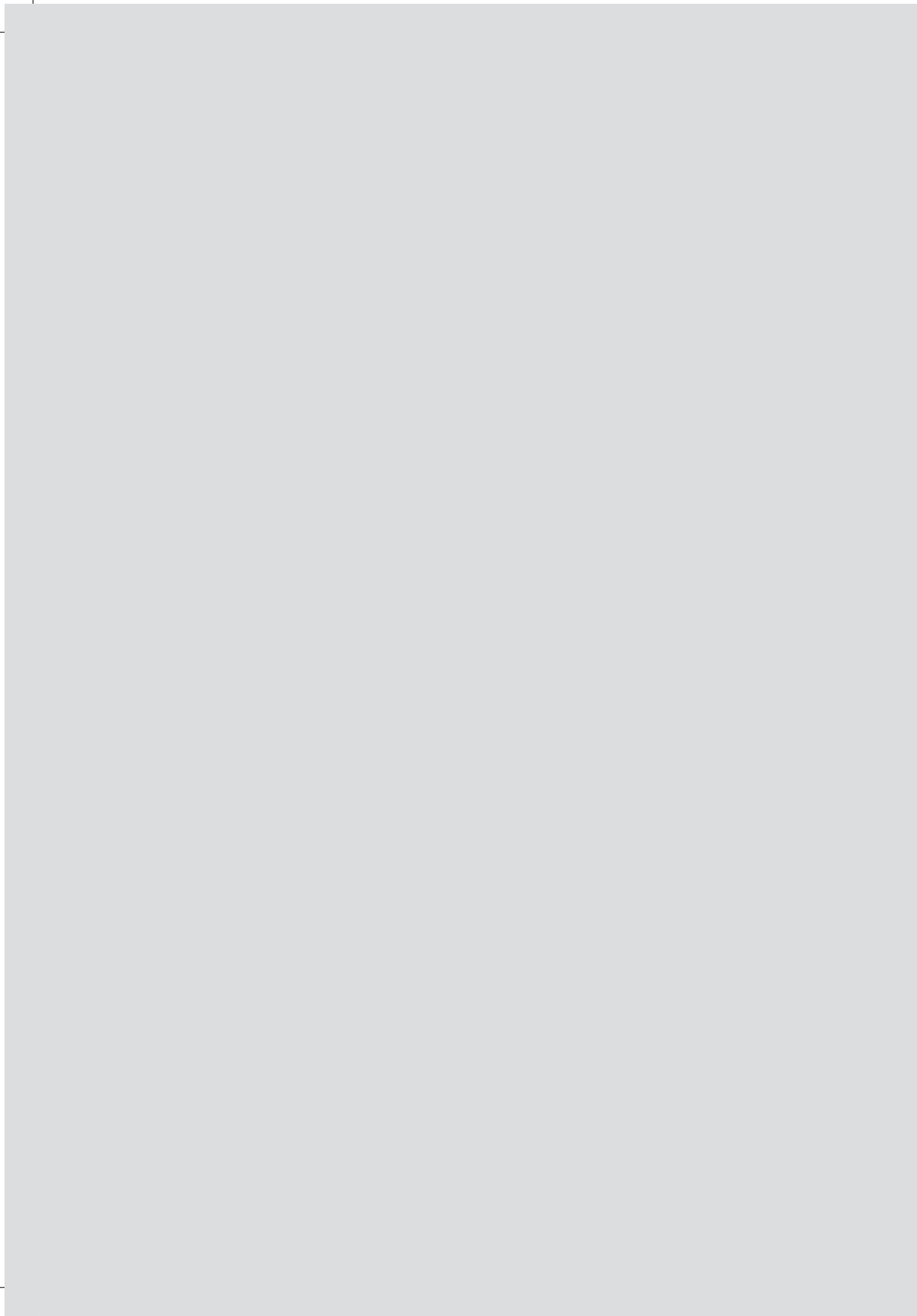
**E**m *Poemas de terreiro e orixás*, Edições Mazza, 2019, do baiano Cyro de Mattos, há um modo encantatório de pensar o negro. Sentimentos refletem um jeito comovente de ser negro, ritmado no canto vindo da África, que transforma a alma em crença e magia. Imagens dizem de coisas tristes, que não se apagam no rastro das distâncias, na sucessão infeliz dos momentos. Mas há também vozes de uma gente alegre, que consegue suplantar os limites contrários impostos pela existência. Com saberes, histórias,

sonhos, costumes, preceitos, liturgias. Esse negro com seus orixás comparece nesse livro como cantiga feita de amor, para seduzir com solidariedade. O negro afrodescendente com o seu universo plantado na Bahia, como testemunho do homem carregado de poesia, valores que tornam perceptíveis os movimentos viáveis da vida. O livro teve lançamento na Academia de Letras da Bahia, sediada em Salvador, em setembro de 2019.



**DIVERSOS**





## QUADRO SOCIAL DA ALITA – PATRONO ADONIAS FILHO

### PATRONOS – MEMBROS FUNDADORES

Cadeira	Patrono	Titular
01	Ruy Barbosa	Marcos Antonio Santos Bandeira
02	Sosígenes Costa	Silmara Santos Oliveira
03	Nestor Passos	Carlos Eduardo Lima Passos da Silva
04	Helena Borborema	Dinalva Melo do Nascimento
05	Jorge Amado	Cyro Pereira de Mattos
06	Mílton Santos	Lurdes Bertol Rocha
07	Telmo Padilha	Sione Maria Porto de Oliveira
08	Euclides Neto	Maria Luiza Nora de Andrade
09	Walker Luna	Rilvan Batista de Santana
10	Amélia Rodrigues	Ary Quadros Teixeira
11	Minelvino Francisco da Silva	Marialda Jovita Silveira
12	Afrânio Peixoto	Antônio Laranjeira Barbosa
13	Plínio de Almeida	Ruy do Carmo Póvoas
14	Valdelice Soares Pinheiro	Sônia Carvalho de Almeida Maron
15	José Haroldo Vieira	Gustavo Fernando Veloso Menezes

### PATRONOS MEMBROS EFETIVOS

Cadeira	Patrono	Titular
16	Abel Pereira	Ceres Marylise Rebouças de Souza
17	Machado de Assis	Hélio Pólvora, primeiro ocupante
18	Anísio Teixeira	Raimunda Alves Moreira de Assis
19	Aracyllo Marques	Ricardo Cruz
20	Ariston Caldas	Renato Oliveira Prata
21	Augusto Mário Ferreira	
22	Castro Alves	Aleilton Fonseca
23	Saboia Ribeiro	Carlos Válder do Nascimento
24	Clodomir Xavier de Oliveira	Celina Silva dos Santos
25	Elvira Foepel	Raquel Silva Rocha
26	Fernando Leite Mendes	Jorge Luiz Batista
27	Fernando Sales	Maria Palma Andrade
28	Firmino Rocha	Delile Miranda de Oliveira, primeira ocupante
29	Gil Nunesmaia	Margarida Cordeiro Fahel
30	Hélio Nunes	João Otávio Moreira Macedo
31	Ildásio Tavares	Maria de Lourdes Netto Simões
32	Itazil Benício	Sérgio Alexandre Menezes Habib
33	João da Silva Campos	
34	Jorge Calmon	Luiz Antonio dos Santos Bezerra
35	Jorge Medauar	
36	José Bastos	Maria Rita Coelho Dantas
37	Luiz Gama	Gideon Alves Rosa
38	Manoel Lins	Naomar Monteiro de Almeida Filho
39	Manoel Fogueira	Janete Ruiz de Macedo
40	Natan Coutinho	

### MEMBROS CORRESPONDENTES

Aramis Ribeiro Costa	Edvaldo Pereira Brito
Cristiano Lobo	Roberto Sidney Macedo

## O nome da revista

**Guriatã** é um pássaro pequeno, muito encontrado outrora nas fazendas da Região Cacaueira Baiana. Tem o dorso negro-azulado brilhante, a ponta das asas é de um castanho-claro, lado inferior amarelo. Mancha amarela na frente. Imita o canto de outros pássaros. Muito apreciado para ser criado em gaiola. Por sua versatilidade de pássaro cantante e por não ser comum encontrá-lo em abundância hoje, a Academia de Letras de Itabuna (ALITA) presta singela homenagem a esse músico versátil, tomando emprestado o nome dele para batizar sua Revista. (CM)



## **OS MEMBROS FUNDADORES DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA (ALITA), EM 19 DE ABRIL DE 2011**

Dr. ANTONIO LARANJEIRA BARBOSA  
Prof. ARY QUADROS TEIXEIRA  
Dr. CARLOS EDUARDO LIMA PASSOS DA SILVA  
Dr. CYRO PEREIRA DE MATTOS  
Dra. DINALVA MELO  
Prof. GUSTAVO FERNANDO VELOSO MENEZES  
Dra. LURDES BERTOL ROCHA  
Dr. MARCOS ANTONIO SANTOS BANDEIRA  
MARIALDA JOVITA SILVEIRA  
MARIA GENNY XAVIER CONCEIÇÃO  
MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE  
Prof. RILVAN BATISTA DE SANTANA  
Dr. RUY DO CARMO PÓVOAS  
Dra. SIONE MARIA PORTO DE OLIVEIRA  
Dra. SÔNIA CARVALHO DE ALMEIDA MARON

**PRIMEIRA CERIMÔNIA DE POSSE DOS MEMBROS  
DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA (ALITA)**

